

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

ANNA JÚLIA BUENO DO NASCIMENTO

DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR:

Intertextualidades Feministas em Quem Tem Medo do Feminismo negro? (2018)

Assis

2026

ANNA JÚLIA BUENO DO NASCIMENTO

DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR:

Intertextualidades Feministas em Quem Tem Medo do Feminismo negro? (2018)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura Comparada e Estudos Culturais

Bolsista Capes: número da inscrição
88882.461710/2019-01

Orientador(a): Prof. Dr. Daniela Mantarro
Callipo

Assis

2026

N244d Nascimento, Anna Júlia Bueno
Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir :
Intertextualidades Feministas em Quem Tem Medo do
Feminismo Negro? (2018) / Anna Júlia Bueno
Nascimento. -- Assis, 2026
120 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Daniela Mantarro Callipo

1. Literatura Comparada. 2. Feminismos. 3.
Intertextualidade. 4. Djamila Ribeiro. 5. Simone de
Beauvoir. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DA PESQUISA

Esta pesquisa busca ressaltar discussões sobre feminismo, de forma livre, para que todas as pessoas possam empatizar com a luta histórica das mulheres, sem o discurso marcado por pré-conceitos. Quebra com as barreiras elitistas, suscitando o respeito às produções de mulheres na Literatura. Viso contribuir com os estudos feministas e de gênero.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research seeks to highlight discussions about feminism, in a free way, so that all people can empathize with the historical struggle of women, without the discourse marked by preconceptions. It breaks down elitist barriers, arousing respect for women's productions in Literature. I aim to contribute to feminist and gender studies.

ANNA JÚLIA BUENO DO NASCIMENTO

DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR:

Intertextualidades Feministas em Quem Tem Medo do Feminismo negro? (2018)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração:

Data da defesa: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniela Mantarro Callipo
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

Prof. Dr. Alexandra Santos Pinheiro
Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Cleide Antonia Rapucci
Faculdade de Ciência e Letras da UNESP de Assis

Prof. Dr. Nome do membro da banca 3
Faculdade de Ciência e Letras da UNESP de Assis

Prof. Dr. Nome do membro da banca 4
Faculdade de Ciência e Letras da UNESP de Assis

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ANNA JÚLIA BUENO DO NASCIMENTO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 04 de março de 2026, às 14h30min, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ANNA JÚLIA BUENO DO NASCIMENTO, intitulada "DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR: Intertextualidades Feministas em Quem Tem Medo do Feminismo negro? (2018)". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP / Câmpus de Assis - FCLAs, Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: __ APROVADO __ . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Dedico este trabalho a Olívia Catharina, meu grande amor, minha filha. Que desde julho de 2025, muda minha vida. Seja livre e defenda seus valores. Não tenha receio de se posicionar.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

À Olívia Catharina, mesmo tão pequena, foi meu apoio, minha força para continuar, meu alicerce nesse mundo.

Ao meu companheiro de vida e amigo, Leonardo. Por tantas discussões e momentos de suporte, sem você, essa pesquisa não seria possível. Pelo amor, o qual é base da nossa relação e por renunciar a tanto para que isso fosse possível. À nossa família, dedico esta dissertação.

À minha família, que esteve comigo integralmente. Obrigada por serem a minha base emocional.

Aos meus pais, que sempre foram necessários em minha vida. Por serem sempre um lugar no qual posso retornar, minha base, meu apoio. Sem vocês, eu não seria nada.

À Isabelle, que não me deixou desistir, por me apoiar em todo esse processo. Pelo apoio, pelo carinho e pelo amor que sempre foram necessários na minha caminhada. Obrigada por estar aqui.

À Julia, que desde a graduação foi minha base, amiga e apoio. Por passar tantos momentos e permanecer.

À minha orientadora, Daniela Callipo, por me acolher no momento mais difícil e decisivo em minha vida. Por aceitar minhas ideias, por ser a base que tanto faltava para que eu pudesse prosseguir no meio científico. Obrigada pelo apoio, paciência e carinho que sempre foram os fundamentos desse ser iluminado.

Às professoras Cleide e Alexandra, pelas excelentes sugestões e responsáveis pela construção desse trabalho, além de serem o contato com leituras de base que levarei para a vida.

À Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Assis, por ser minha casa e poder proporcionar não só o grau em licenciatura, mas me tornar mestre.

Se o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos
(Beauvoir, 1949, p. 62).

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. (Ribeiro, 2018, p.27)

Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo. (Ribeiro, 2018, p.27)

RESUMO

O presente trabalho discute a obra *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (2018), da escritora e feminista negra Djamila Ribeiro, em diálogo com o livro *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, partindo-se das numerosas menções de Ribeiro a Beauvoir. Ribeiro é um nome representativo do feminismo negro contemporâneo e seu diálogo com as ideias de Beauvoir — uma das primeiras pensadoras francesas do movimento feminista no século XX — incita algumas discussões. Ambas as obras e as ideias expressas são estudadas a partir da intertextualidade, direta e indireta, que se estabelece nos ensaios de Djamila. Além de Beauvoir, Ribeiro chama para a discussão pensadoras feministas que, por outros caminhos, igualmente debatem e questionam a condição do ser mulher, fundamentando também essa construção de ideias, de posicionamento, de pensamento, de suas obras e de suas reflexões, como Grada Kilomba, Judith Butler, Lélia Gonzalez, bell hooks, Sueli Carneiro, Alice Walker e Angela Davis, para citar algumas. São nomes da corrente de pensamento feminista que demonstram como, a partir dessa conexão de ideias, pode-se unir vida, literatura e história para a luta das mulheres. A intertextualidade dos ensaios alicerça-se nas contribuições teóricas de Tiphaine Samoyault (2008), Bakhtin (1999/2000), Tânia Franco Carvalhal (1994/2006), Eduardo Coutinho (1994), Ricardo Piglia (1999), Antoine Compagnon (2007), além de outras e outros. Deste modo, delimita-se de que maneira o diálogo entre os textos se processa por intermédio da análise de ensaios específicos nos quais Djamila menciona Beauvoir, visto que ambas abordam problemáticas atemporais, contemporâneas e estruturais. Na análise, entende-se, como um dos resultados, que existe uma forte relação com Beauvoir nas leituras de Ribeiro. O objetivo é analisar a realidade da condição da mulher na sociedade através do olhar das autoras e pensar de que modo a obra francesa contribuiu para a produção brasileira. Visa-se reforçar o caráter plural das mulheres e a relevância de literaturas escritas por elas, as quais experimentam o mundo a partir da resistência, além de ressaltar os aspectos da vivência feminista interseccional.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Feminismos; Intertextualidade; Djamila Ribeiro; Simone de Beauvoir.

RÉSUMÉ

Le présent travail aborde l'ouvrage *Chroniques sur le féminisme noir* (2018), de l'écrivaine noire et féministe Djamila Ribeiro, en dialogue avec le livre *Le Deuxième Sexe* (1949), de Simone de Beauvoir. Cette réflexion part des nombreuses références à Beauvoir présentes dans l'œuvre de Ribeiro. Figure représentative du féminisme noir contemporain, Ribeiro établit un dialogue avec les idées de Beauvoir — l'une des premières penseuses françaises du mouvement féministe du XX^e siècle —, ce qui suscite diverses discussions. Les deux œuvres ainsi que les idées qui y sont exprimées sont étudiées à partir de l'intertextualité directe et indirecte établie dans les essais de Djamila Ribeiro. Outre Beauvoir, Ribeiro convoque également à la réflexion d'autres penseuses féministes qui, chacune à leur manière, débattent et remettent en question la condition féminine, en ancrant leurs réflexions dans leurs expériences, leurs positionnements et leurs œuvres, telles que Grada Kilomba, Judith Butler, Lélia Gonzalez, bell hooks, Sueli Carneiro, Alice Walker et Angela Davis, pour n'en citer que quelques-unes. Ces figures du courant féministe montrent comment, à travers cette mise en relation des idées, la vie, la littérature et l'histoire peuvent s'unir dans la lutte des femmes. L'intertextualité des essais s'appuie sur les contributions théoriques de Tiphaine Samoyault (2008), Mikhaïl Bakhtine (1999/2000), Tânia Franco Carvalhal (1994/2006), Eduardo Coutinho (1994), Ricardo Piglia (1999), Antoine Compagnon (2007), entre autres. Ainsi, ce travail délimite la manière dont le dialogue entre les textes est traité à travers l'analyse d'essais spécifiques dans lesquels Djamila Ribeiro mentionne Beauvoir, puisque toutes deux abordent des problématiques intemporelles, contemporaines et structurelles. L'analyse permet de constater, parmi les résultats obtenus, l'existence d'une forte relation avec la pensée de Beauvoir dans les lectures de Ribeiro. L'objectif de cette recherche est d'analyser la réalité de la condition des femmes dans la société à travers le regard de ces auteures, ainsi que de réfléchir à la contribution de l'œuvre française à la production intellectuelle brésilienne. Elle vise également à souligner le caractère pluriel des expériences féminines et la pertinence des littératures écrites par des femmes qui vivent le monde à travers la résistance, tout en mettant en lumière les dimensions de l'expérience féministe intersectionnelle.

MOTS-CLÉS : Littérature Comparée ; Féminismes ; Intertextualité ; Djamila Ribeiro ; Simone de Beauvoir.

SUMÁRIO

SEÇÃO I — INTRODUÇÃO	13
SEÇÃO II – DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR: UMA APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DAS AUTORAS.	36
2.1. Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir.	36
2.1.1 Djamila Ribeiro	36
2.1.2 Simone de Beauvoir	49
2.2. O feminismo existencialista de Simone de Beauvoir	55
2.3. O feminismo negro brasileiro na obra de Djamila Ribeiro	62
SEÇÃO III - AS OBRAS LITERÁRIAS DE DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR, INTERTEXTUALIDADES ENTRE AS PENSADORAS	72
3.1. Djamila Ribeiro, leitora de Simone de Beauvoir	72
3.2. Aproximações e distanciamentos entre as autoras	75
3.3. Literatura e Filosofia, uma abordagem interdisciplinar	86
SEÇÃO IV — A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE NO FEMINISMO: DEBATE ACERCA DAS CITAÇÕES DE BEAUVOIR EM RIBEIRO	97
4.1. Diálogos intertextuais	101
SEÇÃO V — CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS	122

SEÇÃO I — INTRODUÇÃO

Esta dissertação buscou comparar, pelo viés comparativo, as obras, *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (2018) da autora Djamila Ribeiro e *O Segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir. A primeira obra trata de uma reunião de artigos jornalísticos, publicados pela autora na revista *Carta Capital*, no período de 2014 a 2017, nos quais a autora refletiu sobre o feminismo e o racismo no cotidiano, pautando-se em eventos atuais e atemporais. Na segunda obra, a filósofa francesa discutiu as opressões femininas, estudando as camadas da sociedade que levaram à esses paradigmas acerca do gênero. Ela discute sobre a categoria da mulher como *o outro* na sociedade e quais os meios para a manutenção desses padrões. Ambas as obras são célebres e significativas para o feminismo e a história do movimento. O que se analisará neste trabalho é o efeito da segunda obra na primeira, a partir das reiteradas citações de Djamila Ribeiro a Simone de Beauvoir.

Meu trabalho surge a partir da minha afinidade com as leituras apresentadas, nasce por motivações importantes relacionadas a minha existência, a qual, como minha pesquisa, busca igualdade e pluralidade, para além da academia, visando à comunicação com públicos diversos, como bem nos ensina Djamila Ribeiro. Meu objetivo pessoal é pensar, em conjunto com os futuros leitores desta dissertação, como a violência de gênero atinge as mulheres e os meios para questionar esses padrões arcaicos da sociedade. Neste trabalho, buscarei juntar forças com outras mulheres escritoras e ativistas, para que tenhamos consciência da importância feminista na vida, na sociedade e na cultura, além de refletir acerca dos modos impostos ao gênero e aos corpos diversos na sociedade, buscando a liberdade para pessoas que têm seus destinos marcados nesta sociedade.

A história deste projeto está intimamente ligada às minhas leituras, mas, sobretudo, à necessidade do meu senso de justiça para com essa sociedade que nos massacra, que coloca determinadas pessoas em situações de vulnerabilidade. Não é possível sobreviver em um mundo que obriga a viver dessa forma sem se posicionar. Esta pesquisa começa porque se percebe a existência de um espaço na academia para discutir feminismo e é a Literatura que abre as portas para isso. Meu projeto raia na importância do feminismo para a sociedade, para quem espera lutar por um mundo melhor. Desse modo, este lugar na academia é fundamental. E, nesse sentido, a Literatura Comparada é um espaço de re-viver, re-lembrar e, a partir de alguns textos, produzir novas ideias, novas Literaturas e um novo saber que veio de um diálogo intenso de construção de pensamento.

No ano de 2022, cursei uma matéria de Literatura Comparada com a minha orientadora, Daniela Mantarro Callipo, “Estudos Comparados e Transferências Culturais: conexões e mestiçagem”. Com a disciplina, percebi que as fronteiras da Comparada eram esgarçadas, que não havia um padrão pré-determinado de comparação — como muitos pensadores defendem — e observei que as obras poderiam ser comparadas em grau de igualdade. Eduardo Coutinho assegura essa ideia, quando critica as posições etnocêntricas visíveis no início da disciplina no século XIX. Em seu texto, *Literatura Comparada Hoje* (2014), ele disserta acerca de um panorama histórico que possibilitou esse *esgarçamento* das fronteiras, indo contra moldes padronizados de comparação. Ele ressalta que a área, transversal em sua essência, surge em confronto com as áreas tradicionais da literatura, que trabalhavam, por exemplo, o mesmo idioma ou obras unicamente nacionais, estabelecendo um limite linear de comparação. A evolução da Literatura Comparada se dá com correntes contrárias à esse etnocentrismo, tornando difícil definir limites para a disciplina. Isso fica explícito em:

Tal transversalidade, ao assegurar à disciplina um caráter de amplitude, confere-lhe ao mesmo tempo um sentido de inadequação à compartimentação do saber que, como afirma Wlad Godzich em seu *The Culture of Literacy*, dominou as instituições de ensino no Ocidente a partir do Iluminismo”, e projeta a Literatura Comparada em um terreno pantanoso, cujas fronteiras, frequentemente esgarçadas, tornam difícil qualquer delimitação (Coutinho, 2014, p. 17/18).

Assim, no texto, ele afirma essa interdisciplinaridade da Literatura Comparada que transcende os limites comparativos, isto é, não se detém apenas aos padrões específicos e configura-se como uma linha ampla de trabalho. É nesse sentido que, como pesquisadora, não via outra possibilidade de amparo metodológico senão pelas vias da comparação entre duas literaturas, que veremos nas seções seguintes do meu texto. Em outra passagem, ademais, o favorecimento metodológico da disciplina fica ainda mais visível:

As fronteiras, embora tênues, que ainda marcavam o comparatismo com relação a outras áreas do conhecimento foram amplamente esgarçadas, e a disciplina, além de absorver elementos de outras e de prestar subsídios a suas elaborações, tem-se erigido como espaço de reflexão sobre a produção, a circulação e a negociação de objetos e valores, contribuindo assim de maneira decisiva para a esfera mais ampla dos estudos de humanidades (Coutinho, 2014, p.32).

Desse modo, conjuntamente a essa evolução dessa área da Literatura, comparar obras distintas nacionalmente e com pensamentos marcados por suas épocas, ampara a ideia de

exaltar a produção latino americana e feminista, ainda que existam distâncias e aproximações entre as autoras. Além disso, essa passagem de Coutinho comprova o quão importante é que a Literatura esteja em diálogo com outras áreas do conhecimento, como o caso desse trabalho que dialogou com a Filosofia.

Zilá Bernd, favoravelmente a essa ideia, em *Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade* (2013), já debatia a noção de estabilidade da disciplina. No texto, ela reflete acerca da mobilidade transnacional e de que modo a Literatura acompanha esses movimentos, o que reflete a ideia de que a Comparada não pensa em limites fixos de comparação, superando esses padrões pré-determinados de análise comparativa. Isto é, os limites para isso são movediços e podem acontecer entre textos de diferentes naturezas, regiões, tipos ou nacionalidades. Minha intenção, acima de qualquer colonialidade, é quebrar com os moldes colonizadores de apagamento das culturas latino-americanas, sendo um vislumbre a exaltação da obra de uma pensadora brasileira.

A partir de Bakhtin (1990), adiante, aprendi que nenhum texto existe de maneira isolada, é sempre uma cadeia de diálogos. Os textos existem em constante contato com outros pensamentos, ideais, escrituras, linguagens, literaturas, temas e estilos, seja implícita ou explicitamente, por meio de uma citação, de uma alusão ou de uma mera lembrança.

A Intertextualidade, conceito que será utilizado como base metodológica para guiar a análise comparativa deste trabalho, é definida como uma relação de diálogo entre textos, basicamente. Trata-se daquilo que está dentro de um texto em relação com outro texto, uma vez que essa produção é aquilo que produz uma mensagem. Muitos autores tentaram definir o conceito, sendo Bakhtin o norteador, uma vez que ele pensa a respeito da cadeia de diálogos entre os textos. O *dialogismo* é um conceito-chave do pensador russo, mas é a partir de leitores dele que a Intertextualidade surge. Ela aparecerá como uma referência direta ou indireta, uma alusão, uma paródia ou simplesmente como uma relação em textos. É dessa forma que a leitura comparativa dessa dissertação ocorre, pois há uma relação explícita entre as menções de Beauvoir nas obras de Ribeiro. Ela guiará a leitura comparativa, pois essas relações acontecem de formas diferentes (como podemos perceber nos cinco ensaios analisados na seção IV).

Através da Intertextualidade, em sua diversidade, os textos se comunicam. Foi nesse momento, ao final da disciplina, que surgiu a ideia de comparar as obras presentes neste trabalho. Trazer, a partir de ideias de uma pensadora europeia, a visão de uma pensadora brasileira e colocá-la em destaque.

A Interseccionalidade, no entanto, aparece como um conceito político dentro do movimento feminista negro, é importante que os conceitos não se confundam. Ela, naturalmente, será um guia da análise desse trabalho, uma vez que entendemos que os corpos, em sua diversidade, são atravessados por suas multiplicidades e, por vezes, a intersecção de fatores é um determinante na vida política de uma mulher. Ela é importante para que não se compreenda uma pessoa unicamente, isto é, de forma isolada, mas considerando que o sujeito é atravessado por fatores que se cruzam e entrecruzam. Mais adiante, esmiuçarei os conceitos, que aparecerão no decorrer dos parágrafos, mas é importante que se reconheça o básico que orientará a interpretação aqui colocada.

A intenção, no mais, é que outras pessoas se inspirem no trabalho árduo de Djamila e Beauvoir na inserção do pensamento feminista na Universidade, para percebermos que o feminismo deve ser um lugar da diversidade de pensamentos, mas, sobretudo, do acolhimento e da solidariedade.

A Literatura Comparada permitiu notar o quanto isso é possível. É nesse contexto que minha pesquisa nasce: dar visibilidade para o trabalho de uma autora negra e latino-americana que exerce o diálogo direto em suas obras, em contraste com a autora francesa, e ressaltar a grandiosidade de duas mulheres feministas que fizeram história com suas obras. Estabelece-se uma parte fundamental ao refletir a posição das autoras enquanto ativistas: Beauvoir em 1949 ao ser uma das primeiras autoras a questionar os enquadramentos da mulher na sociedade e Djamila Ribeiro, que, em sua época faz uma releitura das ideias de Simone, acrescentando ideias importantes e é parte basilar do movimento do feminismo negro. Defender uma pesquisa feminista é se colocar no mundo, é compreender que não há neutralidade nos discursos, tomar uma posição e anunciá-la bravamente. Compará-la à autora francesa é reflexo das reiteradas citações em suas obras, de fato, mas esse projeto nasce a partir da visível afinidade de Djamila Ribeiro com Simone de Beauvoir, desde sua defesa de mestrado. Ribeiro evoca a grandiosidade de Beauvoir nos seus trabalhos, assentando sua leitura e visão de mundo ao proferir suas ideias feministas.

A partir de todo ensinamento das leituras realizadas no decorrer de minha pesquisa, a intenção desta dissertação é inspirar a dar mais espaço para que mulheres diversas se insiram na academia e no movimento feminista, considerando a percepção de múltiplas autoras mencionadas no decorrer desta dissertação. Espero que, com a leitura desses estudos, mais mulheres possam ter a coragem de ocupar os espaços acadêmicos. Elas descrevem um lugar seguro para as pessoas se expressarem. Além disso, objetivo que a história múltipla das mulheres, com suas muitas vivências, adentre a academia para continuar sendo parte dessa

história feminista. Mães, mulheres cis, transsexuais, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas racializadas e todas as que, de algum modo, buscam por um espaço tranquilo e seguro no mundo para liberdade.

A motivação de discutir *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), de Djamila Ribeiro e *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, duas obras tão importantes na atualidade, surge pela preocupação com um retrógrado problema social: a ignorância cultural que permeia a sociedade, a falta da consciência de classes, gêneros e raça. Ela nasce em conjunto do desejo de que vozes subalternas não se percam no âmbito das discussões científicas e dialoguem com a proposta de divulgação de conhecimento. Ou, nas próprias palavras de Djamila Ribeiro:

Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existências. Além disso, o arcabouço teórico e crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas sobre o modelo de sociedade que queremos (Ribeiro, 2018, p.82).

Ribeiro, como parte da comunidade de produção científica e autora de um trabalho insólito para os moldes da filosofia (que subverte a cátedra acadêmica), compreende a demanda de propagar ideias que contemplem a mulher negra no espaço social, numa história de apagamentos e a importância da discussão feminista no meio acadêmico. Portanto, discute racismo e feminismo concomitantemente. Simone de Beauvoir, por sua vez, igualmente na academia, acerca das motivações que a levaram a discorrer sobre a condição das mulheres, alerta: “dizem-nos que a feminilidade ‘corre perigo’; e exortam-nos: ‘Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.’ Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (Beauvoir, 1979, p.12). Atualizo a questão para: todo ser humano designado ao sexo feminino, cumpre essa realidade ameaçada. Portanto, discuto feminismo através das expectativas sobre o corpo “destinado” a ser mulher.

É válido repensar as bases fundadoras da literatura para concretizar como essas duas obras se entrelaçam e se constroem individualmente a partir de suas pautas feministas. Essas bases movimentam pensamentos diversos, ideias que constroem o movimento na totalidade e surgem por reivindicação de pautas, sobretudo, pela mudança de pensamento institucionalizado acerca dos corpos que são ensinados a ser mulheres. Beauvoir, nesse sentido, construiu uma base para refletir sobre essas questões, discutindo, em primeira

instância, como essa imagem feminina é construída por homens, para, posteriormente, desconstruir essa ideia e seus mitos.

Tal ideia é pensada a partir da premissa existencialista desse questionamento: *o que é ser uma mulher?* Para, assim, desenvolver como essa ideia vem sendo perpassada pela história composta por homens, que colocam a si como sujeito principal e a mulher como um Outro. Ela pensa na categoria da feminilidade colocada como o negativo e o homem sempre como positivo e neutro, o que estabelece uma relação de poder sustentada por séculos.

A autora francesa reforça a necessidade de que a mulher não deve se ater a essas normas sociais impostas e deve renascer destas. Fortalece a diversidade de mulheres, quando expõe a construção da visão que se têm delas e como determinados mitos são construídos ao redor desse *ser mulher*. Compreende-se, através desses dados, que isso não é fixo. É, portanto, uma diversidade — bem como homens podem ser diversos, mas eles existem na sua categoria de sujeito. Ela compreende, bem como Djamila anos a frente, que existe um perigo imanente na feminilidade — por décadas construído e normalizado. Ribeiro igualmente compreende essa demanda e atualiza os termos no que concerne à questão racial, tratando, assim, de feminismo e racismo em sua obra.

Nesse mesmo sentido, Djamila Ribeiro pensa o ser mulher, especificamente, mulher negra nesses moldes de uma sociedade que, independente do hiato entre 1949 e 2018, não mudou muito de pensamento. O que se altera é a posição e a importância das lutas nesses espaços de tempo, é na imposição de pensamento e ações políticas que se têm mudanças, mesmo as pequenas, mas é na obra de Ribeiro que se demonstra como alguns pensamentos permanecem pertinentes às ideias arcaicas, enraizadas no pensamento cultural. Dessa forma, ela se utiliza do ensaio e de artigos para expressar tais ideias e se comunicar com públicos diversos.

Pode-se dizer, portanto, que Beauvoir pensará, no recorte de seu tempo, as categorias que constróem homens e mulheres, mas de maneira binária acerca do gênero. Djamila, refletirá essas categorias, mas adicionará, em suas críticas, outros fatores que atravessam as mulheres, como a questão racial, por exemplo. No primeiro volume do livro *O Segundo Sexo*, Beauvoir implica suas energias em escancarar como a realidade feminina é ameaçada pela história que se conta das mulheres, pelas produções científicas, pela biologização dos corpos, pela psicanálise e por tantos pensadores homens que foram responsáveis por generalizar ideias machistas. Ao fim do primeiro volume de sua obra, a escritora francesa traz a tese da construção dos mitos femininos impostos por essa mesma sociedade, uma idealização de

mulher que se alinha a determinados protótipos de construção levados para instâncias culturais da sociedade.

A Literatura, nesse caso, exerce o papel de criar ideias fixas na ficcionalização feminina. É aí que se tem o perigo da feminilidade imposta. O que, paralelamente, portanto, demonstra por si só as diversidades femininas, que não se detêm no estabelecer de padrões pré-determinados e criados pela virilidade. Pensar a estrutura garante a reflexão acerca disso. É entender que homens criaram durante toda a história uma utopia feminina, um ideal de mulher inexistente ou pouco existente — e, ao mesmo tempo, válido constatar, de Literatura. No segundo volume, as mesmas ideias debatidas antes, são colocadas ao passo da prática, isto é, se reflete sobre como a vivência feminina foi e vem sendo construída e como mitos se tornam verdade ante a cultura. Ignorando, dessa forma, a diversidade de gênero, uma vez que o símbolo do ser mulher passa a ser padrões, quase arquetípicos.

Ambas as filósofas produzem suas literaturas e adaptam o olhar para a realidade vivida e, a partir daí, tomam diferentes caminhos na discussão do feminismo. No entanto, esse laço entre literatura se estreita por uma visão comum: a violência de gênero na relação construída ao decorrer da história. As duas percebem essa violência estrutural, construída como papéis diferentes na história.

Discutir o feminismo, o feminismo negro, o feminismo interseccional, portanto, não se faz somente necessário, como urgente. Levantar essa discussão é o ponto essencial na inserção do debate na academia. Isso pode ser sustentado a partir de inúmeros exemplos incutidos na cultura machista e misógina, cujo maior agravante são as incessantes violências que permeiam o universo daquelas/es atingidos pela figura do universo feminino, seja na cisgeneridade ou na cis-dissidência. Discutir feminismo é importante, pois as taxas de violência contra a mulher ainda são altas no país. Com cerca de “3,7 milhões de brasileiras [que] sofreram violência doméstica ou familiar em 2025” (Senado Federal, 2025, p.1). Além dos baixos salários que, mesmo após dois anos do início desse trabalho, permanecem 20,9% abaixo em relação aos homens brasileiros — ponto a se ressaltar em decorrência do regime capitalista que rege nosso país. A situação piora quando se trata do recorte acerca de mulheres negras, sendo ainda mais baixos para essas, como revela a pesquisa publicada pela CNN Brasil:

Mesmo com aumento da participação feminina no mercado de trabalho, as mulheres brasileiras continuam ganhando 20,9% menos do que os homens, mesmo com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, segundo o 3º Relatório de Transparência Salarial e Igualdade Salarial, divulgado nesta segunda-feira (7), pelos Ministérios do Trabalho e Emprego

e das Mulheres. Segundo os dados, a média salarial dos homens é de R\$ 4.745,53, enquanto a das mulheres é de R\$ 3.755,01 (Noberto, Cristiane, CNN Brasil, 2025, p.1).

A desigualdade é pior para mulheres negras, cuja média salarial é de R\$ 2.864,39 — apenas 47,4% do que recebem homens não negros, que ganham R\$ 6.033,15 em média. No relatório anterior, esse percentual era de 50,3% (Noberto, Cristiane, CNN Brasil, 2025, p.1).

Além das questões referidas acima, falar sobre o feminismo é importante, pois é nesse espaço que podemos encontrar questões profundas que estão anexadas nas estruturas da sociedade, observando, assim, quais são os padrões pré-estabelecidos em relação às mulheres e como se sustentam nos dados. Falar sobre o movimento, também, é discutir a existência de pessoas negras e, especificamente, debater como mulheres são atingidas de maneiras distintas por esse modo de opressão de gênero e de raça. Não deveria ser natural esbarrar nessas questões e permanecer sem profunda indignação em relação a isso. É daí que nascem fortes posicionamentos, como o de Djamila, que aproxima o debate ao meio acadêmico, mas, ao mesmo tempo, o leva a públicos diversos. *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* existe a partir dessa incredulidade para com um sistema que insiste em oprimir pessoas negras, em especial, mulheres negras. Abaixo, um trecho do livro explicita muito bem a demanda à qual me refiro e a devolutiva quando se ousa falar sobre o assunto:

Nós, feministas e militantes da luta antirracista, frequentemente deparamos com esses “profissionais”. É só falar das desigualdades existentes, da violência às quais as mulheres e a população negra estão submetidas, para enfrentar opiniões totalmente infundadas. Pesquisas e estudos são feitos para mostrar o mapa da violência no Brasil, mas a pessoa simplesmente diz que não é bem assim e pronto. Talvez porque não veja. Mas ela nem sequer cogita a possibilidade de ser míope. E quando ainda pacientemente argumentamos, mostramos dados, ela parte para a grosseria. Somos chamadas de feminazis, coitadistas, vitimistas. Tudo isso apenas por falar sobre fatos sociais (Ribeiro, 2018, p.21).

É importante nomear essas experiências porque o ponto de distanciamento entre os dois objetos de análise é, justamente, a perspectiva da narrativa de uma mulher branca, em uma elite burguesa, em outro momento histórico em contraponto com Ribeiro. Uma mulher negra, de classe pobre. Um outro colocar social. — diferente do modo como Simone de Beauvoir irá relatar sua percepção de mundo.

A autora francesa parte da discussão estrutural da construção do ser mulher na sociedade e ela considerará a questão filosófica supracitada acerca do que torna uma mulher;

no entanto, existe nesse ponto um distanciamento crucial que guiará o posicionamento de Ribeiro. Enquanto Beauvoir discute o ponto a partir da relação entre homem e mulher — mesmo que, superficialmente, ela cite a realidade dos negros ou das lésbicas, a discussão se dá nessa relação linear homem-mulher — Djamila toma outros rumos.

Fruto dos pensamentos feministas negros, que haviam reivindicado essa questão (cabe lembrar o discurso de Sojourner Truth), ela readapta a reflexão. Ou seja, a atualiza partindo de um viés interseccional. Nesse sentido, pensa a relação entre homens e mulheres, mas, principalmente, discute como a racialização se alinha nessa reflexão. Reflete acerca da realidade da mulher negra, de disparidade extrema em relação à mulher branca, homens negros e homens brancos.

Cabe, ainda, citar que, na atualização desse pensamento, Ribeiro evoca essas outras vozes do feminismo negro, como Grada Kilomba, Angela Davis, Lélia Gonzalez, bell hooks, Sueli Carneiro — além de outras responsáveis por embasar o feminismo negro. É dessa maneira que Djamila reforça um trabalho comparativo quando menciona o nome de Beauvoir. Um exemplo dessa atualização e comparação do pensamento, é sua dissertação de mestrado. Nela, Ribeiro cunha o termo *sexismo biológico*. Ao pensar sobre a biologização do corpo negro presente na história da colonizadora, ela atualiza o termo refletindo sobre a discussão de Beauvoir acerca da, também, biologização do corpo da mulher. Na própria obra de 2018, Ribeiro mencionará o caso de Sarah Baartman, criando assim, um elo entre ambas as produções.

Essa intertextualidade do pensamento beauvoriano e das obras de Ribeiro é base de muitos trabalhos da autora brasileira. É desse modo, a partir da reflexão dessas questões que surge a intenção de aproximar, distanciar e analisar os ensaios selecionados.

As classes sociais das autoras as distanciam e provocam discussões pertinentes do ponto de vista da literatura, em especial na visão comparatista. Ao mesmo tempo em que ambas as obras se aproximam, de imediato, do ponto de vista do compartilhamento das questões de gênero que perpassam a realidade feminina; se distanciam no contexto de vida pessoal. É pertinente afirmar que o feminismo negro percebe, ao longo da história, esse abismo de reivindicações. Há, sim, violências, por exemplo, que são comuns ao ser mulher. Existem, de algum modo, padrões semelhantes, mas as diferenças se tornam gritantes ao notar o lado racial.

Assim, através da Intertextualidade, pautando a análise comparativa dos ensaios de *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018) de Djamila Ribeiro e *O segundo sexo* (1949) de Simone de Beauvoir, é possível investigar, pelo diálogo que a escritora brasileira

estabelece com a francesa, de que modo esse pensamento contemporâneo de Ribeiro atualiza as ideias propostas por Beauvoir e se conecta com a realidade do feminismo colocado em pauta neste projeto. A proposta é que a Literatura Comparada pense tais menções supracitadas.

Ao pensar sobre o retrocesso na sociedade e as questões de violência de gênero, como mencionado, percebe-se como se faz necessário incluir a pauta feminista na academia, na sociedade e até mesmo em discussões corriqueiras. Apesar do avanço em diversas áreas, observa-se um ressurgimento de discursos marginalizantes sobre as mulheres, reforçando a violência de gênero, em suas múltiplas manifestações — física, psicológica, patrimonial, moral e sexual —, persiste como uma mazela social que demanda atenção urgente e um enfrentamento estrutural. A inserção neste meio é crucial para desnaturalizar essas violências e para produzir conhecimentos que sirvam de base para a formulação de políticas públicas eficazes no combate às violências de gênero e raça. Isso envolve não somente pensar no âmbito da pesquisa, mas na importância de levar o debate ao âmbito social e cotidiano.

É importante conscientizar-se desses fatores e, ao fazê-lo, dialogar com áreas que têm um espaço político para inserir essa pauta, como a literatura. Ela permite a expressão de opiniões, pontos de vista e perspectivas, expressando, através da linguagem, a realidade vivida.

O ensaio é um espaço para que isso aconteça, é um lugar para se discutir ideias e ideologias. Refletir criticamente sobre determinado assunto e interpretar o mais profundo sentimento do ser, provando, por ideias embasadas, aquilo de que se deseja falar, o amor e ódio num mesmo texto.

De acordo com Adorno (2003, p. 16), o ensaio provoca resistência porque evoca uma certa “liberdade de espírito”. Ele não admite que “seu âmbito de competência lhe seja prescrito”, nem se submete à rigidez da ciência organizada, por isso é considerado impróprio para uma exposição objetiva e legítima de um conteúdo. Recusa a exigência de originalidade e se propõe a interpretar os fatos, o que a ciência despreza. Por causa de sua insubmissão, ele se aproxima da Literatura, que é autônoma, embora o filósofo alemão não o considere expressão artística como aqui eu faço.

Lukács, por seu turno, considera o ensaio como “uma forma de arte”, pois ele possui uma forma que “o distingue com inapelável rigor de lei de todas as outras formas artísticas”. O intelectual húngaro afirma: “Eu procuro neste momento isolar o ensaio com a maior precisão possível, justamente o definindo como uma forma de arte” (2015, p. 32).

Segundo Lukács, “separar imagem e significado” é uma abstração, já que todo significado é expresso por meio de uma imagem que “surge banhada pelo reflexo de uma luz além de toda imagem”. Em suas palavras: “se comparássemos as diversas formas da arte poética com a luz do sol refratada pelo prisma, os escritos dos ensaístas seriam o raio ultravioleta” (Lukács, 2015, p. 36).

O ensaio é, portanto, “uma forma de arte, uma configuração própria e cabal de uma vida própria e completa”, uma “obra de arte”, pois se posiciona diante da vida com o “mesmo gesto de uma obra de arte”, a “soberania de sua tomada de posição” (Lukács, 2017, p. 53).

Nesta dissertação, os ensaios escritos por Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir serão considerados obras de gênero híbrido, que abordam temas filosóficos, sociais e políticos de forma literária.

A palavra "ensaio" vem do latim *exagium*, que significa "pesar". O termo carrega a ideia de que o ensaísta está “pesando” suas ideias e reflexões (Loureiro, Juliano, 2024, p.1). Esse pesar de ideias manifesta uma crença de que, ao debater, o mundo pode se tornar mais reflexivo em relação à sua estrutura, pois, de algum modo, aquela escrita atingirá alguém ou manifestará a mais profunda opinião do ser. Não há como dizer que não existe a vivência, o sentimento, a opinião nessas escritas. Starobinski, em um discurso, define a palavra em sua origem latina:

Essai, conhecido em francês desde o século XII, provém do baixo latim *exagium*, a balança; ensaiar deriva de *exagiare*, que significa pesar. Nas proximidades desse termo se encontra *examen*: agulha, lingueta do fiel da balança, e, por extensão, exame ponderado, controle (Starobinski, 2011, p.1).

Pesar ideias, pesar opiniões, pesar aquilo que deve ser dito. É essa a proposta de ambas as autoras. É aqui que nasce um ponto de semelhança entre as ideias e o debate feminista. É, portanto, na forma do ensaio que elas se afirmam e evocam suas expressões e literaturas.

A Literatura, portanto, é um espaço fértil e ideal para o diálogo dessas duas obras, ao ressaltar o caráter poético que toca e move profundamente quem as lê. Existe nelas, um caráter social-formador (Cândido, 1972), que, como devolutiva da Literatura, suscita debates que sustentam movimentos de luta e resistência, como o debate racial. Desse modo, pode-se pensar que colocar em circulação tais assuntos, é responder aos projetos necropolíticos (Mbembe, 2018), tornando-se um enfrentamento que busca dar visibilidade às mulheres no espaço da escrita e da produção de ideias formadoras.

Para o pensador francês Roland Barthes, a língua não é o lugar do engajamento, é um elo. Ela é parte do ser, atravessamento do sujeito que só será divisa nas mãos do escritor. Ou, nas palavras do autor, “um habitat familiar” (Barthes, 1953, P.9) e “Propriedade divisa do autor”(Barthes, 1953, p.10). A linguagem *pode* ser um dos muitos mecanismos de expressão do sujeito, mas a língua não é o lugar do engajamento, é através da escritura que autor e *scriptor* (Barthes, 1953), posteriormente, se engajam.

Então, por que ressaltar o caráter político deste trabalho se, *a priori*, não há engajamento na língua? Porque, justamente, é através da Linguagem e da Literatura que as vozes autoras manifestam suas expressões ou incorporam realidades que lhes pertencem para elaborar questões: filosóficas e políticas acerca da realidade feminina, no caso de Beauvoir e acerca da luta do feminismo negro, no caso de Djamila Ribeiro.

É nesse sentido que os moldes do ensaio se fazem tão importantes, é na liberdade desse gênero literário que as autoras expressam tais engajamentos, levantando não somente a discussão teórica, mas, bem como, ressaltando a expressão da vivência, o que fica expresso quando elas descrevem situações habituais em suas vidas ao longo das obras. O ensaio permite a liberdade de expressar e discutir trazendo dados, por vezes, até mesmo, em tom acadêmico em determinado assunto. O ensaio é um gênero livre, possível de emancipar as ideias conjuntamente à opinião.

Em suas *Notas de literatura*, Theodor Adorno, em um texto altamente poético e dialógico acerca do ensaio, descreve algumas características que representam a liberdade ensaística, ao passo que o gênero literário consiste em uma afinidade com a arte. A forma de expressão humana, seja ela em qualquer apresentação, que cria um elo através da linguagem permitindo ao texto ir além do acadêmico, dotado de opiniões, referências e expressões. Os textos em questão representam essa expressão. É nessa linha tênue que encontramos a experiência de vida – a partir da possibilidade da linguagem livre, mas que tem de se evidenciar enquanto argumento – que autores ensaísticos encontram essas ambiguidades da liberdade. Adorno, descreve, perfeitamente tais questões, no trecho abaixo:

O ensaio reflete o que é amado e odiado, em vez de conceber o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma irrestrita moral do trabalho. Felicidade e jogo lhe são essenciais. Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos (Adorno, 2003, p.16/17).

Desse modo, o ensaio se torna o lugar possível do aprofundamento de ideias, ao passo que demonstrará o pensamento. É importante colocar tal questão, uma vez que os textos mencionados serão vistos, aqui, igualmente do ponto de vista da Literatura.

Ao tratar do ensaio, Djamila Ribeiro se expressa exatamente desse modo. Em sua obra, trará pontos de vista do pensamento acadêmico, de autoras da Literatura, vivências sociais, suas próprias vivências e a poetização desse texto, quando sensibiliza sua escrita. Portanto, o gênero ensaístico cabe perfeitamente aos moldes da escritura da autora brasileira. Ela se utiliza desse espaço para poder se utilizar do tom poético e debater sobre suas opiniões, resgatando assuntos que permeiam a atualidade. É por essa razão que muitos dos ensaios publicados dialogam com experiências cotidianas. Como no trecho abaixo:

Dentro da mesma lógica, a teoria feminista também acaba incorporando isso e estruturando o discurso das mulheres brancas como dominante. Assim, contradiscursos e contranarrativas não são importantes somente num sentido epistemológico, mas também no de reivindicação de existência. A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos. A ausência também é ideologia.

Muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras. Angela Davis, Audre Lorde e Alice Walker abordam a importância do falar em suas obras. “O silêncio não vai te proteger”, diz Lorde. “Não pode ser seu amigo quem exige seu silêncio”, diz Walker. “A unidade negra foi construída em cima do silêncio da mulher negra”, diz Davis. Essas autoras estão falando sobre a necessidade de não se calar ante opressões como forma de manter uma suposta unidade entre grupos oprimidos, ou seja, alertam para a importância de que ser oprimido não pode ser utilizado como desculpa para legitimar a opressão (Ribeiro, 2018, p. 124/125).

Nesse exemplo, ela manifesta o que o ensaio busca: debater determinado assunto livremente, considerando um espaço que componha um embasamento a partir de outras ideias. Assim, nesse trecho, ela fala sobre o silenciamento da mulher negra, que dialoga diretamente com outro artigo de sua obra, *A máscara do Silêncio* (Ribeiro, 2018, p.7), na qual a autora retrata diversos episódios de sua vivência na escola, na comunidade e relata os episódios de racismo (alinhados ao machismo) que viveu, sendo altamente autobiográfico, com um tom literário evidente a partir da expressão que exalta as emoções acerca de tais episódios.

Assim, no trecho supracitado, ela fundamenta a discussão ao suscitar outras autoras negras que trataram do tema do silenciamento. O ensaio em questão, além disso, discute diretamente o feminismo negro para se pensar a importância do movimento, denominando-se

Feminismo Negro para um novo Marco Civilizatório (Ribeiro, 2018, p.122). Portanto, o ensaio, carrega justamente o que Adorno e Starobinski citam em seu texto, aquilo de que se deseja falar.

Beauvoir, da mesma forma, se servirá do ensaio para debater questões filosóficas e existencialistas sobre o tema que viria a ser chamado de feminismo. É nesse espaço que ela pode dialogar com outros autores - confrontando-os - e expressar suas ideias acerca da condição da mulher e como a história feminina foi construída pelo viés científico, econômico e social. O que Beauvoir defendeu é parte de sua história como intelectual, apesar de, diferentemente de Djamila, adotar um ponto de vista distante, escrevendo no coletivo. Mesmo com esse distanciamento do narrador “eu”, a escritora francesa é, ali, sujeito proclamando sua profunda indignação com o sistema patriarcal e com o modo pelo qual mulheres estavam sendo criadas: “E bastará uma saia ruge-ruge para fazê-la descer à terra?” (Beauvoir, 1949, p.7).

Apesar da distância estabelecida pela escritora, em alguns momentos da obra se faz necessário que ela se coloque, uma vez que, como mencionado, ela é parte da mulheridade, é ali um corpo debatendo sobre questões que a afligem. Djamila elucida bem a questão quando, em 2016, em entrevista a Angélica Kalil, reforça que existe um posicionamento de Beauvoir na obra: “Beauvoir rompe com uma neutralidade epistemológica que existia até então de que você escrevendo precisa manter uma distância, você não pode tomar partido. E ela toma partido.” (Ribeiro, 2016, p.1). A distância que existe é puramente formal e acadêmica, porque quando se trata da colocação do ser como escritor, existe ali um sujeito que expressa sua vivência e realidade.

Não existe, portanto, a colocação na escrita como em Djamila Ribeiro, no entanto, percebe-se a profunda indignação feminina com as estruturas que, em 1949, incontinentemente eram debatidas. Pode-se associar essa convexidade narrativa para que o livro não seja tomado como um diário, uma vez que, mesmo sendo publicado unicamente por Beauvoir, após tanto trabalho, inúmeros críticos a atacavam e alguns ousavam dizer que Sartre escrevia seus trabalhos. A autora sabia, de certo modo, que essa seria uma devolutiva da crítica, por isso, ousou publicar *O Segundo Sexo*. Somente na autobiografia, *A Força das coisas* (1963), é que ela expressa essas devolutivas do livro e pontua melhor sua expressão em relação à construção e publicação da obra:

Em novembro, houve nova manifestação de hostilidades. Os críticos caíam das nuvens; não havia problema: as mulheres sempre haviam sido iguais aos

homens, jamais seriam inferiores a eles, tudo o que eu dizia já era sabido, não havia uma palavra de verdade em meu discurso. Em *Liberté de l'esprit*, Boiséffre e Nimier rivalizaram com desdém. Eu era uma “pobre mulher” neurótica, uma rejeitada, uma frustrada, uma deserdada, uma mulher-macho, uma mal-fodida, uma invejosa, uma amargurada repleta de complexos de inferioridade com relação aos homens, com relação às mulheres, estava roída pelo ressentimento.⁸¹ Jean Guilton escreveu, com muita compaixão cristã, que fora penosamente afetado por O segundo sexo, porque nele se podia decifrar em filigrana “minha triste vida”. Armand Hoog superou-se: “Humilhada por ser mulher, dolorosamente consciente de ser encerrada em sua condição pelos olhares dos homens, ela recusa ao mesmo tempo esse olhar e essa condição” (Beauvoir, 2009, p.148).

Essa concordância iria contradizer — como me censuraram — a moral de O segundo sexo: reivindico a emancipação das mulheres, e nunca conheci a solidão. As duas palavras não são sinônimas; mas antes de me explicar, eu gostaria de descartar algumas tolices. Houve quem dissesse que Sartre escrevia meus livros. Alguém, que até gostava de mim, aconselhou-me, logo depois que recebi o prêmio Goncourt: “Se você der entrevistas, esclareça bem que *Os mandarins* é obra sua; você sabe o que dizem: que é Sartre quem guia sua mão...” (Beauvoir, 2009, p. 473).

Dessa forma, o ensaio se torna para ela o lugar mais seguro para expressar essa relação moral e subjetiva acerca da sua condição e das mulheres. O *nós* se faz integralmente terceira pessoa do plural, pensando coletivamente. Nesse sentido, pode-se supor, inclusive, uma relação de sororidade com a realidade das mulheres naquele momento.

Por essa razão, ainda, o livro é um marco feminista. Mulheres passam a perceber suas condições engendradas no meio social e cultural, além da relação desigual com homens. Mais tarde, a autora será a base fundadora de discussões para intelectuais relevantes como Judith Butler e Djamila Ribeiro, o que desagua neste trabalho.

Pensando do ponto de vista comparativo, Simone de Beauvoir, em 1949, reflete acerca da posição social na qual a mulher é colocada, que leva à violência, à privação da liberdade e do exercício de direitos sociais plenos e da desigualdade de gênero — situação ainda recorrente. A autora, no entanto, num primeiro momento, não se utiliza do termo “feminismo” para pensar a situação social do ser mulher — diferente de Djamila que (em outra época) se apropria diretamente do termo — conduzida não somente por outras literaturas, como citando o seu corpo. A escritora francesa debate, através da história, da biologia, da psicanálise e da filosofia, como todo o sistema social lida com as mulheres, colocando-as no lugar do domesticado. Mas sobretudo, com a construção do feminino na relação de alteridade ao masculino. A literatura de Simone de Beauvoir é construída nos termos da sua própria vivência enquanto mulher. É somente no segundo volume do livro, *A Experiência Viva* (1967), que Beauvoir abordará o conceito de feminismo.

Por conseguinte, o impulso poético da filósofa, bem como de Djamila Ribeiro, se dá, essencialmente, a partir da *vivência*, ou, como caracteriza Conceição Evaristo, da *escrevivência* (Evaristo, 1994) de cada autora. Há transposição da vivência na literatura; o jogo melódico de viver e transpor na escrita, aquilo que se encara durante todo o percurso de uma vida. Tal concepção se encaixa imediatamente ao que Djamila Ribeiro, propõe de forma geral em sua obra.

Conceição Evaristo cunha o termo *escrevivência* a partir da sua vivência enquanto mulher negra, justamente pela força que tem. Contudo, a própria reconhece como ele pode ser expandido considerando-se outras possibilidades:

Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. (...) é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura, experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado (Evaristo, 2020, p.2).

A obra *Quem tem medo do feminismo negro?* é uma reunião de textos publicados no blog digital da revista *CartaCapital*, de 2014 a 2017. Djamila é colaboradora da revista, publicando aí diversos textos (não somente os escolhidos para compor a obra, mas outros de importância para sua carreira)

Fundada em 1994, a revista é mensal e trata de temas diversos, defendendo o compromisso com a verdade factual e diversidade temática. Lopes, em sua dissertação de mestrado, compara a revista *Veja* e *CartaCapital* e esclarece:

a revista se apresenta da seguinte forma: alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira, *CartaCapital*, publicada pela Editora Confiança, nasceu calcada no tripé do bom jornalismo baseado na fidelidade à verdade factual, no exercício do espírito crítico e na fiscalização do poder onde quer que se manifeste. Em termos de circulação, *CartaCapital* ocupa apenas a 18ª posição no ranking nacional, com uma tiragem de pouco mais de 29,5 mil exemplares semanais” (Lopes, 2019. p.53).

Trazer o contexto de produção no qual nasce a obra é importante para ressaltar o meio em que a obra se insere inicialmente: trata-se de abordar assuntos sérios e profundos em um periódico, atingindo um público variado, que começa a se familiarizar com as reflexões de

Djamila Ribeiro. O tom de seus textos é menos formal, embora a temática seja, por vezes, incômoda. No trabalho mencionado acima, o autor explicita uma diferença nos editoriais, o que é importante para compreender a liberdade de escrita na qual Djamila pode exercer sua escrita.

Desse modo, o trabalho de Ribeiro utiliza-se do espaço de uma revista, a qual se alinha ao pensamento político da diversidade e, graças ao seu largo alcance de publicação, se torna acessível. Ou seja, trazer o tema do feminismo negro em um editorial de grande alcance nacional, possibilita que o diálogo seja extenso, plural e sua obra se torne conhecida do público.

Utilizar-se do espaço midiático para o debate de temas profundos, como o que se propõe o debate feminista, torna o seu reconhecimento mais amplo e nacional, unindo-se ao espaço de fácil acesso. É a filosofia se tornando acessível, por meio da publicação em periódicos. Recolhendo seus textos em livro, ela os torna perenes.

Djamila discute, no primeiro ensaio, a máscara de silêncio, objeto usado durante o período da escravidão e traz a metáfora para as violências vividas em sua trajetória pessoal. Por meio desse recurso. Djamila discorre acerca do “incômodo da compreensão fundamental” (Ribeiro, 2018), que diz respeito à compreensão, desde muito nova, das violências em decorrência do racismo estrutural, que sequer tinham nomes para a própria autora, mas que faziam parte da sua infância e adolescência, sutilmente. A filósofa brasileira contemporânea ressignifica não somente o conceito de feminismo, mas o faz ao discutir questões de raça atreladas ao gênero.

Assim, com a atenção voltada à perspectiva feminista narrada a partir da vivência de cada uma das autoras em suas obras e da percepção da condição da mulher na sociedade, a escolha do tema se dá na busca de investigar quais recursos discursivos e literários foram trabalhados e, por conseguinte, aproximados, diferenciados, esmiuçados.

Dentre semelhanças e diferenças, constroem-se teorias importantes, fundamentais nas bases dos feminismos na contemporaneidade. No caso de Djamila Ribeiro, ela os pensa a partir dos problemas de raça e das questões estruturais. Assim, têm-se, como resultado, a análise comparativa de que forma a literatura da autora entrelaça o debate entre gênero e raça, considerando os ensaios em que há as menções a Beauvoir e, ainda, suscitando o diálogo com outras autoras. Penso, a partir disso, como Djamila constrói o certame da condição de mulheres negras, periféricas, dando continuidade ao debate racial e da interseccionalidade. Além de reforçar, a partir dessas pensadoras, um ponto de vista que resiste ao poder hegemônico, uma vez que essa é parte da proposta do feminismo negro.

Cabe tratar da razão pela qual se decidiu aproximar duas filósofas de contextos sociais tão diferentes e de épocas distintas.

Em *Quem tem medo do feminismo negro* (2018), há uma presença maciça da filósofa francesa: dentre citações e alusões, a filósofa brasileira exalta o debate da teoria de Beauvoir, colocando-a, por vezes, em um diálogo comparativo com outras autoras, como Grada Kilomba, por exemplo – oferecendo uma justificativa para tal presença: “[e]studar Simone de Beauvoir é de suma importância por conta de suas grandes contribuições filosóficas” (Ribeiro, 2018, p. 62).

O interesse da escritora brasileira pela autora do *Segundo Sexo* não é recente: em 2015, ela defendeu sua Dissertação de Mestrado intitulada *Simone de Beauvoir e Judith Butler: aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política*, na UNIFESP. Na conclusão, “Tanto Beauvoir como Butler pensam a categoria mulher dentro de um projeto político de ação. As contribuições que as duas autoras trazem são imprescindíveis para o feminismo” (Ribeiro, 2015, p. 66). Ela reconhece que existem diferenças significativas no movimento feminista, tendo sua origem branca e ocidental.

Ribeiro explicita que ambas as contribuições são importantes; no entanto, reforça que o viés interseccional da análise é necessário, uma vez que há um favorecimento histórico em relação às mulheres brancas e cis-gêneros (meu acréscimo à questão). Dessa forma, podemos perceber que o embate é semelhante ao que trago neste trabalho. Mesmo havendo distinção de épocas, os alinhamentos das autoras partem do que vivenciam, ou seja, cada uma retrata um cenário específico e atua segundo tal.

Portanto, estudei a intertextualidade presente nos ensaios da autora brasileira e verifiquei como o texto de Djamila se serve do texto original e o transforma. Ao tentar investigar as semelhanças e diferenças, esta dissertação contribuiu com reflexões acerca das teorias fundamentais do que se entende por feminismo, sem deixar de lado a relevância da racialização que fundamenta tantas outras percepções e suscita tantos outros embates.

Quanto ao título, a principal motivação é incitar uma inquietude – *por que o nome de uma preta brasileira vem primeiro?* Ora, por que não? A cronologia, obviamente, das autoras poderia ser o caráter escolhido para apresentá-las, mas inverter essa lógica, é questionar o estabelecido por noções euro-cristãs e colonizadoras de tempo, de correto e aceitável. Inverter a ordem dos nomes é subverter a lógica dos corpos. Além disso, é Djamila Ribeiro que evoca a obra de Beauvoir, trazendo-a para o debate. Mesmo que esse trabalho parta de uma mulher europeia, é importante que entendamos, ao final, a importância que ela teve na história

feminista, desaguando nas contribuições para Ribeiro, isso não significa que este trabalho, por se utilizar dessa figura expoente, contribua com ideais hegemônicos.

O objetivo geral da pesquisa foi, portanto, analisar as visões feministas e o ser mulher em épocas distintas e pensar seus significados no meio de suas relações com a sociedade da época da autora. Discutir a imensidão do movimento feminista pode (e deve) se reconhecer na ideia do dialogismo (Bakhtin, 1979) uma vez que a rede de interação entre textos se mantém viva e permanente.

É fato que os enunciados, estando em comunicação, conservam uma rede de discussão que pode transformar-se e adaptar-se às diferentes realidades e, é a partir do texto, que se concretizam os processos de intertextualidade presentes pelos mecanismos da citação. Conhecer e propagar uma ideia elucidativa de movimentos sociais representa as minorias que se manifestam para a verdade ser conhecida. E, sobretudo, para permanecerem em movimento no meio acadêmico.

Considerando o caráter de união de fronteiras da literatura comparada (Remak, 1961, p.1), a metodologia aplicada aproxima e distancia as obras, visando estabelecer de que modo, individualmente, cada autora pensa o feminismo, a condição da mulher na sociedade, o patriarcado, as relações com outras expressões sociais e com os homens. As alusões e citações feitas por Djamila Ribeiro à obra de Simone de Beauvoir estão em 6 dos 32 ensaios que compõem o livro de Ribeiro, totalizando 28 ocorrências.

Cabe mencionar que há um ensaio cujo título é o próprio nome da escritora francesa: “Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites dos outros”, publicado originalmente na *CartaCapital* em 03 de novembro de 2015 como ‘Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili’ (Malcher, Rial, 2019, p.4), sendo uma referência direta à autora.

As citações utilizadas por Ribeiro respondem a uma base de pensamento comum, o que é um fato: o destino demarcado dos seres designados ao sexo feminino; em outras palavras, a violência de gênero que se estrutura de maneira biopsicossocial – bem como a própria existência humana.

Os diversos processos intertextuais demonstram concordância com uma violência passada de forma geral por mulheres; no entanto, Djamila subverte o olhar dessa condição para o silenciamento de mulheres negras discutindo, sobretudo, os poderes sociais que fazem a manutenção do patriarcado racista (Malcher, Rial, 2019, p.2). E nas mãos de quem estão e a quem pertencem tais aparatos.

A violência contra a mulher, conforme abordada por Beauvoir, pode ser compreendida a partir da construção dela mesma como o negativo, em contraste com o homem, posicionado como o neutro e positivo na cultura. Tal perspectiva é solidificada pela construção histórica da condição feminina. A disparidade de gênero manifesta-se desde as sociedades primitivas, especialmente nas relações sociais e de trabalho, conforme analisado por Beauvoir após examinar essa condição em relação à biologia, psicanálise e materialismo histórico — o segundo sexo em relação ao primeiro. A predominância masculina no sistema patriarcal é historicamente edificada pela “arrogância masculina” (Beauvoir, 1949, p.21/22), a qual confere aos homens privilégios e a facilidade de se estabelecerem na sociedade, incluindo a utilização de mecanismos de manutenção de poder por meio da violência de gênero. Como explicitado no trecho inicial do primeiro volume:

Mesmo o homem mais simpático à mulher nunca lhe conhece bem a situação concreta. Por isso não há como acreditar nos homens quando se esforçam por defender privilégios cujo alcance não medem. Não nos deixaremos, portanto, intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher, nem nos impressionar com os elogios interesseiros que se fazem à "verdadeira mulher"; nem nos contaminar pelo entusiasmo que seu destino suscita entre os homens que por nada no mundo desejariam compartilhá-lo. Entretanto, não devemos ponderar com menos desconfiança os argumentos dos feministas: muitas vezes, a preocupação polêmica tira-lhes todo valor. Se a "questão feminina" é tão absurda é porque a arrogância masculina fez dela uma "querela" e quando as pessoas querelam não raciocinam bem. O que se procurou infatigavelmente provar foi que a mulher é superior, inferior ou igual ao homem (Beauvoir, 1949, p.21/22).

Na citação acima é expressivo o quão confortável é a manutenção do poder em relação a essa violência existente; no entanto, a autora reforça a necessidade disso não ser um ponto de intimidação. Nesse momento, podemos, sim, discutir violência de gênero, sendo um debate essencial na sociedade — inclusive na atualidade. É por meio dessa arrogância masculina que homens se sentem no direito de colocar a mulher na posição de subalternidade.

Djamila Ribeiro reconhece tal fato, embora não seja colocado explicitamente em debate, mas atualiza, nos mesmos termos a violência racial, ou seja, a arrogância que a branquitude também exalta. São poderes colocados em evidência. Desse modo, existe a atualização do pensamento. Pode-se pensar que Beauvoir impulsionou o raciocínio para que se pensasse toda essa estrutura e Djamila, a partir disso, continua o debate e ainda evoca outros pontos importantes como a questão racial.

Mais tarde, em minhas análises, veremos que outra pensadora que refletiu acerca de tal ideia é Grada Kilomba, que questiona um dos posicionamentos de Beauvoir. É nesse momento que Kilomba questiona o grau de igualdade, uma vez que mulheres negras não são colocadas em igualdade às mulheres brancas. Mesmo que exista a violência de gênero, a negritude é perpassada pela questão racial.

Desse modo, portanto, a intertextualidade concordante existente em Djamila e Beauvoir acontece por meio da relação filosófica a qual é pensada a estrutura do gênero no patriarcado, no entanto, os debates se afunilam. Já a discordância acontece no fator de que as mulheres são colocadas em lugares diferentes, a maior prova disso é a história, que comprovará tal fato, é ainda, nesse momento que a luta feminista negra assume o cenário.

Os teóricos que servirão de base para as discussões acerca do diálogo intertextual que Djamila Ribeiro estabelece com Simone de Beauvoir são Antoine Compagnon, que discorre acerca da citação:

Escrever, pois, é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita: citar é repetir o gesto arcaico do recortar-colar, a experiência original do papel, antes que ele seja a superfície de inscrição da letra, o suporte do texto manuscrito ou impresso, uma forma da significação e da comunicação linguística (Compagnon, 1996, p. 12).

e Gérard Genette (2010), para quem a intertextualidade é:

uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro. Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sua forma menos explícita e menos canônica é a do plágio (em Lautréaumont, por exemplo), que é um empréstimo não declarado, mas ainda literal; sua forma ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete[...] (p. 14).

Dessa forma, é por meio da reescrita da ideia e, ao mesmo tempo, da atualização dela que se estabelece o diálogo entre Ribeiro e Beauvoir. A escrita de Djamila Ribeiro evoca o alicerçador de Simone de Beauvoir ao colocá-la em debate com novas teorias, ao citá-la, ao aludir à sua obra e trazê-la como base para suas discussões. Portanto, a intertextualidade se faz presente nesse sentido. Existe um diálogo direto nessa relação e, por vezes, indireto.

Considerando a natureza formativa da literatura e a intrínseca conexão das obras com as causas sociais, a intencionalidade inerente ao ato de comunicar, de maneira precisa, sobre a

realidade e as diversas vivências, a função das obras transcende a natureza meramente informativa. Elas se propõem a coexistir, interligando os laços linguísticos e interdiscursivos. Sobretudo, exalam a dualidade da relação alusiva e intertextual, em particular por meio da obra *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018) e o modo como a autora se apropria do texto seminal, a saber: *O segundo sexo*, de 1949, para articular a condição do feminismo negro e das mulheres negras, bem como para dinamizar e estabelecer um diálogo entre um texto do século XX e narrativas contemporâneas. Isso é perceptível, principalmente, pelo título inicial do ensaio dedicado à Simone, demonstrando a atemporalidade da escritora francesa, evocada para ilustrar os assuntos relacionados ao feminismo.

Por fim, utilizo das contribuições teóricas para abordar os processos descritos e compreender, no que diz respeito à forma e ao conteúdo das obras, como os discursos explícitos nas produções se articulam. De que modo as citações retiradas da obra de Simone de Beauvoir contribuem para tais processos discursivos e como a interdiscursividade atua conjuntamente aos processos intertextuais e alusivos, estando livre para respaldar-me de outros termos teóricos conforme necessário.

A base teórica deste trabalho se fundamenta em um diálogo robusto e multifacetado, essencial para a análise proposta. Além dos pilares conceituais estabelecidos, a pesquisa foi enriquecida pela consulta de importantes autores e obras que fornecem as ferramentas analíticas necessárias para a complexidade dos objetos de estudo. Foi consultado o texto de Tiphaine Samoyault (2008) sobre a intertextualidade, fundamental, não apenas para identificar as relações dialógicas entre os textos, mas principalmente para mediar e interpretar a intrincada relação linguística e poético-semântica dos temas e motivos comparados. A intertextualidade, vista por Samoyault, permite ir além do mero reconhecimento de fontes, aprofundando-se na maneira como as vozes e escritas se ressignificam mutuamente; o arcabouço teórico de Bakhtin (1999/2000), que trouxe a base teórica para a análise do discurso literário, oferecendo uma base epistemológica para a análise profunda das nuances ideológicas, sociais e históricas presentes nas obras.

A perspectiva bakhtiniana possibilitou a compreensão do texto literário como um espaço de embate e interação de múltiplas consciências e discursos.; de Tânia Franco Carvalhal (1994/2006) cujas reflexões aprofundam a discussão sobre os conceitos e as metodologias do comparativismo, enfatizando a importância do diálogo cultural e da transdisciplinaridade no estudo literário. Complementando essa visão, a obra de Eduardo

Coutinho (1994) reuniu a base histórica e conceitual da Literatura Comparada, alinhando-se às ideias de Carvalho para estruturar o método comparativo da pesquisa. Por fim, a percepção e a aplicação do conceito de intertextualidade foram reforçadas pela contribuição de Ricardo Piglia (1999).

No que concerne a Djamila Ribeiro, as obras de Angela Davis (2016), Bastos (2020), Carvalho (2019), Fuks (2021), Grada Kilomba (2019), Hooks (2019), Kalil (2023), Patricia Hill-Collins (2019) e Rafia Zacarias (2021), foram consultadas para dar corpo às noções de feminismo negro. Além do discurso de Soujourner Truth e o conceito de Escrivência de Conceição Evaristo (2008; 2020) para perceber profundamente a voz das mulheres negras e como respeitá-las na literatura.

Em relação a Beauvoir, os estudos de Kirkpatrick (2020), Galster (2013), Deguy & Beauvoir (2008) e Fonseca (2020) forneceram os subsídios necessários para a análise de sua vida e obra.

A confluência desses referenciais teóricos visa garantir uma análise rigorosa e abrangente, capaz de desvendar as complexas camadas de sentido presentes no objeto de estudo, estabelecendo pontes sólidas entre a teoria literária e a crítica comparada.

Assim, estabeleço de que forma o diálogo entre os textos acontece por meio da intertextualidade e interdiscursividade — uma vez que a obra contemporânea se utiliza de mecanismos de retomada e citação.

Segundo uma breve busca nas bases de dados, como o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, não há registros que coloquem em paralelo as duas obras, seja comparativamente, seja a confrontar ideias ou estabelecer diálogos. A proposta deste trabalho, portanto, é buscar a inserção do tema na área da Literatura, inovando o arcabouço de debates na área. E se estabelece como de importância para os estudos relacionados às obras das duas autoras, para a Literatura Comparada, para os Estudos Feministas, além de colaborar para as pesquisas relacionadas à recepção de Beauvoir no Brasil.

Esta Dissertação está dividida da seguinte maneira: na Introdução, há uma contextualização da pesquisa, a apresentação dos problemas a serem desenvolvidos e dos objetivos a alcançar. Na segunda seção, fiz uma apresentação das pensadoras: primeiramente, Djamila Ribeiro e, na sequência, Simone de Beauvoir, destacando os aspectos principais das obras que serão analisadas, o alcance de sua produção e a atuação de ambas na filosofia e na literatura.

Na terceira seção, foi apresentada a base teórica da Dissertação: o dialogismo de Bakhtin e a intertextualidade de Kristeva, que se manifestam por meio da citação, e foi

discutida a importância da interdisciplinaridade para perceber e estudar os ensaios de Djamila Ribeiro e o texto filosófico de Simone de Beauvoir.

Na quarta seção, foram apresentadas as análises dos ensaios da autora brasileira que estabelecem um diálogo com a pensadora francesa, demonstrando quais são os elementos que compõem diretamente a intertextualidade entre as produções literárias e os recursos linguísticos contribuintes que sustentam o diálogo entre as obras, debatendo a noção da existência feminina na perspectiva de cada autora e de suas vivências.

Na conclusão, recolhi as principais contribuições da minha pesquisa. Perceber o que aproxima e afasta ambas as autoras levou a entender como se constrói a condição de ser mulher — construção nada estável e que, por si só, é palco de discordâncias. E é nessas que florescem as inquietações de outras autoras e autores que se tornam essenciais para a discussão que auxilia a minha pesquisa.

Desde já, destaco: um feminismo plural se constrói com corpos plurais ou não se constrói de maneira alguma. É necessário perceber as diversas violências e opressões que se submetem aos diversos corpos, além das diversas formas de resistir à hegemonia. Essa é a premissa pela qual entendo a interseccionalidade.

Além disso, evocamos o diálogo com figuras importantes do feminismo negro, que serão fundamentais para dialogar com as autoras aqui presentes.

Finalmente, analiso cinco ensaios presentes na obra, *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?*, os quais evocam Simone de Beauvoir. Assim, podemos entrelaçar as menções feitas a ela e quais os sentidos discursivos que as citações tomam, ao destacar a autora francesa. O objetivo final foi discutir a obra brasileira e repensar, como muitas outras teóricas fizeram, os caminhos que o feminismo pode percorrer, utilizando-se de aparatos literários.

SEÇÃO II – DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR: UMA APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DAS AUTORAS.

Nesta seção, apresento as autoras que escrevem os textos objetos de minha análise, Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir, respectivamente. Por essa razão, é com as palavras de Conceição Evaristo que abro esse caminho e justifico a análise de *Quem tem medo do feminismo negro?* como escrevivência. Se para Conceição é a figura da mãe preta que funda o termo (p. 29, 2020), faz sentido transpô-lo para Djamila, entendendo-a como a filha rebelde. Rebelde, aqui, num sentido de que ela não vai aguentar silenciada as violências racistas. Ao contrário, vai verbalizar, dizer, gritar, escrever, publicar e se negar a não usar da linguagem como meio de denúncia e de esperança.

2.1. Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir.

2.1.1 Djamila Ribeiro

Djamila Taís Ribeiro dos Santos, nascida em Santos, São Paulo, inicia sua trajetória de compreensão do feminismo na juventude, quando se percebe enquanto pessoa negra na sociedade atravessada pelas questões de Gênero e Raça (Fuks, 2024, p.1). A autora compreende esses atravessamentos desde muito cedo, especialmente em sua residência, com o olhar político e crítico da família. Ela só produzirá obras que retratam o assunto na vida adulta, com um olhar crítico da escritora. Djamila compõe o ativismo no feminismo negro, sendo sua primeira atuação na *Casa da Cultura da Mulher Negra*, aos 18 anos. Ela relembra, em entrevista, o lugar do desconforto em que a sociedade a colocava desde pequena, mas foi no espaço de atuação que ela pode se conectar com outras vozes femininas e atuantes no feminismo. Em entrevista a Letícia Vidica, da CNN, relata:

“Eu gostava muito de estudar, mas, na época, esse era um lugar de desconforto para as pessoas. 'Como assim ela – uma menina negra – quer estudar?’ Eu só fui conseguir transcender essas coisas quando, no final da minha adolescência, comecei a trabalhar na Casa de Cultura da Mulher Negra em Santos”, relembra. “Ali, foi um espaço importante para a minha autoestima, para conhecer mulheres acadêmicas e ver que não tinha nada de

errado comigo. Naquele espaço, me descobri e me entendi enquanto mulher negra”, afirma (Ribeiro, p.1, 2023).

Na Casa da Cultura, Djamila se reconhece socialmente como mulher negra e é nesse momento que surge a disposição de ler e dialogar com outras autoras. Nessa entrevista, ela debate acerca da intenção assídua da sociedade em colocá-la em um lugar ao qual ela não pertencia, um local de que pessoas negras não deveriam estudar, reforçando a manutenção racista da mão de obra, isto é, mantê-la em uma ideia de servidão. Esse momento é fundamental, porque a escritora já possuía um impulso de motivação em casa, mas é ali que a ação se transformaria em grandes obras publicadas. Mais tarde, isso faria diferença. É nesse momento que ela se desamarra dessa ideia, ao se perceber enquanto mulher negra que pode e deve desobstruir esse sistema e se colocar nos espaços hegemônicos, romper com o silêncio imposto. É a partir daí que Djamila Ribeiro ganha força.

Nesse momento, ela participa ativamente dos meios sociais e se envolve num engajamento político importante. Estabelece um diálogo direto e didático com a sociedade, ao perceber que isso seria fundamental para expressar sua opinião conectada a sua vida. A partir disso, inicia o seu envolvimento prático-político com o feminismo, apesar de trazer uma longa bagagem teórica que provinha do ensinamento de seus pais. Djamila é filha de um militante do Partido Comunista de Santos e do Movimento Negro e fruto de suas influências teóricas, explícitas em suas obras, responsável pela construção de uma forte consciência política. Ela reforça, ainda, em uma outra entrevista, concedida à revista *Cult*, a Fernanda Carvalho, essa potência de ser criada em um lar com fortes opiniões e consciências políticas:

Meu pai foi um dos fundadores do Partido Comunista em Santos e também era militante do movimento negro. Minha mãe trabalhou como empregada doméstica antes de se casar com meu pai e era uma mulher extremamente forte. Meu pai fazia questão que a gente soubesse que éramos negros e o que isso significava no Brasil (Ribeiro, p.1, 2019).

Essa consciência política se conecta diretamente quando Djamila participa da atuação no espaço da Casa da Cultura. Esse impulso é fundamental para que, mais tarde, ela se destaque com um trabalho contra-hegemônico em uma área que preserva valores tradicionalistas em suas publicações, a filosofia. Ela se consolida, portanto, como uma filósofa importante por trazer o debate atualizado sobre feminismo, o que é ser mulher e questões raciais. Especialmente, quando se trata da sua dissertação de mestrado.

No que concerne a sua trajetória acadêmica, a autora se forma em filosofia pela UNIFESP em 2012 e defende sua dissertação de mestrado intitulada *Simone de Beauvoir e*

Judith Butler: Aproximações e Distanciamentos e os Critérios da Ação Política, no ano de 2015.

Percebe-se, em seus textos, um visível movimento literário com seu tom cotidiano de narrar, na forma como traz seus estudos para o centro do debate sem academicismo, citando pensadoras importantes com simplicidade e intimidade. O que é parte da literatura, é perceptível na enunciação da expressão de sentimentos em determinados ensaios. Parte disso é possível porque ela se utiliza do ensaio em sua escrita, o que permite essa expressão, e retoma assuntos de grande importância, tornando o diálogo intelectual em uma linguagem simples e cotidiana, além da recuperação de episódios de vida. Suas próprias obras categorizam tal informação. Desse modo, apesar de sua formação em filosofia, Djamila se dedica à produção de obras que atinjam os públicos diversos, retratando sua vida em um gesto confessionalista e se aproximando da teoria feminista.

Tais pontuações se fazem importantes, pois essa trajetória será decisiva na publicação da primeira trilogia de livros da autora. Em três anos consecutivos, Djamila publica: *Lugar de Fala* (2017), *Quem tem medo do Feminismo Negro?* (2018) e *O Pequeno Manual Antirracista* (2019), o qual recebeu o prêmio Jabuti em 2020, na categoria Ciências Humanas (Fuks, 2021).

A autora, ademais, foi colunista de periódicos, dentre os quais destacamos *Folha de São Paulo*, *Blogueiras Negras*, *Revista Azmina* e foi coordenadora do *Feminismos Plurais*, que será abordado por conseguinte. Em 2016, foi secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo durante a prefeitura de Fernando Haddad (Odara, 2016). Djamila Ribeiro, como mencionado acima, em breves palavras, iniciou sua trajetória precocemente.

Percebe-se, a partir da leitura de suas obras, como, por exemplo, *Quem tem medo do feminismo negro?*, que a autora retratou os processos de violência de raça e gênero com uma linguagem simples e acessível. Tal escolha combina dois fatores cruciais no que diz respeito aos aspectos da sua escrita: a comunicação didática com *todos* os públicos, acessando, inclusive, a branquitude, e a apropriação dos meios digitais, para criar um diálogo simples e coeso com seus leitores. A leitura das obras de Djamila Ribeiro se faz quase como um “pontapé” inicial quando se decide compreender feminismo e racismo e o feminismo negro no Brasil atual.

As plataformas digitais são espaços conhecidos da autora, uma vez que ela as utiliza para divulgar sua produção e propor o ativismo e dissertar sobre assuntos diversos — especialmente acerca do feminismo negro. Outras autoras-escritoras do feminismo negro

havam tido a mesma preocupação de utilizar um linguajar acessível para atingir toda uma comunidade, além da publicação de livros que transfixa o espaço acadêmico. Como o caso de bell hooks que, propositalmente, publica seus textos com a intenção de que as pessoas ao seu redor os compreendam — essa ideia fica explícita no texto *E eu não sou uma mulher?* de 2019. Ribeiro discute diretamente com essa ideia, na passagem que se segue. A autora resume o que dissertaremos nesse texto ao perceber que as mulheres compartilham a luta contra o sexismo, mas suas realidades são diferentes, comungando das premissas do feminismo negro:

Com a teórica e ativista estadunidense bell hooks aprendi que mulheres negras e brancas compartilham a luta contra o sexismo. O pessoal não se sobrepõe ao político, mas é o ponto de partida para conectar politização e transformação da consciência, isto é, para ler criticamente a experiência de opressão das mulheres. Seu primeiro livro sobre feminismo, *Ain't I a Woman?*, de 1981, foi inspirado no famoso discurso homônimo da ex-escrava Sojourner Truth, proferido na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, em 1851 (Ribeiro, 2018, p.19).

Com hooks e outras, por meio do ensaio, ela alinha as ideias e traz sua perspectiva pessoal acerca do que é ser uma mulher negra na sociedade, servindo-se de uma linguagem sem rebuscamentos e academicismos, e utilizando-se dos espaços midiáticos para acessar públicos e leitores diversos. Sua produção tem o potencial de se comunicar com aqueles que leem sua obra com objetividade e facilidade.

Outro aspecto importante a se ressaltar é que não é fácil, mesmo na contemporaneidade, ocupar espaços que a hegemonia ainda domina, como os jornais. A proposta de empoderamento de si e de outras mulheres negras, é reforçada pela autora, mesmo quando não comentada. É nesses aspectos que o trabalho nos periódicos transforma a imagem de Djamila nesse papel acessível, trazendo o meio acadêmico para o leitor da revista, por exemplo, e ressaltando o debate social e popular, acerca de temas complexos. No entanto, a ocupação dos espaços e o empoderamento dessa autora não acontece gratuitamente. Existe um trabalho árduo e principalmente *de vida*, que é extremamente importante nesse momento.

Sigamos em uma cronologia, para compreender como esse “trabalho de vida” acontece na vida da autora santista. Retomando o que foi dito, em 1980, nasce Djamila Ribeiro; antes mesmo de firmar suas bases na militância negra, a filósofa trazia de sua família a consciência de se auto-afirmar enquanto pessoa negra em uma sociedade racista que preza pelos padrões hegemônicos de maneira geral.

Durante entrevista à revista *Cult* 247 (2019), a filha de Joaquim José Ribeiro dos Santos explicita que seu próprio nome nasce da militância negra, de um jornal da época,

santista, o *Jornegro*, que influenciava os pais a colocarem os nomes de seus filhos resgatando a ancestralidade. Djamila e suas irmãs têm nomes africanos. É nesse contexto que a autora se insere. Ela cita, nessa mesma entrevista, que especialmente o pai, sempre a influenciou a respeito da estética, reforçando o quanto seus traços eram lindos e deveriam ser ressaltados, uma vez que essa é uma das peças centrais das artimanhas racistas: diminuir pessoas negras, minando suas autoestima. Por isso, a autora relata em entrevista à Fernanda Carvalho da revista *Cult*:

Djamila significa “beleza”, algo que meu pai sempre reforçava pra mim, porque minha infância foi muito difícil como menina negra na escola, com todos os racismos que existem nesses ambientes. Ele sempre me lembrava: “Olha o significado do seu nome! Você é bonita! Seu cabelo é bonito!” (Ribeiro, 2019, p.15).

Dessa forma, se nota que a escritora sempre teve uma base convicta dentro de sua própria casa, isto é, uma consciência de corpo desde o lar. Essa é a história do começo da vida da autora santista. O que mostra a realidade firmada na residência, ressaltando que a autoestima sempre foi um fator a ser reforçado, pois isso confere ao ser a coragem de enfrentar repressões sociais. Nesse caso, que traços negros não devem ser fatores para validar opressão. Conforme Djamila cresce, isso não se altera drasticamente, mas é importante citar que seus pais faziam parte da classe proletarizada, ou seja, compreendiam tão bem as explorações do trabalho na sociedade.

Por outro lado, ainda, enquanto a autoestima que o pai favoreceu ao nomear as filhas com nomes ancestrais, reforçando o orgulho aos aspectos antepassados, a mãe, Erani Benedita dos Santos, as criou para que não ficassem na posição invisível que a sociedade por vezes tenta colocar pessoas negras. Ela confere às filhas a consciência de quebrar com o silêncio e isso será fundamental ao Djamila se colocar nos espaços, com liberdade e autonomia. Em entrevista à Angélica Kalil da CNN, ela afirma tal questão:

Mas Djamila Ribeiro não foi criada para ficar atrás do ringue. “Minha mãe me ensinou a enfrentar o mundo”, revela a filósofa ao falar da dureza e rigidez de sua mãe, o que hoje entende como medo de ver os filhos serem discriminados.

Tudo isso era uma consequência do racismo e uma forma de defesa e sobrevivência que pessoas pretas conhecem muito bem.

No seu mais recente livro lançado, “Cartas para minha avó”, a escritora faz uma espécie de reconexão com a figura materna – a qual não entendia,

questionava os motivos da sua dureza e, até mesmo, o motivo por ter sido criada para ser diferente dela (Ribeiro, p.1, 2023).

As interseccionalidades presentes na vida de Djamila formam a intelectual que temos atualmente. Por essa razão, lembrar sua história de vida é tão importante e essencial para se discutir a pessoa e escritora que ela viria a ser posteriormente. É nesse panorama que se estabelece a pensadora. Assim, no fim da adolescência, ela começa a atuar na Casa de Cultura da Mulher Negra, quando entra em contato, de fato, com o feminismo e com o trabalho de base do movimento. A autora dedica a fundação de sua trajetória teórica no feminismo, bem como sua atuação política e intelectual, à memória desse período de trabalho e reflexão na ONG. Esse momento de atuação e as experiências familiares serviram como catalisador para o desenvolvimento de seu olhar crítico sobre o machismo e o patriarcado, que se tornaram centrais em suas obras e em sua militância.

Apesar de o ambiente familiar de Djamila Ribeiro ser um espaço onde as questões raciais eram abordadas e discutidas, a autora revela que seu pai carregava consigo fortes *atravessamentos machistas*. Diante desse aspecto podemos discutir como os atravessamentos de gênero e raça são diferentes e que, mesmo o pai dela tendo consciência de um fato estrutural, o racismo, isso não significa que ele terá consciência dos problemas de gênero, sobretudo porque não fazem parte de sua realidade. Ela enfatiza essa reflexão para sublinhar a complexidade das relações de opressão, que se entrelaçam mesmo em contextos de consciência racial. É o que a autora afirma na entrevista supracitada à revista *Cult*, quando questionada acerca da percepção de seu gênero:

Eu fui muito questionadora desde pequena. Me criaram assim e depois reclamavam. Eu dizia: mas vocês me ensinaram assim! Meus irmãos mais velhos podiam fazer várias coisas, sair e voltar mais tarde. Eles até tinham suas tarefas domésticas, mas eram muito diferentes das nossas. Acho que com uns nove, dez anos, eu tinha que ajudar a fazer faxina e eles não, então eu questionava principalmente minha mãe, porque era ela que ficava mais tempo com a gente.

Minha mãe faleceu quando eu tinha 20 anos. Antes disso a gente se aproximou, ela foi me entendendo e eu entendendo também que aquilo fazia parte do contexto no qual ela foi criada. No final da minha adolescência conheci uma ONG feminista em Santos, a Casa de Cultura da Mulher Negra, e fui trabalhar lá. Até porque, por mais que meu pai fosse um homem extremamente crítico quanto à realidade racial, ele era machista, sobretudo com a minha mãe. O interessante é que comigo e com minha irmã ele era diferente. Ele queria que a gente estudasse, que tivesse oportunidades na vida, dizia que não queria que a gente dependesse de homem – e isso quando a gente estava com 12, 13 anos, e nem pensava em namorar ainda! Mesmo ele sendo machista e exercendo esse poder sobre minha mãe, minha postura

questionadora também veio muito do que ele falava pra mim (Ribeiro, p. 16, 2019).

Assim, começa seu contato com o feminismo e com sua condição de mulher na sociedade, atravessada ainda pelo fato de ser uma pessoa negra. É importante pontuar e diferenciar tais questões, uma vez que ser negra não significa ser feminista e o fato de ser racializada não torna uma pessoa ativista do movimento, no entanto, Djamila percebe que a dupla relação com ambos os posicionamentos pode ser favorável na sua construção intelectual. Por essa razão, a história de vida da pensadora é tão decisiva no que diz respeito ao profissional-literário — uma vez que ela debate sobre o assunto, além de fazer parte de sua realidade como mulher e negra; Djamila estende suas influências aos seus pensamentos posteriores, mas não somente isso. Após esse contato com as leituras, ela começa a se conectar com outras autoras do feminismo negro.

O quadro na página 44, mostra as escritoras e pensadoras com as quais Djamila Ribeiro estabelece um diálogo intertextual em *Quem tem medo do feminismo negro*. Ele pode nos ajudar a compreender a construção do pensamento feminista negro e feminista interseccional da autora e as conexões que ela estabelece com outras pensadoras. Dentre os trinta nomes que compõem o quadro, vinte e três pertencem a feministas negras. É preciso destacar Grada Kilomba, uma das pensadoras mais citadas no livro.

De acordo com Bastos (2020, p. 26), é correto “acentuar a influência teórica de feministas negras estadunidenses na obra de Djamila Ribeiro”, mas não é menos importante a

referência ao pensamento de Lélia Gonzalez, antropóloga negra, cuja obra também pretendeu elaborar interpretações estruturais sobre a sociedade brasileira. Ao nosso ver, a principal semelhança entre as duas autoras está justamente na tentativa de recuperar e visibilizar o papel das mulheres negras ao longo da história brasileira numa perspectiva de longa duração.

Como se pode observar, Lélia Gonzalez é a terceira autora mais citada por Djamila Ribeiro, juntamente com Judith Butler, o que ressalta o caráter pioneiro em suas análises, ao colocar em diálogo diversas autoras feministas que ecoam na história e cultura. Quanto a Butler, ressalta-se o caráter interseccional do feminismo que abre caminhos e amplia espaços. Em seu livro *Problemas de gênero* (2018), Butler – que declarou abertamente se entender como não-binária – esmiúça questões que desenham um cenário que evoque teorias do transfeminismo e da teoria queer.

Recentemente, Djamila entrevistou Chimamanda Ngozi Adichie. Na apresentação da escritora nigeriana, contou que estiveram juntas por três vezes e, na última, acabaram jantando juntas:

A conexão foi instantânea. Dividimos, além de debates, momentos de afeto. Naqueles dias, vivi uma experiência inesquecível: a escritora se ofereceu para prefaciar “Where we stand”, a tradução de “Lugar de fala” para o inglês, gesto que mudou minha trajetória ao me abrir, com a generosidade de uma madrinha, as portas do mercado editorial americano (Ribeiro, 2025,n.p.).

Autoras	Ocorrências
Simone de Beauvoir	28 (Incluindo 1 rodapé)
Grada Kilomba	14 (15 com rodapé)
Lélia Gonzalez	10
Judith Butler	10
bell Hooks (1)	7
Sueli Carneiro	7
Alice Walker	7
Angela Davis	7
Patrícia Hill Collins	6
Audre Lorde	6
Maya Angelou	4
Toni Morrison	4
Jurema Werneck	3
Núbia Moreira	3
Mary Wollstonecraft	3
Chimamanda Ngozi Adichie	2
Sojourner Truth	2
Beatriz Nascimento	2
Amelinha Teles	2

Sandra Harding	2
Charô Nunes	2
Luiza Bairros Cristiano Rodrigues	2
Carolina Maria de Jesus	1
Conceição Evaristo	1
Nísia Floresta	1
Renata Felino (UNESP)	1
Margareth Simons	1
Stephanie Ribeiro	1
Janaína Damasceno	1
Kimberlé Crenshaw	1

Como se vê, a escritora brasileira dialoga com outras pensadoras do feminismo negro, como bell hooks, Lélia Gonzales, Angela Davis, Grada Kilomba, entre outras, com as quais entrou em contato no momento em que começou a se envolver com a ONG Casa de Cultura da Mulher Negra, e leu diversos livros de teóricas negras. Na Introdução de *Quem tem medo do Feminismo Negro?* (2018) a própria autora explicita esse momento de fortalecimento e formação teórica:

O chefe gosta muito do seu café, em time que se está ganhando não se mexe.” Foi assim que a gerente me negou a oportunidade de mudar de cargo, e então resolvi que era hora de mudar o placar. Minha mãe havia falecido fazia pouco tempo e, em homenagem a ela, pedi demissão. Enquanto cuidava do meu pai no hospital, que adoeceu logo depois da minha mãe, conheci a Casa de Cultura da Mulher Negra. Foi lá que tive a primeira oportunidade de um trabalho que valorizava minha formação, oferecida por mulheres negras feministas de fato. Redescobri minha força. Trabalhei quase quatro anos na biblioteca da Casa de Cultura, onde entrei em contato com bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Sueli Carneiro, Alice Walker, Toni Morrison. Fui aprendendo a falar por outras vozes, a me enxergar através de outras perspectivas (Ribeiro, 2018, p.12).

O contato com a Casa da Cultura possibilitou que as ideias da filósofa pudessem se direcionar à sua própria vivência, além de ser um espaço no qual ela pudesse existir e trabalhar sem relações abusivas. Suas primeiras obras publicadas refletem essa trajetória de vida da autora.

As conexões que Djamila estabelece não são apenas intelectuais; elas se fundem à sua base familiar — marcada pela militância do pai — e à sua atuação direta em movimentos sociais. É a partir dessa tríade (teoria, vivência familiar e militância) que traça sua trajetória como jornalista, uma das importantes colunistas do Brasil — e da Carta Capital — e, especialmente, uma filósofa conhecida no meio digital. Todas essas características contribuem para a autora começar sua jornada nos meios de comunicação e, a partir disso, publicar obras que são sucesso de vendas, atingem diversos públicos e compõem uma trajetória de êxito.

Após trabalhar na Casa da Cultura da Mulher Negra, dos 18 aos 21 anos, Djamila inicia a faculdade de jornalismo, que cursa por 3 anos e, devido à gravidez de sua primeira filha, Thulane, ela o abandona. Só posteriormente, no ano de 2012, ela se graduou em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e, em 2015, defendeu sua dissertação de mestrado, pela mesma instituição, recebendo o título de mestre.

Durante e após a sua trajetória acadêmica, Djamila inicia o trabalho da escrita e se envolve cada vez mais com a colaboração em colunas de periódicos. É comum que se encontrem artigos publicados, no formato de ensaios jornalísticos, majoritariamente, retratando causas sociais, que perpassam o debate acerca do racismo e do feminismo e de tópicos políticos que tangem tais temas, por vezes relacionando-os com sua história de vida enquanto negra. Essa cotidianidade dada a sua escrita permite que a autora converse com todos os públicos, desde os seus companheiros acadêmicos, até a sociedade não inserida no meio elitizado da academia. Aqueles, aliás, que são propositalmente tirados dessa cena, é para quem ela deseja dar voz. Além disso, é a partir desse aspecto que se conclui a característica ensaística de seu trabalho.

É diante dessa trajetória que se constrói o perfil da autora de grandes sucessos, livros que se tornam didáticos pela forma acessível e que alcançam públicos diversos. É preciso compreender o “simplificar” como “deixar simples”, ainda que se trate de desenredar camadas muito complexas do conhecimento e de violências estruturais. Como explica a própria Ribeiro, na mesma entrevista à Revista *Cult* 247 (2019), supracitada — na qual, inclusive, cita Beauvoir:

Mesmo autoras como a Simone de Beauvoir, filósofa francesa importantíssima, que refletiu sobre a condição feminina em 1949, com *O segundo sexo*, negou uma neutralidade epistemológica e falou sobre refletir a realidade concreta da mulher. Feministas negras como Lélia Gonzalez refutam, inclusive, a questão da linguagem, que é poder, e questionam como a gente vai dialogar com mulheres como nós, sendo que a maioria foi alijada dos espaços acadêmicos. A linguagem também foi pautada por valores ocidentais e de exclusão. A Lélia pensa o pretoguês, que era a valorização da língua falada pelos povos africanos. Outras teóricas feministas negras vão falar da importância de escrever de modo que nossas mães entendessem – e isso não é escrever de forma simplista, muito pelo contrário. Isso nos exige, na verdade, uma sofisticação intelectual muito grande, já que temos que pegar conceitos muito elaborados e falar de maneira simples (Ribeiro, 2019, p. 15-16).

Na citação acima, a autora explicita a importância de dialogar com pessoas que compartilhem da mesma realidade para que a base de luta seja fortalecida. No entanto, é possível ver no trabalho de Djamila Ribeiro uma amplitude nessa comunicação, tornando efetivo o diálogo com mulheres negras, falando sobre o feminismo e debatendo questões que são parte do movimento, além de reproduzir seu pensamento a outros públicos.

Dessa forma, compreendemos o real valor das pesquisas acadêmicas. A autora parte da comunidade científica, transpõe a produção de conhecimento ao levar os assuntos para a base, ou seja, a sociedade, por meio dos jornais e de suas publicações (sem contar a linguagem, já mencionada). Reflito aqui, que não faz sentido produzir sem o olhar sensível para as camadas da sociedade que mantêm uma Universidade pública viva. Assim, começa-se o trabalho de publicação e, especialmente, de diálogo da autora. O meio acadêmico possibilitou que isso fosse divulgado, mas antes disso, imediatamente mencionamos que Djamila mantinha um contato interessado com outros pensadores, por isso, arrisco dizer que, por conta dessa forma de escrita, é quase característico dessa escritora, estar sempre dialogando com os seus e a sociedade.

A autora inicia um trabalho de profunda conexão com a escrita antes mesmo de finalizar suas formações, em jornalismo e filosofia. Essa é a prova de que ela já desenvolvia profunda afinidade com a comunicação. O início da relação se dá com o *blog* Blogueiras Negras, no qual ela publica o artigo *Ser Oprimido não é desculpa para Legitimar Opressão* (2013), além de outros que foram, inclusive, reproduzidos em seus livros.

Depois de 2014, a autora ainda se envolve com a revista *Azzmina* e vinha trabalhando como escritora para o escritório feminista da revista *CartaCapital*, de onde seleciona os ensaios e artigos escritos entre 2014 a 2017, que comporão *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018).

Percebemos que a autora sempre manteve uma relação próxima com periódicos e, até os dias atuais, trabalha dessa forma. Djamila é colunista até hoje e continua publicando ativamente. Quando ela lança seu primeiro livro, *O que é lugar de fala?* (2017), pela editora Letramentos, estreia sua própria editora e projeto: o Feminismo Plurais, de que trataremos mais adiante. Posteriormente, publica uma nova versão do livro mencionado, pelas mãos de sua própria editora.

Com a publicação de *O que é lugar de Fala?* (2017), a autora recebe ainda mais atenção e visibilidade, justamente por discutir um conceito muito importante, o lugar que o ser ocupará ao retratar determinado assunto na linguagem. É o falar sabendo o *lugar* que você ocupa no mundo e posicionando-se a partir dele. Em uma sociedade na qual o racismo sequer tinha espaço para ser discutido, ou ganhava pauta, falar sobre um *lugar* onde as pessoas têm voz e desenvolver essa ideia pensando em todos os atravessamentos do sujeito é de fato inovador e merece a devida visibilidade.

Nessa obra, ela afirmará que o Feminismo Negro não é uma cisão entre mulheres brancas e mulheres negras. O que ela debate é, em primeira instância, uma pauta levantada por outras feministas negras, a qual buscava evidenciar o atravessamento burguês e da branquitude no início do movimento feminista, o que ocasionava preconceitos das próprias feministas, além da dificuldade de revogação de direitos para mulheres negras. É nesse ponto que muitas questionam o que é ser mulher, uma vez que essa definição é variável. Isso pode, infelizmente, ser convertido para a atualidade, uma vez que ainda é uma realidade: mulheres brancas reivindicam valores ditos universais, mas se esquecem da inclusão de mulheres negras na pauta.

Juntamente com a editora Letramento, Djamila cria o projeto *Feminismos Plurais*, que ela explica na apresentação do mesmo livro citado acima, *O que é Lugar de Fala* (2017):

O objetivo da coleção Feminismos Plurais é trazer para o grande público questões importantes referentes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível. Por essa razão, o Grupo Editorial Letramento, através do selo Justificando, com a minha organização, uma vez que sou Mestre em Filosofia e feminista, idealizamos algo imprescindível quando pensamos em produções intelectuais de grupos historicamente marginalizados: esses grupos como sujeitos políticos (Ribeiro, 2017, p.9).

Na passagem, a autora explicita que busca atingir grandes públicos, porque acredita que pode se comunicar com uma diversidade de pessoas. Aqui, utilizaremos o termo *públicos diversos*, uma vez que é possível a comunicação com diversos leitores e consumidores de seus

conteúdos. A autora recorre à estratégia por algumas razões, dentre elas a democratização do conhecimento por meio da acessibilidade linguística (linguagem de fácil acesso e entendimento) e financeira, uma vez que a coleção é composta por livros com preços acessíveis. Além disso, promove a retirada da discussão de gênero do meio acadêmico, levando-a para a base. Podemos discutir, nesse ponto, que Ribeiro compreende a importância da mudança social, a começar por discutir com aqueles que partilham da vivência dissertada por ela, sendo a base da discussão e tornando suas obras acessíveis a essas pessoas da mesma forma. Ela organiza seus pensamentos para que eles atinjam diversos meios e incluam grupos, vítimas do apagamento, revelando que a discussão não é somente parte de um nicho específico. Ela eleva o nível de consciência em relação ao debate quando propõe que seu editorial converse com quaisquer pessoas, des-elitizando o pensamento.

Com a criação do *Feminismos Plurais* em 2018, a autora ocupa de forma assídua os meios digitais, que era de seu interesse o trabalho com publicações digitais. Nesse momento, ela se insere nas redes sociais ativamente e se utiliza desse meio como uma maneira de divulgação do seu trabalho e uma forma de aproximação com um público, sendo possível compartilhar partes do seu dia-a-dia com parentes, amigos, leitores e fãs. Após essa entrada nas redes e depois de inúmeros trabalhos, a autora ganha notoriedade popular e o *Feminismos Plurais* igualmente, com livros como *Racismo Estrutural* (2020) de Silvio Almeida, *Interseccionalidade* de Carla Akotirene (2019) ou *Transfeminismo* (2021) da professora Letícia Nascimento.

O espaço do Feminismos Plurais, para além de uma editora, tem o objetivo de publicar livros que perpassam o tema dos feminismos e antirracismo, é um espaço de acolhimento para mulheres e de saberes diversos sobre os temas, sendo uma associação sem fins lucrativos. Desse modo, a partir do trabalho com editoras, Djamila cria sua própria organização editorial, com publicações anuais, que tem um trabalho plural e ativo, com devolutiva social.

Foi assim, aos poucos e cada vez mais, que ela tomou os espaços das redes sociais e foi sendo reconhecida, bem como seu projeto. Por fim, em 2022, Djamila Ribeiro, após diversos prêmios e trabalhos realizados, é indicada e eleita como membra da *Academia Paulista de Letras*.

Pode-se, novamente, notar que existe uma íntima relação da autora com os periódicos e se faz necessário destacar como Ribeiro se apropria desses meios para ocupar espaços onde se sabe que o racismo é institucionalizado. É com êxito que Djamila Ribeiro

manuseia suas publicações no meio digital e as democratiza, tornando-as acessíveis a quem desejar se informar em suas obras.

Além disso, carrega em seus textos não somente o tom jornalístico e informativo que um ensaio pode conter, mas, ainda, a literariedade de uma vida em que é colocada, *um lugar de fala* carregado de conhecimento e leituras. Posteriormente, isso se concretiza no trabalho de suas citações, especialmente aquelas concernentes a Beauvoir que, por diversas vezes é mencionada em seus trabalhos — além de ser o principal objeto de sua pesquisa de mestrado.

2.1.2 Simone de Beauvoir

No que diz respeito à filósofa e escritora francesa, Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir nasceu em 09 de janeiro de 1908, em Paris, em uma família burguesa e faleceu em 1986, de pneumonia, na mesma cidade. Era a filha mais velha de Françoise Brasseur e de George Bertrand de Beauvoir e levava uma vida tranquila, até que seu avô, que era banqueiro, decretou falência e aquela família da alta burguesia passou a ter dificuldades financeiras (Deguy & Beauvoir, 2008). O pai de Beauvoir logo compreendeu que apenas os estudos de suas filhas poderiam lhes dar uma vida digna e, por essa razão, matriculou Simone e Hélène, a filha mais nova, no *Adeline Désir Institut* – que ela apelidou *Le Cours Désir*, uma escola católica, onde a futura filósofa e escritora conheceu aquela que seria a sua melhor amiga, Zaza.

Para Kirkpatrick (2020), se “uma infância pudesse ser resumida em mandamentos, os dois maiores de Simone de Beauvoir eram ‘Não farás o que é impróprio’ e ‘Não lerás o que é inadequado’”. Sua mãe, Françoise de Beauvoir, tivera uma criação rígida, com “decoro provinciano e moral de uma garota de convento (Golay, 2013, p. 147).

Na Sorbonne, Beauvoir se matriculou no curso de Filosofia e ali conheceu Jean-Paul Sartre, com quem viveria um relacionamento por toda a vida.

Nos seus trabalhos iniciais, é a questão existencialista que a interessa e ainda não trata de feminismo. Começa publicando livros existencialistas, como por exemplo, o seu primeiro romance *A Convidada* (1943), no qual irá relatar questões sobre o amor, a não-monogamia, existencialismo, ciúmes, entre outros temas, com conexões com a autobiografia. Em *O Sangue dos outros* (1945/1984), o romance terá como cenário a Segunda Guerra Mundial e abordará a tomada de consciência de Hélène, a protagonista, de que é preciso pensar na coletividade, não apenas em si mesma. Segundo Fonseca, “Beauvoir é considerada um ícone da literatura existencialista francesa e elaborou uma prosa de ficção que

relaciona literatura e filosofia, que a autora denominou de romance metafísico” (Fonseca, 2020, p. 11).

Nas suas produções, publica romances, ensaios filosóficos e artigos para revistas, com destaque especial à *Les Temps Modernes* e a *Gallimard*. Os fatos cotidianos narrados por ela são temas do dia a dia, da cotidianidade. No entanto, percebe-se, pela história de vida de Beauvoir, que o tema do feminino e do feminismo se insere vagarosamente, conforme suas publicações. Em diversos momentos, há nessas obras uma presença forte da imagem feminina, do que é, na prática, a relação mulher-mundo. A filósofa se impõe enquanto escritora ao ocupar, da mesma forma, lugares masculinistas e que a hegemonia domina, como os editoriais.

Até quando publica o *Segundo Sexo*, em 1949, sequer se enxergava ou se mencionava enquanto feminista. A escritora só se afirma de fato como tal anos mais tarde, como expõe Djamila Ribeiro ao ser questionada acerca da importância de Beauvoir, na entrevista à *Revista Bá* para a jornalista Angélica Kalil:

E é bom lembrar que ela está muito anterior à teoria feminista. As pessoas associam *O Segundo Sexo* ao feminismo, mas quando a Simone de Beauvoir lançou este livro ela era uma filósofa pensando a condição feminina. Ela ainda não se entendia como feminista, ela ainda não tinha se percebido como feminista. Ela fez um estudo aprofundado da condição da mulher. E aí o livro dela influencia depois muitas pensadoras que, a partir da década de 1960, começam a pensar a teoria feminista. Por isso que eu acho a Simone de Beauvoir interessantíssima, porque ela só vai se entender como feminista depois, na década de 1970, quando ela vai realmente militar, ela sai às ruas, ela vai começar a apoiar os movimentos, ela vai panfletar. Naquele momento, ela ainda não era, mas o livro dela foi tão importante que acabou sendo abraçado pelo movimento feminista como um marco (Ribeiro, 2023, p.1).

A autora francesa passa a se identificar — e atuar — como feminista ao se alinhar com o movimento de libertação das mulheres na França, quando, inclusive, publica o *manifeste des 343* (*manifesto das 343*) na revista *Le Nouvel Observateur*, no qual reivindicava o direito ao aborto legal juntamente a outras mulheres que assumiam ter realizado o procedimento. Nessa época, Beauvoir era uma militante ativa no feminismo, diferentemente de quando publica *O Segundo Sexo* em 1949. Em diversas entrevistas, ainda, mantém sua postura de filósofa existencialista, é por isso que propõe um feminismo existencialista. Mesmo não se apropriando do nome “feminista”, a teoria existencialista parte de uma proposta interessante ao se pensar a condição feminina na sociedade.

De acordo com Kirkpatrick (2020, p. 16), o *Segundo Sexo* representou um momento revolucionário na maneira como as mulheres da época pensavam. Graças à obra, elas começaram a falar francamente sobre si mesmas em público. Para a jornalista, a “educação filosófica de Beauvoir não tinha precedentes em sua geração, mas, mesmo assim, quando tinha trinta e poucos anos e começou a pensar na pergunta ‘o que significa ser mulher para mim?’”, as descobertas a deixam chocada.

Ela teria escrito *O segundo sexo* porque estava irritada com a quantidade de “idiotices” que eram ditas sobre as mulheres. No entanto, quando Beauvoir escreveu sua célebre frase “Não se nasce mulher; torna-se mulher”, não sabia o quanto *O segundo sexo* “afetaria o resto de sua vida e das mulheres que vieram depois dela” (Kirkpatrick, 2020, p. 16). A autora assume, ainda, como mencionado alguns parágrafos acima, que mesmo após a publicação, recebeu críticas de tons machistas e misóginos, atacando sua integridade e honra. Isso provindo da crítica acadêmica, editorial e de meios sérios de comunicação.

Foi, portanto, a partir do contato com a escrita e leituras, que Beauvoir percebe a necessidade de discutir o tema da mulher e do feminismo em suas obras, como tem-se em *O Segundo Sexo*.

A personalidade no tom da escritora se intensifica quando ela publica a trilogia de livros que serão particularmente sobre sua vida de intelectual e de ser humano vivida no contexto da Segunda Guerra Mundial: *A Força da Idade* (1960), *A força das Coisas* (1963) e *Cerimônia do Adeus* (1981). A autora não apenas produziu uma “extensa obra filosófica, vinculada, sobretudo, ao feminismo e ao existencialismo, também se dedicou a diversos gêneros literários, incluindo: romances, memórias, uma peça teatral, cartas e novelas” (Fonseca, 2020, p. 12).

O *Segundo Sexo* dá a Beauvoir notoriedade e reconhecimento internacional. De acordo com Galster (2013, p. 6), no início, apesar do escândalo que seu lançamento provocou, ele foi pouco lido na França, porque sua terminologia filosófica o tornava “indigesto” para muitos leitores e leitoras; em compensação, nos Estados Unidos, onde o movimento feminista estava mais avançado, a recepção do livro foi mais intensa. Curiosamente, foram atribuídas às feministas estadunidenses alguns achados de Beauvoir: o fenômeno se explica, ainda segundo Galster, porque eles foram retomados sem que se indicasse sua fonte.

Nessa obra, Beauvoir questiona a passividade da mulher, que seria um produto criado pela dominação masculina. Segundo a autora,

Enquanto o conformismo é para o homem muito natural – o costume tendo sido estruturado de acordo com suas necessidades de indivíduo autônomo e

ativo – será necessário que a mulher, que é também sujeito, se dissolva em um mundo que a destinou à passividade. É uma servidão ainda mais pesada porque as mulheres, confinadas na esfera feminina, lhe hipertrofiaram a importância. [...] A partir do momento em que se livra de um código estabelecido, o indivíduo torna-se um revoltado (1995, p. 883).

Para Kirkpatrick (2020, p. 197), embora o *Segundo Sexo* contenha passagens que se aproximam daquelas vividas por Beauvoir, e de parte de seus amigos, e apesar de já existir uma crítica de sua parte à “neutralidade e universalidade” dos filósofos, ela ainda não percebera “até que ponto o pessoal poderia se tornar político”. Afinal, muitos filósofos haviam escrito sobre o “homem e a condição humana”. Mas, “e a mulher?” — se perguntava ela. A condição feminina era algo que, de fato, existia?

Ao publicar o *Segundo Sexo*, Beauvoir tinha 41 anos:

Ela havia visto a mãe sofrer devido a um relacionamento totalmente desigual com o pai. Quando criança, ela se recusara a ser tratada “como menina, pois sabia que meninos e meninas eram iguais aos olhos de Deus. Desde o dia em que o atendente da livraria a assediara, ela sempre se sentia desconfortável na companhia de homens desconhecidos. Ela havia perdido Zaza, que morreria em consequência de discussões sobre o valor comparativo de dotes, propriedade e amor. Ela vira suas amigas infectadas e hospitalizadas após abortos ilegais. Mantivera conversas com mulheres que ignoravam as funções e prazeres de seu próprio corpo. Visitara outros países, o que a fizera perceber que os costumes podem parecer necessidades só porque são comuns. Lera as páginas de abertura do romance *Ravages* de sua amiga Violette Leduc e ficara abalada com seu próprio choque perante a discussão franca contida no livro: ela falava sobre a sexualidade feminina de uma maneira que nenhuma mulher jamais havia feito, com verdade e poesia (Kirkpatrick, 2020, p. 197).

A primeira frase do livro se tornará célebre e influenciará o pensamento feminista, a partir de sua publicação:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (Beauvoir, 1995, p. 9).

Ao escrever o *Segundo Sexo*, Beauvoir havia percorrido uma trajetória de mais de 20 anos de “intensa dedicação ao projeto de se tornar intelectual e escritora” (Candiani, 2019, p. 05). Aos 21 anos, foi a pessoa mais jovem a obter uma *agrégation* em filosofia e, em 1945, foi a única mulher a se envolver na editoração da revista *Les Temps Modernes* (Bair, 1990).

Percebe-se, assim, que a célebre obra de Beauvoir retrata diretamente a realidade feminina da mulher do século XX. Na obra, dividida em Destino, História e Mitos (volume I) e Formação, Situação, Justificações e Caminho da Libertação (volume II), ela discute ideias pré-estabelecidas a respeito da mulher legitimadas na ciência, na política e em outras esferas intelectuais e sociais. Propõe um caminho de liberdade da feminilidade, para que esta não seja mais um destino ameaçado. Tratando de uma casta predominantemente masculina, responsável por fazer a manutenção dessa ameaça, a autora discutirá esses aspectos pré-determinados mediante questões que, inclusive, possuíam um viés científico e determinantemente explicado.

Como mencionado acima, há no livro uma profunda relação com suas questões de vida. Beauvoir começa a se questionar a respeito de sua própria vivência na sociedade, enquanto mulher. Em um dos primeiros trechos, logo na introdução, isso fica explícito, quando, ao exemplificar as diversas situações trazidas pela autora em relação à feminilidade. Ela escreve:

Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se:
 “Você pensa assim porque é uma mulher”. Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o contrário porque é um homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada” (Beauvoir, 1949, p.12).

Trazer, por vezes, a condição feminina baseada em sua própria vida, nos faz refletir sobre a importância da autora francesa ao associar todas essas questões a um pensamento dialético desenvolvido, que questiona outras estruturas da ciência e da política hegemônica masculina. Isso é comum no livro, no entanto, a passagem reflete, ainda, outra questão teórica que abordaremos nesse trabalho: o questionamento frequente da intelectualidade de mulheres na ciência e nas discussões acadêmicas, uma vez que o fazem somente por serem mulheres.

Outros questionamentos, durante o período da história, foram feitos. Na obra, Beauvoir discute padrões de gênero, uma vez que esse é o motivo pelo qual se determinam as bases masculinistas da sociedade do século XX (e que facilmente associamos à realidade ainda contemporânea).

Portanto, pode-se definir que o olhar sensível da escritora francesa à sua realidade material a levou a discutir uma problemática que, por anos, seria discutida e levada como ponto inicial das políticas feministas. Trazer luz a esse pensamento leva a autora a demonstrar

para um grande público, por meio de um gênero (o ensaio) e de um corpo determinado “o outro” (a mulher) como a sociedade tem tratado as mulheres desde os primórdios da humanidade através do patriarcado. Por se compreender nessa realidade, a escrita dela torna-se experiência e teoria, ao passo que o questionamento da biologia, da psicanálise e da história, foram (e ainda são) a construção científica que se têm até o momento das mulheres, sendo pilares fixados e aprovados dessas ideologias masculinistas.

Desse modo, ainda, a recepção do *Segundo Sexo* é de suma importância para termos a noção autobiográfica e intelectual de Simone de Beauvoir, inclusive no cenário brasileiro, incluindo a importância da leitura de Ribeiro, que bem como colabora com a difusão de sua obra.

O diálogo frequente na obra explicita os problemas de gênero presentes na realidade das mulheres, inclusive da autora, levando a questionar o teor literário da própria. Mesmo que sem conter um gesto autobiográfico ou confessionalista, existe uma profunda conexão de resposta com pensadores homens, que a levarão a pensar toda essa “realidade ameaçada” que é a feminilidade.

De Adão e Eva a toda a evolução da biologia (pautada no patriarcalismo e na negligência dos estudos acerca do corpo feminino), ela demonstrará de maneira prática que essa desigualdade de gêneros poderia acontecer em diferentes realidades. Trata-se de um ponto de vista da ambiguidade, sendo a necessidade da exploração de um em relação ao outro. Porém, demonstra que no caso da evolução histórica, acontecem episódios curiosos e a dominação não se dá necessariamente de um em relação a outro. A história que essa “guerra de sexos” nos conta, não se dá pelo viés da dominância, como entendemos hoje, mas pela relação de trabalho, quando a mulher é designada aos trabalhos domésticos e o homem, à caça. Na verdade, existe até uma explicação na querela que se fez acerca da condição feminina, no entanto, não nos limitemos a isso, uma vez que quando destrinchado, o problema é muito mais complexo. Torna-se, assim, institucional e político atualmente.

Ser mulher, por meio do que a sociedade impõe, não é um algo natural, mas fruto de uma construção social e política. Essa noção biologizante, como as próprias autoras das obras que analiso chamam, sustenta a ideia de subordinação em relação ao homem, de que a mulher estará frequentemente a servir, sem levar em consideração suas expressões, vontade e desejos pessoais. Além de que, por anos na história, a partir do momento em que se instaura o patriarcado, essas ideias estabelecidas afetaram até mesmo a saúde física e mental da mulher.

É indiscutível a importância de Beauvoir para o feminismo,

é mais do que evidente seu engajamento político em torno do feminismo radical, como ativista e como teórica do movimento, produzindo obra salutar que rompeu com os paradigmas da teoria feminista liberal ou tradicional. Além disso, imprimiu em sua literatura a abordagem e o engajamento militante da feminista radical. No campo do existencialismo, também foi uma das principais pensadoras dessa corrente, estando envolvida diretamente com a concepção epistemológica e a elaboração teórica dessa matriz de pensamento (Fonseca, 2020, p. 20).

É impossível que falemos de *O Segundo Sexo* sem mencionar que a realidade de Simone de Beauvoir era de uma mulher vivendo e experienciando tais questões, especialmente por compor o meio acadêmico e os editoriais. É nesse sentido que esse trabalho irá caminhar, uma vez que existe uma profunda relação dialógica entre Beauvoir e Ribeiro, ao tratar de seus feminismos e ideias: mesmo que haja diferenças entre elas, há, ao mesmo tempo, muitas semelhanças.

Abaixo, discutiremos o *feminismo existencialista*, a base que originou a reflexão filosófica de Simone de Beauvoir. A ideia aqui é a comparação num todo. Deste modo, julgo importante criar um cenário de contextualização das vertentes.

2.2. O feminismo existencialista de Simone de Beauvoir

As produções de Beauvoir iniciam-se a partir de sua afinidade com o existencialismo, sua vertente filosófica e de trabalho. Ela atuou lecionando filosofia e colaborando em jornais. Até a publicação de *O Segundo Sexo*, em 1949, os filósofos existencialistas não haviam pensado na categoria da condição da mulher ou ela era pouco discutida, e quando o era, a perspectiva vinha de um viés masculinista. Aliás, pouco se havia pensado na categoria do ser mulher, como gênero, até o momento. A mulher era tratada como o outro que se ignora, em cuja condição não se pensa subalternizada. Beauvoir questiona elementos da sociedade que pautaram tais conhecimentos acerca da mulher e será a primeira, dentre tantos homens, a discutir sobre essa condição.

As publicações acadêmicas, jornalísticas e de produção de conhecimento centravam-se no homem em primeira instância. Tratava-se, naquele momento, de um gesto quase que “natural” pensar as diversas especificidades sociais a partir do que o homem era na sociedade. Eis as palavras de Beauvoir, que abrem *O Segundo Sexo*:

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais

nisso... No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices que se disseram neste último século tenham realmente esclarecido a questão (Beauvoir, 2009, p.80).

Vale ressaltar que Beauvoir provocou todo um sistema patriarcal, que obteve reações indignadas aos seus debates feministas. Na época, pouquíssimas mulheres ocupavam a universidade, ela era uma exceção dentre tantos homens. O feminismo existencialista dela será construído a partir do diálogo com teorias de homens, uma vez que dificilmente mulheres ocupavam espaços da produção de conhecimento. Kirkpatrick, na biografia que escreve acerca de Beauvoir, explica que a oportunidade de construir essa figura de intelectualidade se deu a partir de sua formação. Vale ressaltar que a condição financeira sempre foi um determinante, mesmo passando por dificuldades, ela pôde ter uma boa formação, a qual, inclusive, estimulava o ensino de mulheres para lecionar e cursar o ensino superior. Ela ressaltava:

O Cours Désir, embora conservador em muitos aspectos, foi uma das principais instituições a incentivar as mulheres a concluir o primeiro e o segundo baccalauréats. Após o primeiro, estudantes brilhantes como Simone eram incentivadas a permanecer mais um ano para se qualificarem em disciplinas como filosofia, literatura ou ciência, o que lhes permitiria lecionar em escolas semelhantes (Kirkpatrick, 2020, p.75).

Dessa forma, ver mulheres ocupando esses espaços, era algo irregular. Além disso, existia a questão da sociedade ser pensada para homens. Todas essas características reforçavam o patriarcado presente na sociedade francesa e o estímulo que foi responsável por Beauvoir publicar a obra de o *Segundo Sexo* em 1949. Vale, ainda, mencionar que, mesmo a França considerada o berço dos direitos humanos, excluía mulheres do direito ao voto, um valor básico de opinião.

Tem-se associado, portanto, ao existencialismo o nome de homens. E o dela, sendo a única mulher no meio, porém, como a pensadora que debateu o existencialismo, mas reformulou a questão — efetivamente — para a condição feminina. Pensar essa questão se faz importante, uma vez que é possível verificar a revolução que a obra resultou, ela é, dentre tantos, uma mulher que cunha seus próprios pensamentos acerca de uma teoria feminista.

Guilherme Baggio Costa elucida a questão em seu artigo debatendo Simone de Beauvoir e o feminismo existencialista: “Baseada em Hegel, Heidegger e principalmente em Sartre, a filosofia de Beauvoir provocou a cultura machista de sua época, com pouquíssimas

mulheres nas universidades, as suas obras foram perseguidas por diversos ramos da sociedade, como a igreja” (Costa, 2022, p.388). Ainda ressalto que a crítica da época publicou comentários estereotipados sobre a obra. É comum que o nome de Beauvoir esteja associado ao feminismo existencialista naturalmente. Outras feministas irão compactuar com a ideia, mas têm-se a francesa como uma precursora da filosofia feminista-existencialista. Pode-se dizer que há uma fusão entre um pensamento existencialista e uma crítica feminista — mesmo Beauvoir não se autodenominando assim — em sua reflexão.

O que se sabe, é que o patriarcado é um sistema de opressão da dominação masculina muito antigo. Na obra, a autora ainda irá explicitar a questão histórica da criação do sistema. Em dois momentos, que relatarei aqui, ela estuda a relação de dominância entre dois pólos, os quais, considera, mulher e homem (Posteriormente, essa relação binária será frequentemente repensada, como em Judith Butler, mas se trata, a princípio, de validar a mulher como sujeito).

Beauvoir explica que diversos estudiosos, por vezes, tentaram explicitar como essa relação se deu e muitos creem que a mulher tinha funções diferentes nas sociedades que sucederam:

O MUNDO sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade? (Beauvoir, 2009, p.80).

Ela afirma que, a partir dos estudos etnográficos, portanto, a questão se confirma. O patriarcado existiu e permanece existindo há muitos anos. É nessa relação do homem com a sociedade que ela estudará como essa percepção acerca da mulher foi se construindo e gerando uma opressão de um gênero sobre o outro. Os estudos estruturalistas, por exemplo, confirmaram que essa questão não é nova:

A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. “A autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens”, afirma Lévi-Strauss ao fim de seu estudo sobre as sociedades primitivas. O semelhante, o outro, que é também o mesmo, com quem se estabelecem relações recíprocas, é sempre para o homem um indivíduo do sexo masculino. A dualidade que se descobre sob uma forma ou outra no

seio das coletividades opõe um grupo de homens a outro grupo de homens, e as mulheres fazem parte dos bens que estes possuem e constituem entre eles um instrumento de troca. O erro proveio de terem confundido dois aspectos da alteridade, que se excluem rigorosamente (Beauvoir, 2009, p.90).

Ela afirma em diversas partes do livro que muitos que tentaram discutir sobre o tema, o fizeram de maneira rasa e ridícula. É a partir dessa percepção óbvia — mas que precisou ser discutida em muitos capítulos — que a autora, a partir da sua vivência enquanto mulher, decide criar o *Segundo Sexo*. A percepção estruturalista lhe pareceu aquela que era menos dotada de má-fé, uma vez que assume essa categoria da mulher como *o outro*. Por fazer parte da cúpula existencialista, ela pensará a questão por meio desse viés filosófico. É por esse viés que ela traz na introdução da obra, muitos pensamentos de homens notórios na filosofia, na ciência, na psicanálise, na política, na igreja e nas estruturas sociais, que colocaram a mulher em uma posição de rebaixamento, partindo da ideia de que o patriarcado existiu por longas datas.

O existencialismo parte de alguns pressupostos, como pensar a existência antes da essência, a má-fé, a angústia do desamparo, alteridade, entre outras ideias. Beauvoir, especificamente, trará através da moral existencialista como o pensamento sobre o corpo feminino era tão sórdido, infame, rebaixado. Ela pensará a identidade feminina como um fruto histórico e social.

Beauvoir irá discorrer que, se para o existencialismo, a existência precede qualquer essência, a má-fé é a base para a reflexão desses homens, uma vez que o destino feminino é dado; imposto. A mulher é tratada como *o outro*, sendo o pólo negativo e o homem, *o outro sujeito*, sendo o positivo e neutro. Dessa forma, exerce sua liberdade de maneira efetiva e ampla.

É por meio dessa reflexão que a “arrogância masculina” (Beauvoir, 2009, p.22) é tão presente em relação às mulheres. É pensando a partir dessa questão que os homens dominam e transformam a visão sobre as mulheres em meras objetificações, é porque se sentem confortáveis em exercer a má-fé que lhes é ensinada como uma categoria básica de viver em relação ao outro gênero. A mulher é sujeita a exercer papéis como a maternidade, a feminilidade, a submissão, dentre outras que a filósofa chamou de *eterno feminino*, “Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo “eterno feminino” e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher?” (Beauvoir, 2009, p.16). É por meio dessa reflexão que ela pensará os meios de libertação dessas amarras. O *eterno*

feminino, diz respeito a um conceito da mulher presa àquela eternidade de padrões que lhe são impostos. A falsa sensação da existência de uma igualdade de gênero, por vezes, sustentada pela má-fé.

Simone de Beauvoir, tem uma percepção aguçada dessa realidade, na medida que se percebe enquanto mulher no mundo. Ao publicar *O Segundo Sexo*, sendo o marco do feminismo existencialista na história do movimento, ela ressalta questões atemporais e contemporâneas, ditadas às mulheres. Essa é a grande reflexão do livro. Em uma coletânea que dialogará com Simone de Beauvoir, a saber, o livro *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*, as autoras indicam essa recepção da obra no mundo:

Já em *O Segundo Sexo*, Simone aborda questões bastante polêmicas ainda hoje, a exemplo da desconstrução do “mito da maternidade” como destino feminino. Nessa perspectiva, Simone de Beauvoir contrapõe-se à antropóloga americana Margaret Mead, cuja obra, *Macho e Fêmea*, da mesma época, faz o “elogio da maternidade”, com base numa perspectiva liberal, culturalista. Não foi, então, por acaso que *O Segundo Sexo* teve maior impacto, sendo traduzido para mais de 30 idiomas e publicado em vários países, constituindo-se, ainda hoje, em alvo de críticas e fonte de reflexão e inspiração feministas por todo o mundo (Motta et al., 2000, p.11).

A obra teve esse impacto por pensar as categorias sociais e políticas, minuciosamente. Ela questiona saberes que eram, até então, intocáveis, como a *psicanálise*, por exemplo. Não que as teorias de Freud fossem rasas, aliás, ela deixa explícito que não irá criticar a teoria, mas refletiu de que modo se dá a contribuição aos estudos da mulher. Ela percebe, portanto, que existe um fator que ousou dizer estar ligado à reflexão de um homem sobre o corpo das mulheres na história, pode-se dizer que a teoria freudiana é pensada em favorecimento de algumas liberdades masculinas; “o termo falo, por exemplo, designando muito precisamente a excrescência carnosa que é o sexo do macho — ora num sentido indefinidamente ampliado e adquirindo um valor simbólico. Então, o falo exprimiria todo um conjunto do caráter e da situação viris. (Beauvoir, 2009, p.58). Ela reflete por meio da psicanálise essa condição e alinha ao fato de que a estrutura histórica e social da sociedade foi pensada para inserir mulheres na posição subalterna, pensando, principalmente, a relação com o pai e a mãe “Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos da menina. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem.” (Beauvoir, 2009, p.30).

Na passagem a seguir, pensando acerca da sexualidade, isso fica explícito. Beauvoir retifica a questão dos complexos pensando em algo que foi, de certo modo, deixado de lado, a história dos machos e sua socialização em relação à mulher:

A vida do pai é cercada de um prestígio misterioso: as horas que passa em casa, o cômodo em que trabalha, os objetos que o cercam, suas ocupações e manias têm um caráter sagrado. Ele é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe. Habitualmente trabalha fora e é através dele que a casa se comunica com o resto do mundo: ele é a encarnação desse mundo aventureiro, imenso, difícil, maravilhoso; ele é a transcendência, ele é Deus¹. É o que experimenta carnalmente a criança na força dos braços que a erguem, na força do corpo contra o qual se encolhe. Por ele a mãe é destronada como outrora Ísis pelo deus Rá e a Terra pelo Sol. Mas a situação da criança é, então, profundamente mudada: é chamada a tornar-se um dia uma mulher semelhante a sua mãe todo-poderosa — nunca será o pai soberano; o laço que a ligava à mãe era uma emulação ativa. Do pai ela só pode esperar passivamente uma valorização. O menino apreende a superioridade paterna através de um sentimento de rivalidade: ao passo que a menina a sofre com uma admiração impotente. Já disse que isso que Freud chama complexo de Electra não é, como ele pretende, um desejo sexual; é uma abdicação profunda do indivíduo que consente em ser objeto na submissão e na adoração (Beauvoir, 1949/2009, p.29).

É quase óbvio considerar que uma teoria pensada acerca da sexualidade seria desfavorável às mulheres ou, no mínimo, pensada a partir *do homem*, especialmente pelo recorte de época, pelo velho patriarcado — como desenvolvemos acima — e pelo fato de que, por trás dessa máscara intelectual, existiam homens de má-fé. A sexualidade, inclusive, desmistificada por Beauvoir na obra, era objeto intocável das mulheres, mas a própria autora pensará meios de libertação. No entanto, a figura da mulher nos espaços familiares se denota importante, porque esse mecanismo de poder é o que molda a mulher para uma sociedade patriarcal. Ao pensarmos os padrões heteronormativos de família, a figura do pai denota autoridade e da mãe, submissão ao pai, mesmo que revelando autoridade perante aos filhos. Dessa forma, ainda, a relação discutida é do homem e da mulher perante essas duas figuras. É nesse sentido que se discute a relação do menino com o pai e da menina com o pai. Famílias que não se encaixam em tais padrões heterossexuais, no entanto, serão reconfiguradas.

No capítulo IV do segundo volume de o *Segundo Sexo*, denominado, *A Lésbica* (Beauvoir, 2009, p.144), ela discorrerá sobre a categoria da mulher homossexual. Nesse sentido, podemos observar que serão fortemente refletidas concepções binárias de gênero, que posteriormente serão revisitadas e repensadas. No entanto, Beauvoir ainda mantém a ideia de que a mulher permanece em sua existência, mulher. O que difere essas, seria um grau de

liberdade e algumas observações psicanalíticas. Ou seja, em algum grau, sua categorização depende da análise da realidade das mesmas. A autora discorre que, “A homossexualidade, pode ser para a mulher uma maneira de fugir de sua condição ou uma maneira de assumi-la. O grande erro dos psicanalistas está em, por conformismo moralizador, encará-lo somente como uma atitude inautêntica.” (Beauvoir, 2009, p.146). Isto é, a mulher permanece mulher, essas sendo aquelas que subvertem padrões. O fato é que a questão deve ser vista eticamente e não atribuir à essência dessas mulheres, a má-fé masculinista e heterossexual.

A partir dessas reflexões acerca de uma característica imutável do que seria a mulher, Beauvoir profere a célebre frase ao abrir o segundo volume, “Ninguém nasce mulher, torna-se” (Beauvoir, 1949/2009, p.9). O tornar-se mulher se trata de comportamentos que lhe são ensinados e propostos. A autora discorda dessas características atribuídas e, então, no segundo volume retratará a experiência e os caminhos para uma liberdade plena.

É desse modo que *O Segundo Sexo*, se torna um símbolo para o feminismo, é a partir dele que, inclusive, mulheres não ditas feministas, começam a pensar sobre a condição. O que ocorre é que, até esse momento, mulheres são banidas de conhecer essa realidade por meio da má-fé. O *eterno feminino*, é a representação da prisão patriarcal que os homens criaram. A mulher é alienada para não questionar sua posição e continuar fazendo a manutenção da própria subalternização.

Apesar de todas essas categorias, a mulher é totalmente capaz de quebrar com esse ciclo vicioso do patriarcado e do eterno feminino, segundo as propostas da autora francesa. Há um debate que a inserção da mulher nessa condição é um problema ético provindo dos homens.

A fim de contextualizar a obra de maneira geral, ela divide-se em dois volumes. O primeiro, denominado, *fatos e mitos*, no qual ela abordará a perspectiva feminina a partir de uma reflexão de grandes teorias: biologia, história e mitos. Em alguns parágrafos anteriores, contextualizamos melhor a questão. Desse modo, o primeiro volume insere a discussão e discorre acerca de uma construção de como a sociedade insere os padrões a serem seguidos na mulher.

No segundo volume, Beauvoir se insere, de fato, como sujeito, uma vez que discute a *experiência vivida*, ela abordará questões explorando a condição da mulher desde a juventude, situação atual, justificativas e caminhos para a libertação, detalhando a vida cotidiana e relatando uma condição histórica, ainda.

Desse modo, a obra é um meio de libertação econômica, social e política das mulheres. Por isso se tornou tão importante na sociedade, propondo que as mulheres se

desamarrassem desses modos nos quais são colocadas. Só assim, por meio dessa libertação ética, que a igualdade de gênero se concretizaria de maneira efetiva.

A obra recebeu determinadas críticas, especialmente aquelas que provinham dos homens, uma vez que esses eram frutos da manutenção do patriarcado. Posteriormente, foi fruto para a base do pensamento de outras feministas existencialistas, apesar de, comumente, ser reconfigurado a outras teorias e vertentes feministas.

Exemplos de figuras feministas existencialistas são, Manon Garcia, francesa que publica *Não nascemos submissas, nos tornamos* (2020), se banhando das teorias de Beauvoir.

Outras figuras, nascidas da influência do feminismo existencialista, são as literárias. Personagens, especialmente as femininas, que retratam a ideia da mulher fruto da prisão do patriarcado e imanentes aos padrões impostos socialmente, negadas de transcendência. Algumas, sendo a representação de determinadas liberdades. Por exemplo, a figura literária de Edna Pontellier, em *O Despertar* (1991) de Kate Chopin.

Além disso, figuras literárias como Macabéa, em *A Hora da Estrela* (1998) de Clarice Lispector podem ser lidas a partir do viés do feminismo existencialista, ao questionarmos os papéis e, de certo modo, a transcendência da personagem. Uma mulher, criada e escrita para quebrar com os padrões do de feminilidade impostos e rejeitada por não ser parte desses papéis.

Por fim, o feminismo existencialista gerou frutos importantes para os saberes e a intelectualidade feminina, a literatura, o movimento feminista e, finalmente, chega a Djamila Ribeiro, feminista negra, parte essencial. Essa vertente feminista, existencialista, tem um potencial dialógico expansivo, é por essa razão que é necessário citar o nome de Simone de Beauvoir. É dessa forma que ela será um alicerce teórico importante para as próximas gerações feministas, incluindo Djamila Ribeiro que a utilizará para quebrar as barreiras da cátedra da filosofia academicista.

2.3. O feminismo negro brasileiro na obra de Djamila Ribeiro

Iniciaremos essa sub-seção mencionando figuras que foram importantes para a construção do feminismo negro e do feminismo negro brasileiro para, finalmente, desaguar as ideias no que propõe Djamila Ribeiro como autora e ativista. Para isso, mencionarei o início da história das mulheres africanas e afro-brasileiras no país, que fugiam para os quilombos e criavam suas unidades de resistência. Além disso, exemplificarei algumas das violências decorrentes, não somente do sistema escravagista, mas da ideia

colonizadora-escravagista que persiste até a atualidade, sendo o reflexo da institucionalização das opressões. Tais ideias são alguns impulsos para que a luta continue e é o foco das denúncias realizadas na obra de Ribeiro.

No Brasil, bem como em outras sociedades de sistema escravagista, inúmeras eram as violências, especialmente, de raça, classe e sexual, que sustentam a ideia de que a branquitude está autorizada a violar esses corpos. Muitas são as camadas desses episódios, como pode se perceber ao ler *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* A institucionalização da violência sobre corpos negros sempre foi a premissa dos ideais daqueles que exploraram esses corpos. Desse modo, é de suma importância que, além de compreender a existência desses horrores, possamos conhecer onde a luta feminista negra começa, para que possamos perpassar pela história do movimento, o que será descrito aqui.

Um dos grandes símbolos de resistência no período colonial brasileiro foi Dandara dos Palmares, que foi responsável por lutar e resistir, sendo uma figura fundamental para o reconhecimento da ancestralidade. Dandara também foi uma grande figura da luta por terra, um direito básico, negado aos negros. Com a criação dos quilombos, a unidade poderia transformá-los em comunidades quilombolas que resistiam. “O movimento de mulheres negras é ancestral e sua resistência, apesar de invisibilizadas pelo movimento feminista hegemônico, já se estabelecia antes mesmo de existir o termo feminismo.” (Marques, 2022, p.2)

Dandara, juntamente com Zumbi de Palmares, liderou o quilombo com maior número de habitantes, cerca de 20 mil: o Quilombo dos Palmares. O Quilombo se tornou um dos maiores espaços de resistência no período escravocrata, durando por quase 100 anos, como afirma Clóvis Mouras em *Quilombos: Resistência ao escravismo*.

Palmares foi a maior manifestação de rebeldia contra o escravismo na América Latina. Durou quase cem anos e, durante esse período, desestabilizou regionalmente o sistema escravocrata. Paradoxalmente, não temos nenhum documento escrito pelos palmarinos durante sua existência. Certamente seguiam como nos outros quilombos, a tradição africana de comunicação oral. Como sabemos, na África, a tradição oral é praticamente responsável pela transmissão da memória coletiva e da consciência social. Evidentemente, não há como verificar até onde Palmares reproduziu, integral ou parcialmente, essa estrutura de comunicação oral africana no seu território, mais será interessante, no estudo de sua realidade social, levar em conta que, ao que tudo leva a crer, esse código de linguagem conservou-se pelo menos parcialmente (Moura, 2021, p.50).

Poucos são os registros históricos acerca dessas figuras, pois há um movimento de apagamento da história dos negros na história devido a séculos de escravidão, sendo contundente com as *necropolíticas* existentes no país, o que se sabe provém dos resgates do trabalho de pesquisadores e pesquisadoras que buscam pôr em evidência a luta negra.

Djamila Ribeiro é uma das inúmeras autoras a denunciar tal processo: “Como no Brasil todos os documentos relacionados à escravidão foram queimados, não temos como saber de onde viemos, se da Nigéria ou de Guiné-Bissau” (Ribeiro, 2018, p.20). Foram 354 anos de escravidão e, depois, “não se criaram mecanismos de inclusão para a população negra, como foram criados para os imigrantes que vieram para cá no processo de industrialização” (Ribeiro, 2018, p.42). O feminismo negro, desse mesmo modo, resgata essas origens enfatizando a importância da ancestralidade, por essa razão, trazer a figura de Dandara dos Palmares é essencial, sendo um símbolo importante ao evidenciar um processo de resistência nesse período.

Dessa forma, com os registros históricos da luta de Dandara, é possível ressignificar a luta das mulheres negras, exaltando-a como sinônimo de união e *aquilombamento*, indo de encontro a tentativa da branquitude e do colonialismo de apagar figuras negras importantes, em especial de mulheres.

Zumbi, seu cônjuge, é frequentemente mencionado e conhecido, mas ainda de maneira descuidada, apenas como a figura de resistência que se estuda superficialmente nos currículos escolares; no entanto, os grandes feitos dessas figuras, poucas vezes são mencionados. Isso se dá por uma tentativa racista de apagamento, porém, é importante reconhecer que se há menção a negros, eles são *homens*. Essa ideia fica explícita no artigo de Laiz Claudino, “Precisamos falar sobre Dandara dos Palmares”, de 2018:

O fato de não conhecermos Dandara, tanto quanto conhecemos Zumbi, se dá pela tentativa da branquitude de ocultar às nossas histórias, de apagar nossas raízes, nossos ancestrais, de nos despersonificar enquanto seres com bagagens históricas. Entretanto, o caso de Dandara ainda sofre a marca do machismo, que cala e apaga figuras como ela, pois, quando se decide falar sobre ícones negros, dificilmente falaremos sobre mulheres. Personalidades como Dandara não são reconhecidas no movimento negro e muito menos no feminista. No primeiro se dá destaque preferencialmente a homens e no segundo a mulheres brancas (Claudino, 2018. p.2).

Além de Dandara dos Palmares, cabe, igualmente, referenciar a história de Xica Manicongo. Por vezes referida como “a primeira travesti não-indígena do Brasil” ou “como a

primeira travesti alvo dos processos [da inquisição católica]” (De Jesus, 2019, p.253). O que se sabe dela é graças a um trabalho de resgate feito por mulheres trans e travestis.

Ao suscitar um nome que respeite Xica, Marjorie Marchi, como conta Jaqueline de Jesus (2019), resgata do mesmo modo a consciência africana ancestral de que a mulheridade não é uma questão biologizante.

A história de resistência de Xica exalta os valores trazidos neste trabalho: ressaltar a diversidade de mulheres na história, em especial, da América Latina.

Essas mulheres são exemplos das muitas lutas e conflitos entre escravizados e colonizadores e de resistências que, posteriormente, continuarão sendo discutidas e mencionadas. No século XX, o Feminismo Negro no Brasil tomará forma, juntamente com ideias propagadas em outros lugares do mundo, com pautas parecidas, mas sempre se considerando o contexto nacional.

Além disso, é importante pensarmos que a academia teve um papel importante na disseminação desses conhecimentos acerca do feminismo negro e das pautas de reivindicação feministas. Brenda Marques, em seu artigo acerca da história do feminismo negro no Brasil, explicita: “O feminismo negro ascendeu em sua trajetória no Brasil a partir da fundação de diversos coletivos de mulheres negras e na atuação de intelectuais negras que estavam tanto nos movimentos sociais como na academia” (Marques, 2022, p.1, grifos meus).

O artigo de Brenda Marques, enviado ao portal *Geledés*, recolhe informações acerca do feminismo negro, ressaltando as maiores teóricas brasileiras e juntamente faz algumas reflexões sobre a história e a atualidade do feminismo negro. Iniciemos a discussão contemplando essa citação da autora para, posteriormente, abordar a invisibilidade de mulheres negras na história brasileira, exclusão da pauta racial dentro do feminismo, atravessamentos do capitalismo, questionamentos acerca das consequências da escravidão no Brasil, entre outros aspectos mencionados por ela.

Não diferentemente do que aconteceu nos Estados Unidos, no Brasil, o feminismo é tomado pela forma de mulheres brancas e burguesas, sendo elas as primeiras a pleitear direitos de liberdade feminina. A ideia de igualdade entre *todas as mulheres* também foi reforçada em nossa história:

Durante muitas décadas, o movimento feminista trabalhou com a ideia da “irmandade” das mulheres; que a opressão da mulher, ou, como se diz hoje, a opressão de gênero, atingia de forma igualitária e indiferenciada a todas as mulheres. Graças à presença e ao trabalho de feministas negras, esta ideia está superada hoje (Ribeiro, 2013, p.1).

No século XX, o feminismo passa a ser discutido em muitas partes do mundo. As ideias chegam até o Brasil e inúmeros coletivos de mulheres negras passam a ser formados. Um exemplo, um pouco mais recente, é a *Casa de Cultura da Mulher Negra* (SP, 1990), espaço onde Djamila Ribeiro inicia sua trajetória como feminista. Nesse momento, ainda, outros tipos de violência, como o machismo, começam a ser denunciadas dentro dos movimentos ativistas e militantes. Percebe-se que alguns deles sequer continham mulheres e mulheres negras. Nos anos 80 e 90, convenções e encontros, no Brasil e na América Latina, foram realizados, trazendo um ensinamento efetivo sobre o trabalho de base.

Além disso, as discussões sobre violência contra a mulher e feminicídio passaram a ser amplamente comentadas, visto que as vítimas, em sua grande maioria, são mulheres negras. O encarceramento da população jovem e negra, igualmente, foi debate nesses congressos e encontros. Mesmo sabendo que o racismo, por si só, é uma violência, o termo foi,

incorporado para ressaltar a impunidade na matança de negros, sobretudo da juventude, pela mão da polícia; pelo sistema de saúde [em referência a grávidas e idosas]; e, ainda, porque o feminicídio tem atingido mais as negras (Assis, 2019, p.31).

A pauta da negligência médica, policial e estatal de que mulheres negras são vítimas ainda é um tema latente, pontuando o quão necessário se faz discutir temas relacionados às violências de raça e gênero. Há, ainda, estereótipos acerca do corpo dessas mulheres, uma vez que, além de hipersexualizadas, são exploradas. Não é novidade que o maior número de violências obstétricas ocorre com mulheres negras, com a falsa noção de que elas podem suportar toda e qualquer dor. As mulheres trans e travestis que mais morrem são negras e pardas. Se trata de genocídio do corpo negro, bem como as violências citadas no início desse parágrafo.

Nas últimas décadas, Dayane Assis destaca que a *Interseccionalidade* pode ser usada como aparato metodológico nas mudanças de políticas públicas relacionadas às questões de raça, uma vez que as mulheres negras são as principais acometidas pelas inúmeras violências estruturais da sociedade. Espera-se que, judicialmente, esses diversos marcadores sejam considerados para a proposta de novas leis e projetos em defesa da população negra.

Por fim, destaca-se que, no trabalho de Dayane Assis, encontra-se um histórico das pensadoras, anteriormente mencionadas, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, Luiza Bairros e Sueli Carneiro. Ali é possível compreender detalhadamente a

produção intelectual de cada uma. Além disso, como mencionamos acima em tabela, esses nomes estão frequentemente mencionados na obra de Djamila Ribeiro

Djamila Ribeiro, por sua vez, como mencionado, em sua dissertação de mestrado, já demonstrava inclinar-se ao tema do feminismo. Seu trabalho estabelece uma aproximação entre Simone de Beauvoir e Judith Butler.

Em sua dissertação, a autora da mesma forma faz uma comparação crítica, e discute o tema do feminismo existencialista de Beauvoir, criticando algumas posturas, outrossim mencionadas aqui, relacionadas às mulheres brancas e burguesas, em relação à teoria de gênero de Judith Butler. Ela traz um panorama dos distintos feminismos, os quais citamos aqui e coloca em debate a apropriação de Butler em relação à teoria de Beauvoir. Ali, ela menciona que há algumas limitações no que diz respeito à inserção de mulheres negras no feminismo, demonstrando seu posicionamento acerca do assunto. Para iniciar o próximo tópico discutido nesta seção, o feminismo existencialista, cabe mencionar que tais trabalhos, como o de Ribeiro, reforçam a categoria primordial dos trabalhos de Beauvoir. É a partir dela que muitas outras vertentes feministas vão surgir. É por essa razão que, mesmo não se autodenominando feminista na época de publicação do *Segundo Sexo*, ela é um marco para o movimento inteiro. Butler pensa a categoria de gênero para além do binarismo que se concentra nas camadas da sociedade, é a partir desse pensamento que nasce a *teoria queer*.

Ao comentar a “perspectiva etnocêntrica de Beauvoir”, ela destaca que essa vem sendo utilizada como “ferramenta de ação política”, uma vez que “universaliza o sujeito e a característica do dominado”. No entanto, a filósofa brasileira percebe que Beauvoir indica um “caminho interessante” ao discutir o problema:

Ao dizer que o drama da mulher é se colocar e querer como essencial numa situação que a quer e a vê como inessencial, nos dá a possibilidade de atualizar essa afirmação para a situação das mulheres não contempladas pelo sujeito universal do feminismo. De uma certa forma, o feminismo ao escolher qual sujeito irá contemplar, institui a essencialidade desse sujeito, fazendo que com os outros sujeitos enfrentem o drama de querer-se essencial dentro de um modelo político que os nega e os coloca como inessenciais (Ribeiro, 2015, p. 25).

Djamila, portanto, compreende as limitações do pensamento beauvoiriano, mas aponta que ele estimula avanços e novas discussões.

No ano anterior à publicação de *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?*, a autora publica seu primeiro livro, *O Que é Lugar de Fala?* (2017), pela editora Feminismos

Plurais, um lugar de acolhimento e discussão criado pela própria Djamila Ribeiro. Nessa obra, ela irá retratar, a partir da contextualização da história feminista e negra, o que é o tão comentado, principalmente nos meios virtuais, *Lugar de Fala*.

Além disso, discutirá a *Interseccionalidade* da história de mulheres contribuintes para a teoria ser o que é, além de propor “novos marcos civilizatórios” para o feminismo. Posteriormente à obra de 2018, em 2019, ela publica *Pequeno Manual Antirracista* (2019). Através dos títulos elucidativos das obras, pode-se prever, de início, seu teor educativo, que se propõem a falar sobre o mais básico de acontecimentos racistas, mas que exigem grande acuidade de entendimento para se chegar às reflexões profundas.

Nessa obra em questão, a autora irá retratar de maneira mais prática o comportamento que nós, enquanto sociedade, temos perante a estrutura racista. No livro, ela explicará a importância de transgredir os ambientes de trabalho, escolares etc. Por fim, conclui-se que as três obras são importantes para que criemos um raciocínio completo acerca de uma postura antirracista.

Em *O que é Lugar de Fala?* (2017), como supracitado, Djamila Ribeiro, como uma mulher negra, filósofa e ativista, traz à tona a importância de reconhecer as diferentes perspectivas sobre temas como racismo, machismo e outras formas de discriminação, considerando a identidade e a história de quem está falando.

Já em *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (2018), teremos a continuação dessas ideias, mas voltando-se para um o feminismo negro, na prática, observando exemplos na mídia de situações cotidianas, além de alinharmos à experiência da pessoa negra que o escreve, formando assim, uma obra profundamente poética e tocante. Nesse trabalho, Djamila faz uma análise crítica do feminismo, abordando a maneira como ele foi historicamente construído e como a voz das mulheres negras foi muitas vezes silenciada dentro do movimento feminista dominante.

O livro discute como o movimento, frequentemente centrado em experiências de mulheres brancas e de classe média, não aborda de forma ampla as especificidades da opressão vivida pelas mulheres negras, que enfrentam uma intersecção de opressões: o racismo e o machismo, o que exige uma abordagem específica e mais inclusiva dentro do feminismo. A autora similarmente investiga as razões pelas quais o feminismo negro ainda provoca desconforto e resistência e aponta que essa resistência está relacionada ao privilégio que muitas mulheres (principalmente brancas) possuem em um sistema social desigual. Assim, o medo do feminismo negro é uma forma de negar a pluralidade das lutas feministas e de minimizar as realidades e as contribuições das mulheres negras.

Por fim, no *Pequeno Manual Antirracista* (2019), teremos a finalização dessa trilogia, na qual poderemos refletir de maneira crítica sobre uma postura da sociedade. O livro é dividido em pequenos capítulos que abordam uma série de questões fundamentais, como o racismo, que seria uma estrutura sistêmica e histórica, enraizada na nossa sociedade, o papel dos brancos no combate ao racismo.

Pois seria necessário que todos, especialmente os privilegiados, se envolvessem na luta antirracista; o privilégio racial e propõe estratégias para se combater o racismo. O livro é uma ferramenta didática, escrita de forma simples e direta, para educar o público sobre a importância do antirracismo e fornecer meios de lutar contra as desigualdades raciais. Djamila ainda fala sobre a importância de ouvir as vozes negras e de respeitar os processos de luta e resistência dessas pessoas.

Dessa forma, concluo ser possível chamar o conjunto de obras de Djamila de trilogia, na qual ela teve o cuidado de reunir os principais pilares de uma reflexão importante para a sociedade, indo do feminismo negro até o antirracismo, ensinando a ficar atentos ao modo como nos colocamos no mundo. Djamila Ribeiro é, sem dúvida, um nome presente na discussão do feminismo negro e no antirracismo, mas gostaria de destacar, nesse momento, a poeticidade na autora como um sinal visível aos leitores, ademais de sua acessibilidade na escrita e o trabalho digital dela.

Ao tratar do cotidiano, ela traduz o que a sociedade precisa compreender sobre o mínimo de ações racistas e que, por vezes, passam despercebidas, além daquelas que estão escancaradas em sua vida.

Um dos exemplos que ressalto é o capítulo introdutório do livro *Quem tem medo do feminismo negro*, intitulado *A Máscara de Silêncio*, que faz referência à teoria da autora Grada Kilomba. Nesse capítulo, Djamila Ribeiro compara a teoria com suas experiências de vida:

Aprendi a jogar xadrez aos seis anos, na União Cultural Brasil-União Soviética, lugar onde os comunistas da cidade de Santos levavam seus filhos para fazer cursos ou para se divertir nos fins de semana. Aos oito, fiquei em terceiro lugar no torneio da cidade. Lembro que senti vergonha durante a premiação, com todas aquelas pessoas me olhando. Meu nome saiu no maior jornal da cidade, e meu pai o mostrava orgulhoso a todos que iam a nossa casa. Mas todo dia eu tinha que ouvir piadas envolvendo meu cabelo e a cor da minha pele.

Lembro que nas aulas de história sentia a orelha queimar com aquela narrativa que reduzia os negros à escravidão, como se não tivessem um passado na África, como se não houvesse existido resistência. Quando aparecia a figura de uma mulher escravizada na cartilha ou no livro, sabia

que viriam comentários como “olha a mãe da Djamila aí”. Eu odiava essas aulas ou qualquer menção ao passado escravocrata — me encolhia na carteira tentando me esconder (Ribeiro, 2018, p.7 e 8).

A escrita da autora traz essas experiências reais conjuntamente à escrita teórica do livro. Tal modo de escrever está intimamente relacionado ao ensaio, pelo excesso de cotidianidade presente, a vida como prova real da teoria que pesa e é discutida, além de dialogar. Esse é um dos muitos capítulos que a obra terá, retratando e exemplificando questões sobre a própria vida dela. Essas narrativas de vida podem ser relacionadas ao gênero literário, mesmo que sendo difícil defini-lo, uma vez que trazem simplicidade na escrita, informalidade, cotidiano e história, ao mesmo tempo que denotam intelectualidade, discussões densas e teorias. Starobinski, novamente, explicita como essa forma cotidiana acontece, após mencionar o peso do ensaio para aquele que produz. Trago a reflexão para se estipular limites da obra que se categoriza como tal:

Se continuarmos a interrogar os léxicos, eles nos informarão que ensaiar teve por concorrente provar [prouver], comprovar [éprouver] nos falares do leste e do sul, concorrência enriquecedora que faz do ensaio o sinônimo de pôr à prova [mise à l'épreuve], de uma busca da prova [quête de la preuve]. Eis aí, convenhamos, verdadeiras cartas de nobreza semântica que nos levam a admitir que a melhor filosofia acaba por se manifestar sob a forma do ensaio (Starobinski, 2011, p.14).

Esse modo de escrita fica explícito ao pensarmos o meio de publicação da obra que, inicialmente, se dá em artigos separados, de 2014 a 2017 e publicados na revista *CartaCapital*, cada um, discutindo temas relevantes para seus determinados tempos de publicação. Desse modo, o ensaio crítico se constrói no período de 3 anos. Djamila tem seus trabalhos amplamente publicados nessas plataformas, refletindo uma certa intimidade com esses meios de publicação. A discussão exalta muitos assuntos, mas o foco é que a cotidianidade da crítica de Ribeiro se contorna através, primeiramente da publicação separada e, posteriormente, da reunião desses textos. Como suplemento dessa discussão, Simone de Beauvoir, apesar de publicar *O Segundo Sexo* em volumes, igualmente colaborava com os periódicos, mas é na forma do ensaio que ambas, Djamila e Beauvoir, expressam as ideias tão necessárias. Para encerrar a possibilidade da expressão no ensaio alinhado ao que trouxemos da autora brasileira, trago novamente Theodor Adorno, para que se compreenda o meio de escrita, sendo importante para a compreensão da situação de Djamila no meio ensaístico, unindo análise crítica com o feminismo. Para ele, o gênero “conduz apenas ao mais derivado, ao Ser, à ideologia que duplica o que de qualquer modo já existe, sem que, no entanto,

desapareça completamente a ideia de imediatidade, postulada pelo próprio sentido da mediação” (Adorno, 2003, p.28). É nessa ideia que o imediatismo aparece, a partir da discussão de temas familiares à autora, ambas se colocam, poeticamente e revelam a intelectualidade das escrituras. Nesse ponto, cabe comparar Simone de Beauvoir, uma vez que a situação ensaística lhe confere da mesma forma.

Para além dessas questões levantadas aqui, Djamila, com seu modo único de escrever e se comunicar com seus leitores, propõe a acessibilidade nas vendas de suas obras. O trabalho das redes sociais e da *Feminismos Plurais* é de teor acessível para quem queira participar, e se trata da oferta de um local de acolhimento, estudos, capacitação e publicação de temas a respeito da história dos negros no Brasil. É importante alinhar que o acesso aos seus ensaios gera, do mesmo modo, um movimento de produção de conhecimento acadêmico que atinja os diversos públicos leitores. É na complexidade ensaística que o debate se torna tão importante. Beauvoir, no mesmo sentido, atinge um público feminino na França do século XX, o qual ela nem sequer imaginava. Podemos acentuar que a acessibilidade das obras é algo notável.

Por fim, até aqui buscamos mencionar a trajetória do feminismo negro, desde suas bases, até a contemporaneidade, finalizando com uma breve reflexão teórica, voltada aos estudos literários acerca do trabalho da Djamila Ribeiro, em comparação com os de Simone de Beauvoir.

Aqui, compreendemos que as diversas *Narrativas Femininas* são importantes para a construção dos feminismos, mas sobretudo, as *Narrativas Negras* refletem união, quilombamento, proteção e visibilização. Mulheres negras estão presentes na Literatura e são parte fundamental dela (Audre Lorde, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo), na Filosofia (Djamila Ribeiro), no Direito (Kimberlé Crenshaw), na História (Lélia Gonzalez), na educação (bell hooks), dentre outras teóricas que mencionamos aqui mais profundamente e outras que não mencionamos, mas que não perdem seu grau de importância e contribuição para a teoria do feminismo negro.

Por conseguinte, discutiremos as aproximações de Ribeiro e Beauvoir, tanto em suas obras, como em suas vidas, amparadas pela leitura Literária de seus trabalhos e suas relações filosóficas. Além da relação da autora com os escritos da francesa.

SEÇÃO III - AS OBRAS LITERÁRIAS DE DJAMILA RIBEIRO E SIMONE DE BEAUVOIR, INTERTEXTUALIDADES ENTRE AS PENSADORAS

3.1. Djamila Ribeiro, leitora de Simone de Beauvoir

A relação estabelecida com Simone de Beauvoir é frequente, como exemplificado acima. Há uma presença acentuada de citações, referências e atualizações em outras obras de Djamila Ribeiro, para além do *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* citando a autora francesa, inclusive, em suas entrevistas.

Ao considerarmos Djamila Ribeiro uma leitora de Beauvoir, podemos notar que as menções ocorrem ao concordar com a natureza criada acerca de um ideal de gênero feminino. O destino imposto às mulheres acontece por uma justificativa de frentes importantes na ciência, como a biologia, a psicanálise e a história. O que é proposto por Beauvoir no primeiro volume da obra, especialmente no *destino*.

Há a concordância de que existem categorias fixas atribuídas à feminilidade, uma essência feminina criada por homens que ocuparam muito tempo o poder e a produção de conhecimento, criando o aspecto como verdade, “A filósofa francesa distingue a construção do “gênero” e o “sexo dado”, e mostra que não é possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados” (Ribeiro, 2018, p.46). Mais adiante, ressalta uma lacuna importante do debate interseccional e essa é a visão que Djamila irá questionar e atualizar, promovendo um diálogo entre Beauvoir e outras autoras. Sendo algumas até contrárias ao pensamento Beauvoiriano. Uma ilustração disso é quando estabelece uma análise comparativa entre Beauvoir e Butler (em seu mestrado), “Pode-se dizer que *Problemas de gênero*, de Butler, é um dos grandes marcos teóricos dessa terceira onda, assim como *O segundo sexo* foi da segunda” (Ribeiro, 2018, p.46). Nesse ponto, as autoras pensarão o feminismo e o gênero de formas diferentes, sendo teorias arbitrárias, mas que nascem temporalmente uma da outra. Butler reflete a partir de Beauvoir. A Interseccionalidade surge a partir do momento em que essas muitas autoras, anos posteriores, percebem outras ideias na sociedade acerca dessas categorias fixas criadas pela masculinidade sobre as mulheres que reforçam os padrões patriarcais.

Por esse fator, citamos acima sua história de vida e a percepção na sociedade como mulher negra, além do reforço de autoridade como escritora nos periódicos. A brasileira irá remodelar termos, não ignorando a teoria proposta por Beauvoir, mas tecendo informações que, por meio da realidade de vida da francesa, foram pensadas de outra maneira. A autora

francesa reflete que a mulher é o outro do homem e Djamila questiona como pensar na mulher sendo *o outro* quando você sequer é pensada como ser humano, portanto, o outro do outro.

Foi um compromisso do feminismo negro em anos posteriores — ou seja, a autora não só dialoga com Simone de Beauvoir, mas com autoras imprescindíveis para o debate racial e feminista, o que forma suas opiniões e crenças — estabelecer esses limites e pensar nas categorias de mulheres negras igualmente. O direito ao trabalho, por exemplo, sempre foi um debate contraditório. Enquanto mulheres brancas reivindicavam a saída ao trabalho, mulheres negras eram a força dessa exploração há muito tempo, inclusive de mulheres brancas. No Brasil, especificamente, por 300 anos. Como Ribeiro menciona, o próprio feminismo, dito universal, não lhe cabia, “Só então compreendi por que muitas vezes eu não me identificava com um feminismo dito universal: porque as especificidades das mulheres negras não eram consideradas. Aquelas autoras tinham denunciado a invisibilidade das mulheres negras como sujeito do feminismo” (Ribeiro, 2018, p.17).

Em diálogo com Beauvoir, Djamila cunha o termo *sexismo biológico*, explicando-o em uma comunicação denominada *Para Além da Biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico*:

O fato de esta primeira parte ser denominada “Destino” é de extrema importância porque enfatiza como essas três instâncias supracitadas tentariam legitimar o discurso da má fé ao tentar atribuir uma essência à mulher e criar um lugar definido, um destino que a sobredetermina e a fixa numa situação de não transcendência. Ou seja, ao pretender criar um destino fisiológico, psicológico e econômico para a mulher. Beauvoir, portanto, identifica e refuta essas três instâncias que tentam bloquear a liberdade da mulher.

Nesta comunicação, nos atentaremos a discutir a instância biológica, ou o que ousou chamar de sexismo biológico. Não há uma epistemologia determinada sobre este termo, utilizo-o em referência aos estudos de evolução biológica do século XIX que aplicou o conceito de racismo biológico marcando a relação de superioridade e inferioridade entre colonizadores e conquistados, mais precisamente na América, que legitimou as relações de dominação europeia, ao atribuir aos negros uma “inferioridade natural” devido à cor e tamanho do cérebro. O sexismo biológico também pretende marcar uma “inferioridade natural” da mulher (Ribeiro, 2013, p. 506/507).

A autora francesa discorreu sobre uma categoria universal do *ser mulher*, mas do ponto de vista de uma vivência branca e burguesa. Ela não se aprofunda em discutir a questão racial de forma interseccional. É fato que ela compara a realidade das mulheres com pessoas escravizadas, no entanto, não há um aprofundamento no debate acerca disso. Por mais que

Ribeiro concorde com a ideia de subalternização na citação acima, posteriormente ela trará o debate interseccional, especialmente na obra discutida nessa dissertação, mas sabe-se que não são os mesmos tipos de violência estrutural.

No cerne da questão, trata-se de discutir sobre subalternidades, é por meio disso que se fazem os comparativos, mas não existe separação das ocorrências (machismo e racismo) nas escrituras de Simone de Beauvoir. É fato que Djamila concorda com determinadas posições, mas insere nessa concordância o debate racial de forma concisa, exemplificada e crítica. O “tornar-se mulher” socialmente carrega valores diferentes quando se trata de uma mulher negra e uma mulher branca. É nesse ponto, ainda, que se torna indispensável pensar a realidade das autoras.

Beauvoir, inclusive, em sua obra *A Força das Coisas* (1963), admitirá que *O Segundo Sexo* (1949) tratou de sua realidade, por mais que ela pensasse de maneira existencialista uma realidade feminina, a obra, indubitavelmente, é escrita por uma mulher que se afirma como tal:

O primeiro volume de *O segundo sexo* foi publicado em junho; em maio, saiu na Temps Modernes o capítulo sobre “a iniciação sexual da mulher”, seguido, em junho e julho, pelos que tratavam da “lésbica” e da “maternidade”. Em novembro, o segundo volume foi publicado pela Gallimard.

Eu disse como esse livro foi concebido: quase que fortuitamente; querendo falar de mim, percebi que precisava descrever a condição da mulher; considerei primeiro os mitos que dela forjaram os homens através das cosmologias, das religiões, das superstições, das ideologias, das literaturas. Tentei pôr ordem no quadro, à primeira vista incoerente, que se ofereceu a mim: em todo caso, o homem se colocava como o Sujeito e considerava a mulher como um objeto, como o Outro. Essa pretensão explicava-se evidentemente por circunstâncias históricas; e Sartre me disse que eu devia também indicar as bases fisiológicas (Beauvoir, 2009, p. 145/146).

As comparações elencadas aqui servem de base para que possamos prosseguir o raciocínio de como as autoras se colocam em suas escritas, parte por suas trajetórias de percepção acerca do que é o ser mulher na sociedade, além de que a leitura de Djamila em relação a Beauvoir se conecta por meio da partilha do pensamento intelectual acerca disso. Há, portanto, concordâncias e alguns embates quando a escritora brasileira pensa a teoria da literata francesa, mas se constrói, desse modo, um movimento dialético e intelectual de resposta à base cunhada por Beauvoir.

É nessa discordância que a vivência de Djamila demonstra ser de suma importância nesse movimento que analiso — se não fosse sua condição de ser mulher negra, sua escrita

seria outra, sua produção, sua posição seriam outras — como foram as de Beauvoir. Caracteriza, como Conceição Evaristo mesma escreve, uma escrevivência por trazer

a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada (Evaristo, 2020, p. 30-31).

Encerro essa seção, demarcada acerca da leitura de Ribeiro sobre a escritora francesa, com as palavras de Conceição Evaristo que reforçam a importância da posição da leitura e do inserir-se na produção de grandes obras como uma mulher negra. Ressalto que Djamila Ribeiro o faz com maestria, uma vez que se coloca em seus textos com a capacidade exímia de dialogar com outra autora importante, como foi Beauvoir. Deste modo, ainda, insere sua visão de mundo e de sua época, baseada em amplos estudos sobre o feminismo negro. Conceição nos traz essa ideia de colocar-se no mundo, o que Djamila faz muito bem, pensando em como a sua vivência se faz literatura em seus textos, por pensar uma sociedade inteira e reafirmar sua escritura.

3.2. Aproximações e distanciamentos entre as autoras

Em tons comparativos, Djamila evoca o mesmo sentido da autora francesa. Em determinadas obras não irá necessariamente trazer o tema da mulher, no entanto, há um tema central no discurso das autoras: a política e o destino das mulheres.

Nas narrativas mencionadas, há a preocupação dos temas políticos abertamente apresentados. Quando Djamila cita fatos cotidianos de racismo, mencionando o nome de figuras públicas ou quando Simone de Beauvoir escreve *O Segundo Sexo* discutindo as problemáticas sociais, da psicanálise ou até mesmo da filosofia... todos esses levantamentos são de cunho puramente político. Elas escolhem manter na história seus discursos, para que seus nomes não sejam esquecidos e sejam marcos temporais.

A expressão, nesse caso, propõe que pensemos como se construiu a condição das mulheres. Por mais que lutem, continuam reforçando os mesmos estereótipos. Ler Simone de Beauvoir é entender uma realidade da condição feminina, ler Djamila Ribeiro é ter certeza dessa condição.

Muitas das teorias desenvolvidas por Beauvoir no século XX, assim, servirão de respaldo para que Djamila desenvolva debates feministas e ainda acrescente a sua própria realidade e de tantas outras mulheres negras, no feminismo.

Para se discutir Feminismo Negro é necessário que tenhamos em mente o conceito de Interseccionalidade, pois a luta surge, em diversos lugares, quando pessoas negras se percebem exploradas. Essa exploração é pautada nos ideais colonizadores, especialmente, tratando-se do espaço das Américas Portuguesas. É importante ressaltar que esses indivíduos foram frutos de tráfico, exploração, abusos físicos, emocionais, sexuais e da mão de obra escrava.

O Brasil, além de ter sido o último país a abolir a escravização, por muito tempo, deixou a população afrodescendente às margens, mesmo depois da “abolição”. Os reflexos dessas necropolíticas (Mbembe, Achile, 2018) históricas são diversos, incluindo a falta de perspectiva, estabilidade e conhecimento do próprio passado à qual foram submetidos. Dessa forma, em outros países, a colonização do povo negro acontecerá, mas se desenvolverá de maneira diferente. No entanto, tratarei especialmente do Brasil, o que não nos impedirá de mencionar autoras estrangeiras, mas alinhando-as a esse contexto.

Mencionar o tratamento que as pessoas negras tiveram ao passar dos anos é importante para podermos entender desde as pautas iniciais até as mais recentes discutidas pela vertente do Feminismo Negro. Mesmo após anos de abolição, a estrutura social, tanto brasileira, quanto em outros contextos, permanece pautada em ideais racistas. A partir da percepção das mulheres negras à essas violências de raça e gênero na sociedade vinda de pessoas brancas e de seus, surge a necessidade de luta, quando percebem que o que lhes atinge se entrecruza.

O feminismo surge diante da necessidade de libertação e igualdade das mulheres; no entanto, a narrativa é diferente quando se trata das mulheres negras. A partir dessas circunstâncias, essas mulheres se unem para compor uma luta comum e que não necessariamente se trata de ser o oposto ao feminismo das mulheres brancas, mas sim, que reivindicam seus direitos específicos relacionados às questões de raça, igualdade racial e composição das estruturas de trabalho/exploração.

O que ocorreu na história é que, depois da reivindicação ao sufrágio feminino, mulheres começaram a pautar a ideia, do que chamarei aqui, de “reivindicação comum”, pois acreditavam que as pautas das mulheres eram universais. De fato, as mulheres de maneira geral, tinham o acesso ao voto e outros direitos negados. Isso não as transformou necessariamente, em mulheres racistas, mas era nítido que muitas mulheres brancas

reproduziam o racismo estrutural no próprio movimento feminista e não tinham consciência dos atravessamentos raciais de outras mulheres — o que já era perceptivelmente comum na vivência de mulheres negras — isso, posteriormente, ganharia o nome de feminismo branco. Ser branca não significava ser feminista branca, mas ser feminista branca significava excluir as mulheres negras do debate, o que as tornava deliberadamente racistas e excludentes. Como se discutiu acima, as mulheres, em sua maioria, brancas, apoiavam a ideia de uma universalização do feminismo, pois buscavam a libertação dessas amarras de maneira universal, mas em seus lugares de privilégio, não reconheciam a realidade de suas parceiras de luta, desse modo, mulheres negras se sentiam eximidas da luta por uma repressão racista, das mesmas mulheres que lutavam com elas. No entanto, o que ocorre é que a ideia de construção de mulher depende de uma série de fatores, primordialmente pela destruição do conceito de ser mulher. Parece contraditório dizer que precisamos destituir a ideia de mulher para discutir o que é ser mulher, mas é exatamente nesse ponto que o feminismo negro começa a pautar seus debates, na ideia da pluralidade feminina, mas partindo do questionamento “o que é ser uma mulher?”, uma vez que a categorização é diversa e a sociedade não as vê da mesma forma e é o que acontece entre mulheres brancas e negras. Avtar Brah e Ann Phoenix, por exemplo, contribuem, em seu texto *Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade*, explicitando essa ideia ao trazer um cenário histórico do feminismo negro:

Uma temática essencial e sempre relevante do feminismo é a importante questão do que significa ser uma mulher em diferentes circunstâncias históricas. Através dos anos 1970 e 1980, esta preocupação foi o assunto de muito debate, à medida que o conceito de ‘sororidade global’ era criticado pelo seu fracasso em levar em conta as relações de poder que nos dividiram (Brah, Phoenix, 2017, p.662).

Discutir sobre a universalidade do feminismo coloca em debate as relações de poder, o que foi contestado por feministas negras por muito tempo. Como já mencionado, elas eram parte da base social de trabalho, o que significa que era inegável discutir a hierarquia estrutural de mulheres brancas e negras.

Essa pauta mencionada é a base para que o feminismo negro se fortalecesse. Teóricas como bell hooks, Angela Davis, Sueli Carneiro, Patrícia Hill Collins, discutiram fortemente tais questões, além de alinharem aos outros debates como o trabalho, a classe, a criação do patriarcado e o ideal da construção do ser mulher

Nesse cenário brasileiro, é que se tem a figura da autora Djamila Ribeiro, filósofa por formação, escritora por profissão que adentra o movimento, sendo uma das principais pensadoras contribuintes para sua difusão no Brasil no século XXI. Em sua obra *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (2018), composta por uma sucessão de ensaios, ela prossegue no tema do racismo, do feminismo, na análise das estruturas racistas da sociedade e da exploração do corpo feminino na mídia. Isto porque, um ano antes, em 2017, Djamila publica seu primeiro livro, *O que é Lugar de Fala?* (2017) pela editora Feminismos Plurais e que também abordará o tema do feminismo. Posteriormente, ainda, para fechar o que chamo de uma trilogia feminista negra da autora, ela publica *Pequeno Manual Antirracista* (2019).

Djamila Ribeiro dialogará diretamente com as pensadoras do feminismo negro, uma vez que constantemente elas são citadas nas obras mencionadas acima para que ela reflita sobre a teoria e a torne de conhecimento público. A autora se propõe a debater feminismo alinhado ao racismo e, por mais que as escritas acima tenham títulos sugestivos para discutir a questão de raça, ela cria um grande aparato feminista, no qual se faz história dentro do movimento feminista negro brasileiro. É importante citar essas produções, porque as teóricas com as quais a autora conversa debatem gênero e raça massivamente, contribuindo cada vez mais para a história. A discussão não é antiga, os temas levantados por todas essas autoras perpassam uma realidade atemporal e cotidiana, é por essa razão que Djamila traz na obra de que tratamos nesse trabalho, *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?*, episódios que acontecem na mídia, na TV, na cultura e no dia a dia.

Ao se tratar do tema do feminismo, estamos falando de pensamentos, ideias e lutas relativamente recentes. O movimento inicia no século XIX, quando se estabelecem lutas pelo sufrágio feminino e começa o enfrentamento pela liberdade das mulheres. Elas, em todo o contexto mundial, sempre estiveram no lugar do apagamento em decorrência da supremacia masculina.

Ao refletirmos sobre essa questão, consideramos que o próprio movimento em si buscou superar essa inferiorização, a qual as mulheres estavam submetidas. No entanto, ao considerar uma história de luta, mulheres negras acabaram sendo deixadas de lado, devido aos atravessamentos de classe e raça, por mulheres brancas, que lutavam por outros interesses. Além das consequências da escravidão e da colonização, suficientemente prejudiciais para colocá-las nesse lugar de subalternização.

Talvez se possa considerar que há pensamentos enraizados nessas mulheres brancas e burguesas que agem de maneira racista, mesmo que inconscientemente. Por esse motivo, a necessidade de uma autocritica feminina e da proliferação consciente de discursos que

elucidem todos esses modos racistas de comportamento. Mais adiante, isso deságua na continuidade da exploração.

Os negros passaram por um semelhante processo de rebaixamento que todas as mulheres; no entanto, tendo sua mão de obra escravizada. Além do histórico imaginário criado nas sociedades, houve, por muito tempo, a marginalização que se estruturou e perdurou até o momento contemporâneo. Isto é, as marcas evidentes e racistas que permanecem nas sociedades.

Isso não significa que, durante o processo escravagista e, posteriormente a ele, as mulheres negras não ousaram lutar contra as condições em que eram frequentemente colocadas. Um exemplo disso é a estadunidense Sojourner Truth, que realiza um discurso intitulado, em inglês, “Ain’t I Woman?” (1851), na Convenção de Direitos das Mulheres, na cidade de Akron, em Ohio, nos Estados Unidos.

Ela, uma mulher escravizada, levanta-se perante um público e tece argumentos favoráveis aos direitos de libertação das mulheres e do povo negro. O discurso de Truth é o registro de que a violência sobre estes corpos se fazia presente, mas não foi suficiente para silenciar as mulheres, apesar de já se tratar de Interseccionalidade. Em 1863, 13 anos depois, Frances Gage, presidente da Comissão em questão, transcreveu e colocou em circulação o discurso de Truth, tornando-se a versão mais conhecida:

Bem, crianças, onde há muito barulho, deve haver algo fora de ordem, eu penso entre os negros do sul e as mulheres do Norte — todos falando sobre direitos — os homens brancos estarão em maus lençóis muito em breve. Mas sobre o que é tudo isso? Aquele homem ali diz que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens e ser carregadas para atravessar valas, e ter os melhores lugares onde quer que estejam. Ninguém me ajuda a conseguir lugar algum. E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço. Eu arei a terra, eu plantei e eu recolhi a colheita em celeiro. E nenhum homem poderia estar à minha frente. Eu não sou uma mulher? Eu podia trabalhar quanto, e comer tanto quanto qualquer homem — quando conseguia comida e suportar o açoite também! E eu não sou uma mulher? Eu gerei crianças e vi a maior parte delas ser vendida para a escravidão, e quando clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu. E eu não sou uma mulher? (Truth, 1851, página.1).

O discurso de Truth parte da ideia de que, naquele momento, eram discutidas por diversas vias o que era ser uma mulher. Muito se dizia sobre a mulher branca e esquecia-se da importância da mulher negra, que sustentou a força de trabalho da sociedade, teve os atravessamentos de gênero permeando sua vivência. O que Truth traz em seu discurso é que mulheres negras sempre estiveram ali, fazendo exatamente o que a sociedade lhes atribuía,

ser a força de trabalho é um dos argumentos mais fortes, porque enquanto mulheres brancas desejavam trabalhar fora, mulheres negras logo eram exploradas pelo trabalho. Há, portanto, um descompasso quando se exige uma categorização universal de mulher. A objetificação dessas mulheres sempre foi explícita e nada parecia ser efetivo a respeito. A luta de abolicionistas e feministas nesse momento, no entanto, reflete a importância de se lutar contra sistemas opressivos.

Ao ler o discurso de Sojourner Truth, fica cristalino o impacto que ele teve. Ela fala diretamente com seus agressores e enfatiza a discussão do ser ou não ser uma mulher. É potente a ousadia — no bom sentido — de subir em um palco e expressar essas ideias, a figura de Sojourner é revolucionária nesse sentido, ela quebra com o silêncio, muito tempo antes dele ser debatido. Afinal, ser uma mulher nesse momento se tratava, mais especificamente, da força de trabalho exercida sobre cada corpo, mas sobretudo, o quanto o racismo atravessava mulheres negras.

Assim sucede durante toda a história, apesar do trabalho doméstico ter sido uma condição à qual as mulheres foram expostas, a reivindicação da saída do lar se tornou pauta anos posteriores, além de que não se tratava de uma pauta menos importante, a crítica vai em outro sentido. Aqui, se trata de meios de trabalhos diferentes, o primeiro sendo exploratório e *escravatório*, o segundo sendo exploratório e enclausurado, mantendo mulheres sob domínio e obediência dos homens.

Claro que a luta pela reivindicação dos moldes trabalhistas foi um assunto dominado por mulheres brancas e burguesas, mas é importante ressaltar que a força do trabalho exploratório se estendia às mulheres negras, do período escravagista até a primeira onda feminista.

Angela Davis, no capítulo “Mulheres Trabalhadoras, Mulheres Negras e a História do Movimento Sufragista”, de seu livro *Mulheres, raça e classe* (1944) elucida de maneira sucinta como essa busca por uma identidade que se constrói na alteridade da alteridade — como a própria autora menciona — acontece nos Estados Unidos e a forma de tratamento à qual mulheres negras eram frequentemente expostas, inclusive nesse momento de luta. Ao mesmo tempo que campanhas pelo voto aconteciam, campanhas pela libertação do modo de trabalho eram ovacionadas e exigidas pelas feministas:

“Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino. Quanto às mulheres brancas da classe trabalhadora, as líderes sufragistas provavelmente ficaram impressionadas,

no início, com seus esforços de organização e sua militância (Davis, 1944, p.157).

A comparação assevera que, por muitos, anos existe uma discussão relacionada a um todo no movimento feminista negro. Apesar de Davis ser contemporânea a Truth, existe uma semelhança nítida no discurso, que outras autoras igualmente irão destacar. Pode-se, portanto, perceber que as reivindicações feministas dessas mulheres negras são muito semelhantes. O resgate de pautas que atingiram suas ancestrais também é um símbolo explícito de uma luta única.

Apesar de estarmos pontuando a luta das mulheres pelo voto, libertação e igualdade, em contraponto com as mulheres negras que reivindicavam seus direitos, existiam diversas incongruências de todos os lados, inclusive mulheres que não apoiavam essas pautas. Davis explica bem todo esse processo em seu livro.

Sexismo, racismo e exploração foram os pilares que sustentaram essa estrutura que comento acima. Além disso, o trabalho de uma mulher escravizada e de um homem escravizado era o mesmo, mas é preciso acrescentar que o patriarcado exerce uma pressão particular na dupla opressão de ser mulher e ser negra.

O conceito de *Interseccionalidade*, como observado, foi elucidado pela contribuição de diversas autoras. Em essência, ele abrange os múltiplos atravessamentos que constituem as identidades sociais do indivíduo. Tais intersecções, por sua vez, contribuem para a manifestação de violências, de natureza social, cujos fatores reforçam as agressões cometidas contra esses sujeitos.

Como mencionado acima, as mulheres negras não sofriam somente por serem mulheres, mas do mesmo modo por serem negras e pobres, lésbicas, transsexuais, deficientes, idosas, entre outras intersecções. Os aspectos da identidade podem ir para além da raça e classe, como gênero, sexualidade, condição física, idade, sendo diversos fatores que atravessam as mulheres negras. Uma pensadora que percebeu e exemplificou melhor essas questões, foi Kimberlé Crenshaw, uma das pensadoras responsáveis por cunhar o termo Interseccionalidade. A autora, idem, elucida como essas violências são reproduzidas de forma institucional e política, uma vez que atravessam a simples relação entre sujeitos, ela é parte dos projetos políticos que se estabelecem na sociedade.

No discurso de Sojourner Truth, é possível compreender que ela retrata essas diversas violências que a atravessam. Ao levantar temas como o da exploração de sua força de trabalho, sexismo, racismo e exploração sexual do corpo feminino, Truth é atravessada

por interseccionalidades, que não se sobressaem: se somam. O que por vezes é tido como personalidade, são estruturas de manutenção do poder, oriundas de um plano político.

Sendo assim, em muitas vertentes feministas, mulheres negras continuam sendo colocadas em lugares de rebaixamento social, reafirmando a exploração histórica e estrutural. Em suma, podemos dizer que muitas feministas são racistas, o que é inevitavelmente contraditório, visto que a pessoa se propõe pela luta da liberdade e da igualdade, mas até a questão esbarrar com o debate racial.

Dayane N. Conceição de Assis faz um percurso intelectual acerca do trabalho de todas as feministas negras, em contexto mundial e nacional. Em seu livro *Interseccionalidades* (2019) que, a partir de agora, será amplamente mencionado, ela direciona educadores a levarem para suas salas de aula, um ensino antirracista, saudando essas intelectuais citadas e outras tão importantes quanto. Além disso, Dayane menciona a questão da interseccionalidade no início do movimento feminista negro:

Os feminismos negros, portanto, denunciam que assim como, de maneira estrutural, o sexismo posiciona a mulher de forma subordinada na sociedade, o racismo também ocupa esse lugar quando interseccionado com demais marcadores sociais. Esses tensionamentos propostos pelas mulheres negras, a princípio, causaram grande desconforto tanto nos movimentos de mulheres, feministas brancas quanto nos movimentos negros e nas instituições mistas nas quais essas mulheres integravam; isso porque o atravessamento das categorias gênero e raça colocava essas mulheres em sub-representação nos dois casos (Assis, 2019, p.12).

Dessa forma, percebe-se que existe simetria nessas violências, além de uma sobreposição. Compreende-se de maneira mais educativa, portanto, como a interseccionalidade acontece.

O Feminismo Negro nasce a partir da reivindicação da ideia de lugar-comum, mulheres em um mesmo patamar. Há, ainda, o conceito de feminista branca, que irá tratar pontualmente dessas mulheres que reforçam a exploração de gênero e raça, ignorando que suas próprias ações são reforçadoras de violências.

Rafia Zakaria, em seu livro *Contra o Feminismo Branco*, descreve que “para ser uma feminista branca você simplesmente tem que ser alguém que aceita os benefícios conferidos pela supremacia branca” (Zakaria, 1978, p. 11). Deste modo, há inúmeras feministas, inclusive brancas, que aceitam a interseccionalidade, apoiam mulheres negras, mas só *até a segunda página dessa história*. Afinal, se essa feminista continua mantendo padrões de comportamento e silenciamento que permanecem marginalizando mulheres negras em sua

diversidade, essa é uma feminista branca. Manter os padrões supremacistas brancos dentro do feminismo é o mesmo que lutar pelos direitos de determinados grupos de pessoas e continuar reproduzindo discursos preconceituosos acerca destes.

Zakaria ressalta também que, enquanto feministas brancas iam a congressos, palestras, rodas de conversas e espaços acerca do feminismo, mulheres negras limpavam as casas delas de maneira exploratória. Outra autora que relatou isso em sua obra, foi bell hooks:

Meu envolvimento intenso com a criação de uma consciência feminista me levou a confrontar a realidade das diferenças de raça, classe e gênero. Assim como me rebelei contra as noções sexistas do lugar da mulher, desafiei as noções de lugar e identidade da mulher dentro *dos círculos do movimento de libertação da mulher*; não consegui encontrar meu lugar dentro do movimento. Minha experiência como jovem negra não era reconhecida. Minha voz, assim como a de mulheres como eu, não era ouvida. Sobretudo, o movimento mostrou como eu me conhecia pouco e também como conhecia pouco meu espaço na sociedade (hooks, 2015, p.10).

Através das considerações de bell hooks, muitos aspectos podem ser observados, dentre eles, a falta de reconhecimento dentro dos próprios movimentos feministas e o desamparo da mulher negra na sociedade. Tais aspectos, muitas vezes reforçados por mulheres brancas e burguesas, fortalecem a estrutura racista e influenciam o modo como lidamos com as necessidades raciais na sociedade. É por essa razão que não existe categoria universal na reivindicação de direitos. Djamila Ribeiro, em sua dissertação de mestrado, também abordará o assunto,

As críticas trazidas por algumas feministas dessa terceira onda, alavancadas por Judith Butler, vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente; excludente porque as opressões atingem as mulheres de modos diferentes, seria necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levar em conta as especificidades das mulheres. Por exemplo, trabalhar fora sem a autorização do marido, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras/pobres, assim como a universalização da categoria mulheres tendo em vista a representação política, foi feita tendo como base a mulher branca, de classe média. Além disso, propõe, como era feito até então, a desconstrução das teorias feministas e representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, masculino/feminino (Ribeiro, 2015, p.15).

Essas afirmações resumem o que pretendo trazer até aqui: há um descompasso entre *qualquer* vertente feminista e o feminismo negro, justamente porque quaisquer feministas podem exercer violência de raça. É nesse sentido que discutimos a importância da

Interseccionalidade, ela é, portanto, a maneira que determinados atravessamentos atingem o sujeito e como essa pode interferir nas relações políticas e pessoais. É improvável afirmar que ambos feminismos são semelhantes, porque as pautas são diferentes, mesmo que haja denominadores comuns, há um ponto no qual existe um grande abismo entre as teorias.

Não que essas mulheres não possam se unir e lutar por causas comuns, mas enquanto mulheres brancas continuarem colocando negras no lugar da subalternização, permanecendo guiadas pelos ideais da branquitude, o movimento sequer pode caminhar nem conquistar novas liberdades para corpos diversos. Isso era frequente no início do movimento, visto que essa estrutura era exposta nos incômodos de mulheres não-brancas.

A partir dessa noção, as mulheres negras se uniram cada vez mais para que pudessem construir comunidades e unidades onde se entenderiam e poderiam lutar juntas contra essas desigualdades, omissões do estado, estereótipos reforçados pelo racismo, e por condições dignas de trabalho, pela desvinculação de ideias escravocratas, e pelo “enegrecimento do feminismo” para “feminizar a raça” (Assis, 2019, p.14).

Renegar os privilégios da branquitude é um dever de toda feminista e antirracista. Mulheres brancas queriam, até esse momento, de qualquer forma, igualdade com homens brancos, sem se importar se precisariam ou não dominar pessoas não-brancas, enquanto mulheres negras precisavam lutar por seus direitos de *igualdade* com todos, além dos de raça. Assim, a liberdade das mulheres de maneira geral só será efetiva ao passo que os marcadores sociais sejam considerados, ou seja, falamos de uma liberdade universal, mas para que ela ocorra e deixe de ser objeto de crítica, esses fatores precisam ser considerados.

É importante, ainda, que compreendamos que a cisheteronormatividade, racismo, sexismo, capitalismo, patriarcado, estão interligados em uma mesma estrutura. Fazer a manutenção dessas violências é um gesto excludente. Diferentes corpos podem ser atravessados por numerosos marcadores sociais e as feministas negras colocaram isso em questão. Essa é a importância de pautar acerca da Interseccionalidade nos movimentos feministas negros.

Uma figura que irá ressaltar alguns marcadores acerca da interseccionalidade, é a feminista lésbica e negra Audre Lorde, especialmente em seus ensaios e conferências. Em *Irmã Outsider*, ela pontua, a partir de sua produção literária, a importância do não-silenciamento de si, ao debater os muitos atravessamentos da mulher negra. Por conta de figuras como Lorde, que ousaram falar perante públicos diversos e diretamente a seus agressores, é que podemos repensar e se autoconscientizar. Ela diz: “A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. Estou aqui de pé como uma poeta lésbica

negra, e o significado de tudo isso se reflete no fato de que ainda estou viva, e poderia não estar (Lorde, 1984, p.49).

Desse modo, Lorde, Truth, Davis, Crenshaw, Collins e tantas outras aprofundam suas ideias para que, principalmente, outras pessoas possam, em especial, homens e brancos, se situar em suas próprias realidades sociais.

Até aqui, mencionei pensadoras estadunidenses porque essas tiveram um papel muito importante na propagação das ideias que mulheres negras discutiam. O feminismo negro norte-americano deixa uma lição e dialoga com outros países. Por essa razão, esse grande aparato histórico estrangeiro. Dayane Assis menciona, ainda, que inúmeras pensadoras foram necessárias para se criar um feminismo negro completo, repleto de ideias únicas.

São inúmeras as mulheres negras responsáveis por teorizar a crítica aos feminismos hegemônicos, desde Sojourner Truth e Ida B. Wells-Barnett até as autoras hoje internacionalmente conhecidas, como Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks e Audre Lorde.

Cada uma das teóricas citadas desenvolveu seu pensamento crítico a partir de diferentes eixos: enquanto Angela Davis trouxe para seu discurso a questão de classe, juntamente com o marcador social de raça como base de seu pensamento, bell hooks propôs interessantes discussões sobre a intelectualidade da mulher negra, a transgressão como prática libertadora na educação, o amor nas comunidades negras e algumas discussões sobre estética negra e racismo.

Podemos afirmar que o feminismo negro contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento sociológico do pensamento das mulheres negras que, com conceituações próprias e desenvolvimento de metodologias específicas, oferece outro tom para a análise da condição da mulher negra (Assis, 2019, p. 16–17).

Em contexto nacional, há outras pensadoras grandiosas, que contribuíram efetivamente para compor a teoria do feminismo negro. Lélia Gonzalez surge anteriormente a Angela Davis, por exemplo, e ambas são potências importantes dentro do movimento feminista negro.

Trazer a história dos Estados Unidos não significa que, no Brasil, o movimento seja inexistente, muito pelo contrário, ele foi fortalecido por ideias dessas estadunidenses compartilhadas ou de forma acadêmica, ou política, ou através das produções em livros, revistas e artigos. Figuras como Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Beatriz Nascimento, entre outras, são nomes que podemos mencionar no espaço intelectual aqui produzido para a construção de um

feminismo antirracista e negro. Além disso, segundo o estudo de Dayane N. Conceição de Assis, o movimento feminista no Brasil é um dos mais influentes no mundo.

No Brasil, o feminismo negro se desenvolve com outra face intelectual; no entanto, a partir dos mesmos preceitos mencionados aqui. É importante realizar um recorte: o Brasil é um país latino americano, colonizado e o último a abolir seu sistema escravagista. É a partir dessa ideia que Lélia Gonzalez discorre sua teoria. Em seu livro, *Por um Feminismo Afro Latino Americano* (2020), a autora desenvolve as ideias já discutidas aqui junto à realidade brasileira.

Dentre os tópicos investigados estão a juventude negra no Brasil, as questões relacionadas ao trabalho de mulheres negras, a identidade Afro Latina Americana, mesclando essas ideias e discorrendo acerca do feminismo. Esse recorte de localidade feito para compreendermos uma ideia maior é importante, porque, diferente do contexto estrangeiro, temos nossa própria história nacional e de colonização.

Por fim, discorremos acerca de uma luta histórica do feminismo, de maneira geral, perpassando pelo surgimento do feminismo negro, também no Brasil, que ocorre por volta da década de 1970 como uma resposta à exclusão de mulheres negras da pauta feminista — um cenário muito comum ao estadunidense — de debates e reivindicações, contribuições teóricas essas, que deságuam, também, no trabalho de Djamila Ribeiro, que, por diversas vezes, menciona esse sentimento de não pertencimento ao movimento ideológico. A autora é o foco central desta dissertação de mestrado e, sobretudo, influenciou com sua linguagem direta e acessível os ideais contemporâneos do feminismo negro, através das publicações em periódicos e *blogs*. Além disso, ressaltei a notoriedade de Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir nas primeiras seções, a fim de estabelecer os critérios que aproximam não somente suas contribuições filosóficas e literárias, mas como a semelhança e a presença de vida dessas mulheres é relevante para esta dissertação.

A seguir, discuto a capacidade de ambas de percorrer duas grandes áreas da ciências humanas, utilizando-se de meios de produção comuns à elas. É nesse contexto que produzem seus trabalhos, sendo uma contribuição fundamental para a Literatura Comparada, que tem como base essas intersecções. As autoras e também filósofas, possuem em seu âmago coincidências que construíram ideias norteadoras para o feminismo e a Literatura e Filosofia foram os meios possíveis para a divulgação.

3.3. Literatura e Filosofia, uma abordagem interdisciplinar

A Literatura Comparada nasce sob o signo da *transversalidade*. Não somente por “transpor as fronteiras das nações”, como, igualmente, pela sua “interdisciplinaridade com relação tanto às demais formas de manifestação artística quanto a outras searas do conhecimento” (Coutinho, 2017, p. 8). Houve, nos últimos anos, um “acirramento” do diálogo estabelecido com os demais saberes, fazendo com que as fronteiras fossem “amplamente esgarçadas” e as disciplinas absorvessem elementos de outras e prestassem subsídios a suas elaborações.

Isso é o que leva a, neste tópico, refletir sobre a importância da interdisciplinaridade entre Literatura e Filosofia, verificar como esses saberes se articulam, em decorrência de que, na escrita da vivência de ambas as autoras há até mesmo um tom cronista que, no começo de minha análise, me levou a entender *Quem tem medo do feminismo negro* como uma coletânea de crônicas. Neste momento, entendo o livro como uma coletânea de Ensaios, justamente porque é na forma desse gênero que existe a liberdade entre a expressão (da opinião de Ribeiro), o sentimento (que Ribeiro move) e a reflexão (que Ribeiro lega). É por essa via que, segundo minha análise, se abre espaço para serem inseridos conhecimentos diversos – filosóficos, históricos, literários...

Rompe-se, portanto, com as fronteiras hegemônicas dos gêneros, posto que o ensaio é um gênero híbrido, misto de realidade e ficção, ciência e literatura.

Os textos publicados por Djamilia Ribeiro na *Carta Capital* podem ser vistos como um *ensaio* por estarem relacionados a um tempo específico, mas abordarem assuntos que são, igualmente, atemporais – na medida em que tratam de problemas como a condição da mulher, o racismo, o preconceito e as formas de resistir. Além disso, seus ensaios contêm inúmeros trechos autobiográficos, esgarçando, ainda mais, as fronteiras entre os gêneros literários, retomando a expressão de Coutinho (2017). Como na passagem abaixo, em que a autora brasileira menciona o incômodo de uma incompreensão em relação à sua vivência no mundo e, ainda, ressalta debates importantes:

Hoje afirmo isso com muita tranquilidade, mas minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma incompreensão fundamental. Não que eu buscasse respostas para tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, não tinha consciência de mim. Não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos diziam na minha cara que não queriam formar par com a “neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha e inadequada, e, na maioria das vezes, fazia as coisas no automático, me esforçando para não ser notada (Ribeiro, 2018, p.6).

O ensaio se constrói como um gênero incerto. Não há limites definidos do gênero. É nessa incerteza que as autoras encontram um lugar para a produção de suas escritas. É nesse espaço que é possível abarcar vários temas de forma crítica, pensada e articulada com outras áreas do conhecimento – porém, sobretudo, com a vivência. Procuro buscar a posição da Literatura Ensaística diante do real e do descrito pela linguagem, pela experiência e pela expressão contidas nas obras. Ou, tal como definiu Georg Lukács em sua obra *A Alma e as Formas*, como o ensaio, “desloca a obra do campo da ciência e traz para junto da arte” (Lukács, 2017, p. 31).

Trata-se de um jogo da linguagem que permite transformar o real em Literatura. O cotidiano, em palavras carregadas de saberes e sabores (Barthes, 1977, p.19/20), mas literários. Partir do debate das mais variadas questões que interpelam o sujeito-autor, mas que, sobretudo, remetem a um coletivo minoritário em um único texto.

Pensando no mesmo sentido que Roland Barthes (1977), em sua *Aula inaugural da cadeira de semiologia do collège de France*, objetivo discutir não o maniqueísmo científico das teorias, ou separações teóricas sem propósito, mas compreender os sabores que a narrativa autobiográfica pode ter, como gênero literário:

O paradigma que aqui proponho não segue a partilha das funções; não visa colocar de um lado os cientistas, os pesquisadores, e de outros escritores, os ensaístas; ele sugere, pelo contrário, que a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia). Curnonski dizia que, na culinária, é preciso que “as coisas tenham o gosto do que são” (Barthes, 1977, p.20).

A partir do que lega o pensador, faz-se necessário refletir sobre tal “esplendor de revolução permanente” (Barthes, 1977, p. 16) que permite ao sujeito, degustar, a partir da leitura, a trapaça da linguagem que é a literatura. Além disso, poder pensar tais questões dentro da narrativa autobiográfica. Na conferência em questão, Barthes passa pelo processo de descrever o que é a Literatura – chega à noção de sabor e saber, defende a Literatura enquanto disciplina e a sua importância, também pondera sobre a realidade naturalmente implícita na Literatura: “ela é realidade” (Barthes, 1977, p.18) e a força da sua representação.

Ainda que, sobretudo, dedique tal produção à noção de sentido do texto. Esse, certamente, seria um tópico ideal desse trabalho. Porém, foi essa a leitura possibilitou que os temas aqui descritos, o que planejo analisar, nascessem a partir disso que discute o filósofo francês. Não se tomará o estruturalismo como base metodológica, uma vez que este não se

adapta aos recortes desse trabalho que incluem o pensamento sobre outras óticas. Contudo, o método serve aqui como inspiração para novas ideias — mesmo pensadas em outras metodologias e para pensar acerca do diálogo entre as autoras.

Relevante mencionar, este trabalho não é o primeiro que se propõe a analisar ensaios. Destaco o artigo de Cíntia Vianna que analisa comparativamente o trabalho de Tatiana Nascimento — não-binária preta, poeta brasileira que trata do não ser homem nem ser mulher enquanto pessoa preta que ama e sente, vivendo no Brasil — com Glória Anzaldúa — *mestiza chicana* que escreve sobre línguas e identidades de fronteira para encarar outros paradigmas de ser e de fazer-se corpo dissidente.

Vianna pontua, a necessidade de refletir sobre como a interseccionalidade se instala na academia e quais ideais migraram para as instituições e o que ficou de fora. Ela justifica sua escolha pelos ensaios pela "a importância desse gênero para a formação do pensamento afrodiaspórico produzido desde o pós-abolição e ao longo de todo o século XX, evidentemente apresentando diferenças, transformações na entrada do século XXI" (2024, p. 347).

Nos ensaios de ambas as outras, Vianna reconhece o quanto as "preocupações que são baseadas nas opressões de raça, classe, gênero e sexualidade" (p. 342) — isso se alinha diretamente à minha análise quando menciono que Ribeiro atualiza Beauvoir — e ainda reconhece que "o acesso à humanidade para as duas ensaístas só é possível a partir de uma lupa interseccional" (p. 342). Essa autora resolve a questão de pensar o ensaio como literatura ao tratar de intelectuais feministas que desafiam a norma colonial:

apontar para a necessidade de que a relação com a linguagem se dê de modo a promover emancipação e que, evidentemente, essa apropriação possibilite reflexões consistentes sobre a diferença colonial, sobre a necessidade de práticas decoloniais que tornarão possível outra forma de pensar, de ensinar e de fazer arte, literatura, por exemplo (Vianna, 2024, p. 346).

Sim, "por ser uma literatura de fronteira, pode dialogar com diversos campos de conhecimento, de forma interdisciplinar, mas também está sujeita a certos silenciamentos e invisibilidades" — emprestando as palavras de Tatiana Nascimento (2022, p. 567). É por isso que aqui me instalo, na fronteira, no lugar de quem recusa o certo normativo.

A partir, portanto, da comparação entre *Quem tem medo do feminismo negro* e *O Segundo Sexo*, surge a necessidade de pensar as relações da filosofia e da literatura. Uma vez que as autoras são filósofas, há uma proximidade discursiva em seus debates, tanto nas formas

de vida, quanto na discursividade acerca da condição feminina e da liberdade das mulheres – tão importantes para o feminismo em um modo geral e para o feminismo negro, especificamente. A autora francesa discute a condição da mulher sem especificar exatamente qual mulher, mas, mesmo assim, a partir do lugar de fala de uma mulher branca e burguesa e, aqui, a contraponho com a uma autora preta brasileira que discute a condição da mulher negra na contemporaneidade.

Por essa razão se faz necessário discutir como os ensaios de Djamilia Ribeiro determinam esse espaço do feminismo negro na narrativa jornalística, assimilando-o a exemplos cotidianos de sua vivência enquanto compara com eventos públicos. Desse modo, pode se perceber que ela critica o olhar da sociedade-estado e a sua abstenção — diante desses problemas estruturais, de raça e gênero — problematizando tais questões ao mesclar com eventos da sua vivência de mulher negra e feminista no formato do ensaio. Há a possibilidade de se construir um espaço literário possível de unir poesia e realidade, crítica social, vivência e experiências jornalísticas e apontar quais elementos do sentido unem tais noções.

Isso motiva a reflexão de que modo as obras se encaixam nas teorias da Literatura e quais aparatos dela podem ser disponibilizados para analisar textos com grande circulação social, muitas vezes não delimitados no campo. Dessa forma, pode-se pensar como os textos literários estão em diálogo com outras ciências, costumes, culturas, desejos, emoções, seres... E, principalmente, como eles são os espaços possíveis de discutir temas ideológicos, políticos e sociais.

Esse diálogo transdisciplinar da área das ciências humanas se torna um gesto natural quando se pensa no caráter do gênero Ensaio, tão entrelaçado ao autobiográfico. A autobiografia de Ribeiro, portanto, esbarra e esparrama dois gêneros importantes e pode ser uma ferramenta rica no que diz respeito à análise literária.

Por consequência, pode-se pensar que o fazer-literário da autora é expresso através desses relatos pessoais, reflexões e diálogos com outras autoras que fundamentam suas discussões no livro. A partir da perspectiva de se viver a dupla opressão de machismo e racismo, na prática, é que assimila esses dois pólos que deságuam na obra. Por essa razão é importante compreender que o livro trata de fatos literários, para compreender o valor das escritas de mulheres.

Aqui vale ressaltar a necessidade da Literatura e de seu objeto: o texto, antes de aprofundar-se sobre outros temas, mas, sobretudo, o enfoque no sentido do texto, como muito bem nos propõe a semiologia, supracitada. Do ponto de vista da linguagem essa oposição é

pertinente: o que ela põe frente a frente não é, aliás, forçosamente, o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade. Nem o Verdadeiro e o Belo. Somente lugares diferentes de fala. Segundo o discurso da ciência — ou segundo um certo discurso da ciência — o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação (Barthes, 1977, p.19).

É fato que a ciência literária se constrói a partir deste objeto repleto de mistérios e facetas, o texto literário, a *grosso modo*. Porém, a Literatura se vê, ainda, depois de tantas vezes, envolta por textos de naturezas mistas que não deixam de lado seu caráter literário. Por exemplo, a obra “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha (1902), primeiro registro jornalístico brasileiro, na forma literária.

Sabe-se que o ensaio é um gênero literário que permite um movimento híbrido em sua forma. Possibilita um lugar amplo de expressão na narrativa, realçando aspectos críticos e utilizando-se de recursos na narrativa que se aproximem do leitor, tal como um camaleão que muda sua cor ao recostar-se sob uma superfície, se adequa ao sentido expresso da comunicação no cotidiano. Ela atribui ao texto, a liberdade de conectar diferentes esferas, seja da vida social, seja de diferentes áreas do conhecimento.

Há a possibilidade de se construir um espaço literário possível unindo poesia e realidade, crítica social, vivência e experiências jornalísticas com Literatura e apontar quais elementos do sentido conectam tais noções. O ensaio é o meio possível para que essas informações se unam. As obras se encaixam nas teorias da Literatura. Os aparatos que a ciência literária pode disponibilizar, para analisar textos com grande circulação social são diversos e muitas vezes não delimitados no campo da Literatura. Os textos literários estão em diálogo com outras ciências, costumes, culturas, desejos, emoções, seres e principalmente, são os espaços possíveis de discutir temas ideológicos, políticos e sociais.

Essa conversa transdisciplinar, na área das ciências humanas, se torna um gesto natural quando se pensa no caráter dos gêneros ensaísticos, entrelaçado ao autobiográfico. A autobiografia de Ribeiro, portanto, une dois gêneros importantes e pode ser uma ferramenta rica no que diz respeito à análise literária.

Pensar dessa forma é, similarmente, pensar a Literatura. Ela, em seu âmago, carrega a produção textual, cientificamente, tendo o trato artístico em sua alçada e composição. É isso que possibilita a construção de sabedorias e conhecimentos que se aprofundam na pessoalidade do sujeito. É essa a ciência possível de mesclar gêneros para enquadrar diferentes realidades e preceitos. A esse procedimento da Literatura, podemos atribuir o conceito de *generecidade* (Resende; Júnior; Oliveira, 2021, p. 165).

Tratar de Literatura se faz necessário para que se compreendam os alcances que ela pode ter no meio científico como credibilidade de ciência. Porém, é necessário que essa discussão exista para que se compreenda que a Literatura ultrapassa, hipostasia os limites do racional, ainda que o considere. Ela é muitas das expectativas da vida social, o refratamento dos pensamentos cotidianos, ideologias, movimentação de saberes, movimentação política, contato com a linguagem nas suas mais variadas expressões — entre tantos outros aspectos que abarca, a arte da Literatura de compor um universo vasto de reflexões possíveis. Todas essas características integradas a um trabalho textual árduo.

Ainda, citando Roland Barthes, que defende a matéria na conferência “Aula” :

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso (Barthes, 1977, p.17).

Ou seja, a literatura é vasta e rica. Isso pode ser comprovado a partir da discussão que citamos acima acerca do ensaio. Nisso, não há discussão e o filósofo muito bem pontua esse movimento da Literatura em dialogar diretamente com outros meios, ela é essa ciência flexível em decorrência do trabalho do autor.

Discutir *o que é Literatura?* Neste trabalho tem o intuito de provocar por que determinadas obras não entram na unanimidade universalizante do que se tem por Literatura — ainda que a resposta seja óbvia. Em outras palavras, por que as obras não-hegemônicas estão inclusas também nesses aspectos que Barthes define, mas ainda assim, há um movimento na sociedade que considera somente *algumas* literaturas, como literaturas de fato.

Marisa Lajolo em sua obra, *O que é Literatura?*, define porque é importante que obras como a de Djamila componham da mesma forma o espaço Literário:

Para encurtar a conversa, a posição que cada um deles assume perante a literatura é uma posição *culta*, inserida numa tradição cultural que, se tem o respaldo de muitos séculos, tem também a civilização burguesa por Horizonte. Aquém e além deles, uma multidão de gente anônima: você, eu, nós todos eventualmente já nos perguntamos e já nos respondemos *o que é literatura?* Perguntas permanentes, respostas Provisórias. Tão permanente umas e provisórias outras quanto o são as perguntas e respostas com que lidam os intelectuais do time de McLuhan e Vítor Manuel. Só que sem o

reflexo do espelho, das citações, dos interlocutores. Então, em igualdade de condições, é arregaçar as mangas e pagar para ver (Lajolo, 1982, p. 8 e 9).

Lajolo discute a posição contraditória dos escritores supra-referidos e defende, posteriormente, por qual razão outras composições artísticas podem compor o universo literário. Ela reflete, ainda, sobre a voz burguesa que define o que é e o que deixa de ser Literatura. Coloca nomes de autores renomados, conhecidos e, bem como, cita aqueles que produzem poemas, poesias, canções, etc. de forma livre e independente, questionando o porquê dessas produções não serem consideradas Literaturas.

Os Estudos Subalternos igualmente pontuam e dizem respeito aos estudos voltados para a descentralização colonizadora. Nas palavras de Figueiredo:

Tomamos “subalterno” como expressão que se refere à perspectiva de pessoas de regiões e grupos que estão fora do poder da estrutura hegemônica; daí o conceito de subalternidade exigir um espaço territorial definido e demarcado, bem como àqueles que se encontram fora do pensamento hegemônico (Figueiredo, 2010, p.84).

Esse lugar é facilmente encontrado na produção de discursos. É na ação discursiva que o sujeito se coloca e ressaltar diferentes opiniões próprias. Ainda, pensando a relação entre enunciador e enunciatário, aquele que enuncia sua dialética, pretende intencionalmente atingir o outro de maneira positiva do ponto de vista em que a mensagem é repassada com a intencionalidade de levar outrem a dialogar com aquilo que se escreve ou fala.

É nesse aspecto que a autora se impõe. Ocupando esse espaço do texto para refletir, dialogar, evocar nomes do feminismo negro — bell hooks, Chiamanda Ngozi Adichie, Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, entre outras. *Escrever* para marcar que existimos (Toledo-Barbosa, 2024, p.15). Isabelle Toledo Barbosa, além disso, destaca algo cabível para minha análise: considerar o canônico para “refletir sobre o que dizem ser ou não literatura para pensar o que seria uma atividade que transgride suas noções hegemônicas” (2024, p. 84).

Por muito tempo na história, teve-se um apagamento, no sentido mais rigoroso da palavra, de determinados grupos sociais. Essa *máscara do silêncio* (Kilomba, 2008). A própria autora, na introdução da obra, referencia Kilomba para falar dessa máscara que o povo negro teve e tem de carregar. Mas, ao fazê-lo, é como se tirasse de si essa máscara,

Grada Kilomba, pesquisadora e professora da Universidade de Humboldt, faz uma analogia interessante entre a máscara que as pessoas escravizadas eram obrigadas a usar cobrindo a boca e a afirmação do projeto colonial de impor silêncio, um silêncio visto como a negação de humanidade e de possibilidade de existir como sujeito. Com ela, aprendi que “a máscara não pode ser esquecida. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos” (Ribeiro, 2018, p.33).

Tanto do ponto de vista da história do mundo, quanto do ponto de vista da história da Literatura, o fato dessas literaturas “menores” serem desconsideradas do âmbito literário está intimamente ligado ao fator da colonização e da hegemonização. Em outras palavras, o apagamento dessas minorias, se reflete no âmbito literário.

No caso da Djamila, é possível avaliar em uma simples leitura, a maleabilidade que a autora tem em adentrar dois universos distintos: o jornalístico e o literário. Isso não seria possível. Ela enquadra o tema do racismo na obra, em geral, a partir de experiências da própria vida, mas, ao mesmo tempo, notícias sobre episódios cotidianos de racismo e misoginia de terceiros.

Existe no movimento de leitura, uma percepção visível de textos escritos pessoalmente pela autora, que sensibilizam o lado pessoal da sua vivência de mulher negra, enquanto outros são, em sua maioria, informativos jornalísticos, que trazem uma crítica e a opinião da filósofa, pautada em suas pesquisas.

O trabalho da escritora, nesse sentido, é impecável em relação ao jornalismo, mas ela recai na Literatura. Com todos os atributos necessários para que sua obra possa ser validada como literatura – mesmo que tenha sido publicada, inicialmente, no formato jornalístico.

Daí o ensaio se faz tão importante. Ele possibilita esse lugar que une as informações jornalísticas com o teor literário da expressão. Isso em ambas as obras. Ele movimenta o fazer-crítico dos ideais feministas com a relação da mulher e da sociedade — no caso de Djamila, alinhando com a realidade da mulher negra e do viés do jornalismo contra-hegemônico.

Por essa razão, a obra tem um papel fundamental na construção da visibilidade das pessoas negras na sociedade, no caso de *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?*. O trabalho é tão esmerado, que une as perspectivas pessoais de Djamila se utilizando de recursos, como o da ironia, por exemplo, em diversos parágrafos para demonstrar, muitas vezes, o ridicularizar da sociedade em relação aos corpos dessas pessoas. Já no *Segundo Sexo*, o papel é visibilizar mulheres em relação aos homens, mesmo que em uma visão binária, de certo modo. O ponto

de escoramento sobre a Literatura se dá pelo viés da realidade vivida; presenciada e dos mesmos recursos, por exemplo, irônicos que na obra brasileira.

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender que as obras têm um movimento quase como o de uma dança, onde os pés se entrelaçam. Esses pés dizem respeito ao tom que as autoras assumem quando adentram um tema ou outro.

No caso da obra brasileira, contém ensaios que discutem desde o racismo na sociedade, presentes na mídia hegemônica, em espaços políticos, até a maternidade de mulheres negras. Todos esses capítulos se organizam de maneiras distintas; no entanto, carregam em si a particularidade do tom falado e conversado.

Em *O Segundo Sexo*, os ensaios perpassam pelo debate de temas complexos e que, por vezes, carregam o sarcasmo de Beauvoir para enfrentar a masculinidade *tête a tête*. Igualmente parte da mídia, com seus trabalhos jornalísticos, questiona espaços políticos da sociedade em relação à mulher. O tom, no entanto, se faz acadêmico, porque esse distanciamento formal é necessário, mas inevitável desprezar a realidade da autora.

Ambas as obras se utilizam do ensaio para questionar estruturas, debater questões de gênero, questionar toda a sociedade e enfrentar o patriarcado e uma sociedade racista.

Em suma, humanização é a palavra-chave que define as obras na totalidade. Um exemplo dessa sensibilização de mundo, é a passagem da autora Djamila Ribeiro *E se sua mãe tivesse te abortado?* (Ribeiro, 2018, p.95). Esse texto não traz nenhuma informação jornalística, nenhum dado, nenhuma outra teórica. Nesse ponto, Djamila responde a uma crítica ofensiva, direcionada a ela, por uma pessoa da internet e abre, definitivamente, todos os seus sentimentos mais íntimos na obra. Arrisco dizer que esse seria um dos ensaios com maior tom pessoal de todo o livro.

Sua leitura provoca a sensação de desconforto no fim. É um momento literário da autora que responde exatamente à pergunta “E se sua mãe tivesse te abortado?” elaborada pela seguidora e discorre que essa foi a realidade da dúvida de sua mãe. Mesmo que a autora não mencione profundamente, apenas de maneira breve, as condições que corpos negros gestantes são frequentemente colocados na medicina, é uma realidade que esses abusos estejam fortemente presentes em hospitais. Abusos no momento do parto e opiniões que reforcem estereótipos racistas, nessas horas, são frequentemente utilizados por profissionais que deveriam respeitar o corpo alheio. No entanto, essa é a herança do racismo.

É, portanto, dessa forma, que Djamila relata a história na qual sua mãe lhe conta sobre a dúvida de levar a gestação da autora até o fim e pontua o desamparo que algumas pessoas (mulheres cis inclusas), naturalmente, carregam consigo no momento da gravidez,

gera outros sentimentos em mulheres negras. Sabe-se que elas sofrem mais porque se acredita na premissa racista de que o corpo negro é “mais forte”, aguentando dores muito piores do que em relação às mulheres brancas – falácia do período escravocrata.

No ensaio seguinte, “Nem mulatas do Gois, nem dentro de Grazi Massafera”, a escritora evoca o caráter informativo do jornalismo. Talvez isso tenha sido proposital? Enquanto pesquisadora, acredito que sim. Esse desconforto está presente na experiência de leitura tão fortemente, que não à toa, o livro foi organizado com esses ensaios subsequentes e com tal interrupção abrupta da história.

Num primeiro momento, espera-se uma continuidade em relação ao sentimento da autora pela mãe, no entanto, o leitor se depara com uma notícia escancarada da modelo Grazi Massafera, que foi eleita como “mulata de Gois”. Nesse ensaio, Djamila, diferentemente da anterior, traz teóricas reflexões sobre o uso da palavra “mulata” e seu teor pejorativo, além de descrever um episódio presente na mídia (hegemônica).

O fato de a escritora suscitar a figura de uma mulher branca, na passagem seguinte, demonstra esse comparativo sutil dentro da sociedade. E o juízo de valor da mulher branca em relação à mulher negra. Mesmo que não escancaradamente, essa é a reivindicação da autora em relação ao Estado, é a voz do discurso de Djamila clamando para as pessoas passarem a pensar sobre esses tipos de violências. Esse aspecto conectará os ensaios e artigos amplamente, destacando a empatia de gerações, criticando o desamparo do Estado e ainda, ressaltando o papel importante da mídia que pode fomentar ou não, esse tipo de atitude racista:

se pudesse diria mais coisas. Diria que entendo o medo dela de ter mais uma filha com diferença de um ano para a última; que, apesar de amar meu pai e de ele ter sido ótimo pra mim, entendo o quanto ele foi machista com ela; que entendo que vivemos em um país onde o Estado controla o corpo das mulheres, de modo que elas precisam passar por situações de descaso e desespero. Eu diria que sei que mulheres negras são as maiores vítimas de mortalidade materna e que o racismo institucional na área de saúde ainda mata mulheres como ela diariamente” (Ribeiro, 2018, p.65).

para uma loira que está sempre fazendo novelas e séries, dizer que é negra por dentro é fácil, não é mesmo? Se fosse por fora, no entanto, ou seria “mulata do Gois” uma vez por ano ou faria papéis estereotipados. Chega a ser ridícula essa mania que as pessoas brancas têm de querer mostrar que não são racistas (Ribeiro, 2018, p.67).

Esses dois fragmentos permitem que tenhamos a percepção das reivindicações, no próprio discurso, da autora. Esse é o maior apelo às mídias para que enxerguem e parem de

reforçar esses comportamentos sociais. É nesse aspecto que a Literatura é um campo possível de discutir tantas reflexões críticas, quanto a necessidade de expor alguns sentimentos pessoais.

Os ensaios de Djamila Ribeiro discorrem sobre os assuntos relacionados ao feminismo negro, incluindo informações linguísticas, como é o caso da explicação do sentido pejorativo da palavra “mulata”, mas no decorrer de um todo da obra, é possível que o leitor encontre assuntos vigentes na sociedade. *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* mantém um contato ávido com informações que dizem respeito aos direitos humanos na sociedade.

Além disso, a movimentação de capital cultural (Bourdieu, 1978, p.) possível dentro da obra, é imensa, uma vez que Djamila cita autoras, atores, jornalistas e políticos em diferentes contextos relacionados ao tema e elucida, didaticamente, expressões cotidianas de racismo. A autora, ainda, explicita o lado histórico da colonização brasileira, comprovando o teor transdisciplinar de uma obra que é a reunião de textos jornalísticos, adaptados aos termos do ensaio, alinhados ao autobiográfico.

Esse é o papel da Literatura, refletir questões complexas que envolvem o leitor ao ponto de não somente refletir sobre as questões levantadas, como também, rever seus atos, perante a sociedade. Utilizar-se dos recursos literários possibilita uma ampla discussão, que pode ser tão efetiva ao ponto de que a voz social seja sobressalente à voz do estado. É por essas razões que os escritos de Djamila, ao ultrapassar fronteiras hegemônicas, constrói uma Literatura.

SEÇÃO IV — A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE NO FEMINISMO: DEBATE ACERCA DAS CITAÇÕES DE BEAUVOIR EM RIBEIRO

O conceito de Intertextualidade define-se a partir de uma noção mínima de entrelaçamento de ideias ou partes de um texto. Essa noção se dá a partir de diversos conceitos como incorporação, diálogo, citação, alusão, referências, memória, paródia, colagem, bricolagem, tradução, entre outros. Essas definições estão atreladas a movimentos do próprio leitor/escritor na produção textual.

Nesta seção, me debruço exclusivamente no movimento da citação entre os textos de Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir, apontando esforços na análise de cinco ensaios de Ribeiro, dentre tantas outros, que referenciam diretamente Beauvoir. São eles: *As Diversas Ondas do Feminismo Acadêmico* (Ribeiro, 2019, p.44), *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (Ribeiro, 2018, p.51), *Feminismo Negro Para Um Novo Marco Civilizatório* (Ribeiro, 2019, p.122), *Quem se responsabiliza pelo abandono da mãe?* (Ribeiro, 2018, p.85) e *Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites dos outros* (Ribeiro, 2018, p.91). Para isso, utilizaremos como base teórica, principalmente, os trabalhos de Antoine Compagnon e Tiphaine Samoyault, que tratam da citação e da intertextualidade, respectivamente.

Em seu livro *O Trabalho da Citação* (1996), Antoine Compagnon define o ofício da mesma como sendo um movimento de utilização de “papel, tesoura e cola”, referenciando um trabalho de corte e colagem. Essa definição da citação reflete exata, simples e sucintamente o movimento da Intertextualidade. Ela é um trabalho árduo de escrita e leitura, considerando uma íntima relação com as leituras daqueles que as produzem, sua história e sua relação com o mundo.

Definir a citação se faz necessário, uma vez que ela se utiliza de recursos literários, como os citados acima, para compor um texto completo. Como na feitura de um tapete ou objeto de crochê, o texto é esse conectar-se das linhas a partir de um rolo de linha-lã já existente, ele é um artesanato natural em sua produção.

Ou seja, o texto é a produção de um projeto final, a partir de suplementos prontamente existentes. Um texto não se faz sem leitura e para compor-se, é necessário acrescentar e retirar, para obter uma finalidade única. Além de que, tal como no processo de recorte e colagem, é necessário aprimorar-se, errar e quando os contornos não são suficientemente perfeitos, recortar novamente até que a perfeita linha do desenho se enquadre nesse movimento.

Bakhtin definiu a enunciação como uma cadeia de diversas vozes, quando disserta sobre a polifonia em textos, trata-se exatamente dessas diversas vozes. Quando lemos *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (2018), percebemos que existe um diálogo direto com outras autoras do feminismo negro, criando essa rede e unidade de vozes importantes para a construção de uma teoria concreta, construindo a unidade necessária de fortalecimento de diversas ideias. Além disso, podemos separar algumas partes da obra, na intenção de destrinchar esses movimentos dialógicos que acontecem no texto.

Ao referenciar inúmeras situações cotidianas, midiáticas e metodológicas, Ribeiro constrói seu texto único e marcante para diversos trabalhos contemporâneos, unindo, assim, vida e obra e, da mesma forma, sustentando-se a partir da sua formação em vida com o contato feminista em suas leituras.

No mesmo sentido, cabe mencionar Simone de Beauvoir e *O Segundo Sexo* (1949). A autora traz uma enorme cadeia de autores para deles discordar ou com eles concordar. A diferença aqui presente é a contestação direta a homens construindo o pensamento e a ciência do século XX com ideias pré-definidas acerca das mulheres.

Em sua obra, Beauvoir prova que o destino feminino é marcado na própria ciência e na intelectualidade por marcadores facilmente rebatidos sobre o gênero, uma vez que se fazem a partir da noção de homens acerca das mulheres. Além disso, desconstrói a noção de gênero, uma vez que essa noção é limitante, propondo, por fim, a real liberdade feminina. É nesse ponto que situará os estudos de Judith Butler, sendo um norteador da teoria QUEER, anos posteriores.

Além disso, a teórica é responsável por outra onda, como Ribeiro na contemporaneidade, marcada por um ponto de pensamento no feminismo que demarca toda a ideologia. Ela se faz, como mencionado nos capítulos anteriores deste trabalho, como um grande impulso das vozes de outras mulheres nos diversos movimentos feministas.

Temos nesta pesquisa, portanto, duas faces da mesma luta. De um lado, uma mulher branca e burguesa que se propôs a falar em nome de todo um gênero e as determinações de tal, de outro lado, uma mulher negra, que se apropria desse estudo precursor e atualiza a teoria para a realidade das mulheres negras. Aqui, defino as marcas de minha pesquisa justificada pelo meu referencial teórico diverso, composto por pessoas trans — Judith Butler (2018), Jaqueline De Jesus (2019), Leticia do Nascimento (2021) e Tatiana Nascimento (2022), incluindo a importância dessas mulheres no debate. Seria, no mínimo, importante demarcar esse espaço enquanto me proponho a tratar de um feminismo diverso.

No entanto, apesar dessas semelhanças na propulsão de grandes ideias, existem diferenças nos pensamentos, marcados pela diferença de raça e ainda, pelas novas teorias acerca da mulher negra no mundo, que surgem conforme a discussão sobre o feminismo avança. Especialmente, quando tratamos da questão pelo viés da vivência. A opressão das mulheres, é, de fato, um fator comum nas ideias de ambas, no entanto, podemos pensar na construção de cada obra a partir de diferentes realidades. Tiphaine Samoyault define a relação da literatura da seguinte forma, “A literatura se escreve certamente numa relação com o mundo, mas também se apresenta numa relação consigo mesma, com sua história, a história de suas produções, a longa caminhada de suas origens” (Samoyault, 2008, p.9).

É nesse contexto que Djamila Ribeiro se utilizará da obra de Simone de Beauvoir, como uma inspiração teórica, para contestar suas ideias, concordar com elas, refinando conceitos. Construindo um diálogo, que por vezes, será colocado em relação com outras autoras, resultando em um texto único em cadeia dialógica.

“Fui aprendendo a falar por outras vozes, a me enxergar através de outras perspectivas” (Ribeiro, 2018, p.17). Os aspectos mencionados acima trazem a importância de um fortalecimento de mulheres estarem sempre em diálogo, de construir rede de apoio entre mulheres que se compreendem, além da importância de não legitimar opressões, principalmente não sendo parte desses grupos.

Em *O Segundo Sexo* (1949), Simone de Beauvoir, por outro lado, retratará a opressão feminina, baseada em aspectos formalmente compostos, dentre eles, a psicanálise, a biologia e até mesmo a falsa ideia acerca de repressão do corpo feminino a partir da criação da propriedade privada. A autora explicita que, mesmo nesses contextos, onde se pretende defender a ideia da liberdade feminina, existe um projeto político e de estado que reforça, até mesmo em um ideal utópico, essa repressão feminina.

Para explicitar melhor essa ideia, a pensadora reflete a valorização (ou não) da maternidade, incluindo que os interesses do estado estão atrelados economicamente à sociedade e deixando de valorizar a real importância de determinados projetos políticos, deixando de lado o que seria da alçada do feminino.

Em Djamila Ribeiro, existe a proposta de uma não-legitimação dessa opressão e esse será um tema frequentemente mencionado em suas obras, de forma geral. Aqui, portanto, trataremos de opressão, em termos iguais e diferentes. Ao retratar episódios cotidianos atrelados a racismos e machismos, a autora ensina que esses mesmos moldes determinados por Beauvoir em sua obra ainda são existentes.

Porém, é através da noção de interseccionalidade que se pode perceber que as violências são somadas e são resultantes de outras violências, sutis ou escancaradas, na sociedade. Além disso, existe, em meio aos ensaios, um gesto confessionalista que pontua o lugar de fala da autora.

Isso será explícito logo na introdução, na qual Ribeiro relatará sua experiência enquanto uma criança negra em uma escola com colegas que sempre proferiam e intensificavam esse projeto racista de sociedade. Por meio de piadas, exclusões e retaliações, até mesmo dos próprios professores. Isto é, a partir da sua experiência de vida, o que, de certo modo, moverá Beauvoir também, ela reforça a noção de *Lugar de Fala*. A formação dessa grande feminista se dá juntamente às noções de raça, o que posteriormente será palco de suas obras.

Assim, é possível perceber esse movimento intertextual, principalmente na obra de Ribeiro, provindo da atualização dos conceitos beauvoirianos. Por essa razão, analisaremos os dois ensaios mencionados acima, partindo de Ribeiro e voltando o olhar, principalmente, à presença de Simone de Beauvoir, uma vez que há citações diretas à obra da autora francesa.

No ensaio, “As Diversas Ondas do Feminismo Acadêmico”, Djamila pontua, brevemente, as três ondas do feminismo no Brasil. Sendo a primeira datada de 1922, com reivindicações acerca do direito ao trabalho sem a autorização do marido e o sufrágio feminino. Já na segunda onda, em 1970, tem-se a valorização do trabalho feminino, direito ao prazer e a manifestação contra a violência sexual.

Nesse momento, ainda, o feminismo negro começa a ganhar força. Além disso, é nessa segunda onda que *O Segundo Sexo* estará inserido. Na terceira onda feminista, em 1990, há a contestação dos paradigmas impostos pela primeira e segunda. É nesse ponto que se tem em maior presença o feminismo negro no Brasil, reforçando o que havia ocorrido mundialmente. Feministas negras reivindicavam propostas diferentes nesses momentos, questões como a autorização do trabalho não eram sequer da realidade dessas mulheres, uma vez que elas eram a base de um trabalho, principalmente no contexto escravocrata brasileiro.

Essa diferença é fundamental ao se pensar as propostas de um feminismo negro brasileiro, pois as demandas são diferentes. É por essa razão que não se fala em violência comum, as vivências são completamente diferentes umas das outras. Nessa terceira onda, ainda, surge o nome de Judith Butler contestando o modelo binário de gênero. É nesse momento que a autora associa e menciona que Beauvoir havia iniciado o assunto no aparato feminista, quando exorta sua célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se” (Beauvoir, 1949, p. 9).

Não podemos deixar de mencionar que a noção de gênero é complexa e conflituosa, uma vez que se determina, a princípio, que as mulheres são iguais. No entanto, como dito, bem marcadamente no famoso discurso de Sojourner Truth (1851), *E eu não sou uma mulher?*, quem são essas mulheres contempladas por essas noções universais de gênero? Certamente mulheres brancas burguesas. O próprio título desse momento define essa questão como sendo destoante e divergente. Mulheres negras são mulheres, mesmo que a hegemonia diga o contrário.

Beauvoir, nesse caso, será a primeira a contestar esses ideais e outros acerca da liberdade feminina. Nessa citação há a retomada da frase mais conhecida da obra francesa, pois ela considera que, justamente, como mencionamos nos parágrafos anteriores, o destino feminino não é marcado por valores fixos, como a biologia, a história e a psicanálise vinham fazendo a partir da visão masculina.

Durante toda a primeira parte de sua obra, Beauvoir contesta teorias hegemônicas que colocam o ser mulher na posição quase que de um destino marcado, ou seja, uma naturalização baseada em preconceitos acerca do gênero feminino. É nesse momento que a francesa definirá que o sexo é dado às mulheres-fêmeas, ou seja, definido a partir de condições colocadas sobre o corpo. Gênero, no entanto, é outra esfera de potencialidade.

4.1. Diálogos intertextuais

No texto intitulado “As diversas ondas do feminismo acadêmico”, Djamila, sucintamente, reflete acerca das ideias de Beauvoir:

Simone de Beauvoir já havia desnaturalizado o ser mulher, em 1949, com *O segundo sexo*. Ao dizer que “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, a filósofa francesa distingue a construção do “gênero” e o “sexo dado”, e mostra que não é possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados. A divisão sexo/gênero funcionaria como uma espécie de base que funda a política feminista partindo da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído e imposto, assumindo assim um aspecto de opressão. Essa base fundacional dual foi o ponto de partida para que Butler questionasse o conceito de mulheres como sujeito do feminismo, realizando assim uma crítica radical ao modelo binário e empreendendo uma tentativa de desnaturalizar o gênero (Ribeiro, 2018, p.46).

Nessa parte do texto, Djamila citará a célebre frase para construir uma conexão entre teóricas diferentes, dentro da mesma vertente do feminismo. É nesse ponto que ela coloca os estudos de Judith Butler, que contestará toda a noção de gênero, principalmente do ponto de vista binário. Essa, ainda, será tema da sua dissertação de mestrado, na qual ela aproxima, ainda mais, as autoras.

Ribeiro descreve, por conseguinte, didaticamente as diversas ondas e conexões do feminismo brasileiro e mundial. Pontua, assim, a diversidade nas teorias e reforça a importância de construir não somente um pensamento feminista, mas também um feminismo de ações e práticas, concordando com Patrícia Hill Collins.

A autora brasileira irá contestar a ideia de “Universalização Feminina”, pois o feminismo, até certo momento histórico, representa uma classe restrita de mulheres. É nesse mesmo sentido que o movimento exclui mulheres transsexuais, por exemplo. “Se não se nasce mulher, se ser mulher é um construto, se o gênero é performance (em termos butlerianos), não faz sentido a exclusão das trans como sujeitos do feminismo.” (Ribeiro, 2018, p.47).

Atentar-se somente aos dados biológicos vai contra toda a teoria composta por Beauvoir, reforçando a “Biologização da Mulher” (Ribeiro, 2018, p.47), que basicamente se atrela a um destino marcado e definido, como mencionamos acima. Ela ainda reforça, nesse sentido, a importância da Interseccionalidade.

Embora Beauvoir não tenha abarcado questões como aquelas concernentes às mulheres negras e trans, há um pensamento fundador nas ideias da autora francesa, que será base para essas novas teorias contemporâneas, as quais discutirão de maneira mais profunda a ideia. Essa, de fato, é a realidade de uma sociedade sem hierarquia de gênero. Ainda, Ribeiro propõe no fim do texto, uma igualdade verdadeira no movimento feminista de maneira geral:

O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários. (Ribeiro, 2018, p.47)

Djamila Ribeiro é uma autora que frequentemente reforça a necessidade de não legitimar opressões. Quaisquer que sejam elas. O ensaio, publicado, originalmente, no blog da *CartaCapital*, em 25 de novembro de 2014, expressa esse movimento de não reforçar atos

excludentes dentro do feminismo, uma vez que as mulheres são diversas e podem se construir, enquanto gênero, de maneira diferenciada.

O texto possui uma íntima relação intertextual com os pensamentos propostos por Simone de Beauvoir, que será importante no início das discussões sobre gênero, recaindo, posteriormente, sobre as diversas discussões aqui mencionadas.

Na sequência, a autora brasileira aborda a necessidade da garantia de direitos para as mulheres e reforça a importância de se pensar a relação entre política e representação, refletindo sobre “quem são esses sujeitos que o feminismo estaria representando”, uma vez que a universalização da categoria “mulheres” deveria ser combatida.

A filósofa brasileira destaca a importância de se incluir mulheres trans no debate, rejeitando a justificativa de que elas não seriam mulheres. Neste momento, Djamila evoca, mais uma vez, o *Segundo Sexo*, afirmando que a exclusão de mulheres trans do debate

reforça aquilo que o movimento tanto combate e que Beauvoir refutou tão brilhantemente em 1949: a biologização da mulher, ou a criação de um destino biológico. Se não se nasce mulher, se ser mulher é um construto, se o gênero é performance (em termos butlerianos), não faz sentido a exclusão das trans como sujeitos do feminismo. O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários (Ribeiro, 2018, p.47).

A presença de Beauvoir neste ensaio vem corroborar o pensamento de Djamila, reforçando o seu ponto de vista, como uma base teórica que é evocada. O advérbio “brilhantemente”, usado pela escritora santista, confirma a concordância de pensamentos: não se pode aceitar um destino biológico imputado à mulher.

O texto possui, dessa forma, uma íntima relação intertextual com os pensamentos propostos por Simone de Beauvoir, no que concerne às discussões sobre gênero e à construção do “ser mulher”.

Na sequência, no ensaio *Quem tem medo do feminismo negro?* (Ribeiro, 2018, p.51), Djamila traz, ainda uma vez, uma citação do *Segundo Sexo* para discutir questões relacionadas ao gênero. A filósofa explica que o feminismo negro começou a se tornar mais forte a partir da segunda onda do feminismo, ocorrida entre 1960 e 1980, logo após a fundação da National Black Feminist nos Estados Unidos. Nesse período, feministas negras começaram a escrever sobre o tema, criando uma “literatura feminista negra”.

Citando o célebre discurso de Sojourner Truth, de 1851, “E não sou uma mulher?”, Djamila afirma que a ativista já “anunciava que a situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca” (Ribeiro, 2018, p.51), que lutavam para ser consideradas pessoas.

A filósofa explica que, no Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força nos anos 1980, a partir do III Encontro Feminista Latino-Americano ocorrido em Bertiooga em 1985, o que deu origem a vários movimentos de mulheres negras e a um discurso feminista. Djamila lembra que ainda existe, por parte de muitas feministas brancas, “uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam” (Ribeiro, 2018, p.53).

E conclui, citando Beauvoir:

Enquanto feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, em vez de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, só reproduzir as velhas e conhecidas lógicas de opressão. Em *O segundo sexo*, Beauvoir diz: “Se a ‘questão feminina’ é tão absurda é porque a arrogância masculina fez dela uma ‘querela’, e quando as pessoas querelam não raciocinam bem”. E eu atualizo isso para a questão das mulheres negras: se a questão das mulheres negras é tão absurda é porque a arrogância do feminismo branco fez dela uma querela, e quando as pessoas querelam não raciocinam bem (Ribeiro, 2018, p.53).

É possível observar no excerto acima, que Djamila Ribeiro não só concorda com os pressupostos de Beauvoir no *Segundo Sexo*, como os “atualiza”, trazendo-os para discutir a questão do feminismo negro, não abordado em profundidade pela filósofa francesa.

Em seu ensaio, a escritora brasileira afirma que não se encontram obras tratando do feminismo negro e pergunta: “Para quem é esse feminismo então”? (Ribeiro, 2018, p. 53).lembrando haver várias mulheres contidas no *ser mulher* que a “tentação da universalidade” só exclui.

Djamila conclui que há várias estudiosas e pensadoras brasileiras e estrangeiras que “produzem grandes obras e reflexões”, como Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Núbia Moreira, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros Cristiano Rodrigues, Audre Lorde, Patricia Hill Collins e bell hooks. E conclui: “Nunca é tarde para começar a lê-las” (Ribeiro, 2018, p.53).

Beauvoir é citada e “atualizada” no texto brasileiro, compondo a constelação de feministas evocadas por Djamila para ilustrar seu pensamento acerca do feminismo negro. Dessa forma, ela contribui para a difusão do pensamento beauvoiriano, ao mesmo tempo em

que o torna atual e necessário para refletir sobre problemas que se passam no Brasil do século XXI.

Outros temas são adjacentes no diálogo entre Djamila Ribeiro e Simone de Beauvoir, temas esses que são comuns, tanto no debate proferido no *Segundo Sexo*, quanto nos ensaios de *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?*. Nos parágrafos seguintes, tocaremos no tema da maternidade, evocado por Simone de Beauvoir no *Segundo Sexo* e descrito como uma das prisões femininas.

Para Beauvoir, a maternidade é política e um meio de aprisionar a mulher. Esta ideia é utilizada como um controle dos corpos femininos. O corpo do *outro*, só é visto a partir do momento que cumpre determinadas funções. Foi assim que, historicamente, a relação com as mulheres se construiu e a maternidade é um meio viável para esse controle. No terceiro capítulo da parte histórica, Beauvoir explicita essa leitura feita pela sociedade e pelos homens acerca da mulher. Consiste em, basicamente, em um modo no qual a estrutura se organiza e que leva a esse controle dos corpos. A passagem a seguir, denota essa questão de maneira ampla:

Aos olhos dos homens — e da legião de mulheres que vêem por esses olhos — não basta ter um corpo de mulher, nem assumir como amante, como mãe, a função de fêmea para ser "uma mulher de verdade"; através da sexualidade e da maternidade, o sujeito pode reivindicar sua autonomia; "a verdadeira mulher" é a que se aceita como Outro (Beauvoir, 2009, p.307/308).

O ensaio a ser analisado, *Quem se responsabiliza pelo abandono da mãe?* (Ribeiro, 2018, p.85), explicita como esse olhar da sociedade pode corromper a dignidade de mulheres. Quando se trata, ainda, de mulheres negras, é ainda pior. A Interseccionalidade de fatores acontece com uma dupla violência.

No contexto trazido, Djamila relata um caso ocorrido em 2015, no Brasil, de uma mulher, que foi flagrada abandonando um bebê recém-nascido no bairro de Higienópolis, em São Paulo, dentro de uma sacola. Essa mulher passou por retaliações jurídicas e públicas e o bebê foi levado a um abrigo. Ou seja, ela foi presa, uma vez que no Brasil, o aborto é ilegal e discriminado, além do abandono de incapaz, que idem configura um crime no país.

A reflexão aqui presente, inicia-se pelo fato de que a repercussão da história gerou ataques violentos a essa mulher, “Logo choveram comentários nas redes sociais xingando-a de desnaturada, criminoso, quase assassina.” (Ribeiro, 2018, p.91). Desse modo, pode-se imaginar a quantidade de comentários misóginos acerca dessa pessoa.

Algumas discussões importantes são ovacionadas por Djamila Ribeiro. Dentre elas, a realidade da mulher, que, até aqui, guardei para dizer: se tratava de uma empregada que trabalhava no bairro, este sendo considerado de classe alta e que já tinha um filho. O questionamento principal é acerca da condição de classe social dessa mulher, que agiu unicamente, porque ficou com receio de contar aos patrões sobre a gravidez. Ela ficou com medo de ser demitida, uma realidade frequente na vida das mulheres e o que leva ao fato de que essa mulher, em outro momento de sua vida, havia sido retaliada, afinal, ela não se sentiria assim se isso não fosse nada dito.

Aqui, instaura-se um debate importante sobre o abandono de mulheres. A sociedade espera que essas cuidem de seus filhos e se responsabilizem por um problema social que é de incumbência do estado. Nas palavras de Beauvoir, que citou inúmeras vezes o problema da relação entre os corpos femininos e a da maternidade, “Todo o organismo da fêmea adapta-se à servidão da maternidade e por esta é comandado, ao passo que a iniciativa sexual é apanágio do macho.” (Beauvoir, 2009, p.41). O problema ocorre que, a saúde pública não permite que mulheres abortem e possam interromper suas gravidezes.

Além disso, ao mencionarmos a condição da mulher, esta não pode ter o sonho ou a realização de ser mãe, porque as condições impedem que ela tenha liberdade para exercer suas vontades. Em suma, a mulher é castrada de todos os direitos que lhe interessam, inclusive em determinados cenários, há aqueles que concordam com as premissas do patriarcado. A saber, se a mulher quer ter filhos, isso dependerá de muitos fatores, basicamente, apenas mulheres brancas e burguesas podem realizar-se. Incluo, ainda, o debate do trabalho que frequentemente desloca mães do ambiente, unicamente por serem mães.

Diante disso, Djamila evoca problemas que não são visionados a princípio, por exemplo, o abandono paterno, o qual acontece frequentemente no país e não é questionado. Ela diz:

As pessoas que julgam e apedrejam essa mulher nem sequer se questionam sobre a violência à qual foi submetida. Imagino o que ela sentiu durante a gestação, com medo de ser descoberta. Imagino a angústia e a solidão ao dar à luz sozinha. Questiono a ausência do pai nessa situação. Ele também não deve ser responsabilizado pelo abandono? (Ribeiro, 2018, p.86).

Portanto, a autora brasileira entende questões de classe, de raça, misóginas e machistas relacionadas ao não-questionamento da posição do pai e dos problemas da maternidade. Posteriormente, na obra, ela escreve o ensaio, *E Se Sua Mãe tivesse te abortado?* (Ribeiro, 2018, p.95), é possível que entendamos ali a sensibilidade da escritora no mundo que ocupa e sua consciência do debate político acerca da maternidade e do aborto. Ela

ressalta um momento importante entre ela e sua mãe, que julgo pertinente trazer a esse debate. No ensaio em questão, ela descreve os ataques que recebeu por ser favorável ao aborto e o título se trata de um comentário feito por uma seguidora. É a partir disso que ela discorre poeticamente sobre o abandono do estado. Na passagem, ela relata uma conversa onde sua mãe assume ter pensado na possibilidade de interromper a sua gestação. Ambos ensaios tratam a respeito da maternidade. Ela, pertinentemente, diz:

Na época em que me contou, eu não soube muito bem o que dizer a ela, mas minha mãe se libertou depois daquela conversa e passamos a ser mais próximas. Ela morreu quando eu tinha 21, mas hoje, também sendo mãe, se pudesse diria mais coisas. Diria que entendo o medo dela de ter mais uma filha com diferença de um ano para a última; que, apesar de amar meu pai e de ele ter sido ótimo pra mim, entendo o quanto ele foi machista com ela; que entendo que vivemos em um país onde o Estado controla o corpo das mulheres, de modo que elas precisam passar por situações de descaso e desespero. Eu diria que sei que mulheres negras são as maiores vítimas de mortalidade materna e que o racismo institucional na área de saúde ainda mata mulheres como ela diariamente. E abraçaria minha mãe de novo para tentar extirpar todo o medo e toda a angústia que ela sentiu durante minha gestação, além da culpa que carregou sozinha por dezesseis anos. Talvez este texto também pudesse se chamar “Carta póstuma à minha mãe”. Acima de tudo, eu ia olhá-la com ternura nos olhos e dizer: “Mãe, não há o que perdoar. O Estado sabe muito bem o que faz” (Ribeiro, 2018, p. 96/97).

“O Estado sabe muito bem o que faz”, é esse o posicionamento que define a teoria proposta por Beauvoir. Ambas as mães passam por esse processo violento do patriarcado, que obriga corpos a exercerem a maternidade. A sociedade privilegia homens, quando aprisiona as mulheres nesse lugar e os favorece, mimando-os. Ela trata os homens como eternos meninos ingênuos que sequer podem exercer a paternidade. Salvo exceções, a taxa de abandono paterno no país, ultrapassa 5% da população, isso em 2025, “Em 2025, dos 1.266.679 nascimentos registrados no Brasil, 65.059 (5%) ocorreram sem a filiação paterna” (Ceará, 2025, p.1).

Discutido todos esses pontos, podemos elencar que existem inúmeras abordagens para se pensar a questão, mas o ponto principal do debate, refere-se à citação direta de Djamila Ribeiro à Beauvoir, justamente para mencionar a responsabilidade masculina na questão. O dado reforça que esse padrão é intocável e será dificilmente alterado. Desse modo, essa artimanha do patriarcado reflete a dificuldade da transcendência feminina. Ribeiro evoca Beauvoir:

É uma demonstração do quanto as construções sociais privilegiam os homens e criam valores que colocam a mulher num lugar de quase impossível transcendência, para usar um termo de Simone de Beauvoir. Desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães. Divulgam uma ideia romântica de maternidade e a enfiam goela abaixo, naturalizando esse lugar. Mais além, cria-se a culpa (Ribeiro, 2018, p.86/87).

A referência aqui, dialoga com a autora francesa por meio de uma alusão, uma citação indireta a uma passagem ou ao trabalho de outro escritor. Gérard Genette definiu o movimento da intertextualidade como uma das relações transtextuais, “como uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro” (Genette, 2006, p.14). É nítida a presença do texto de Beauvoir em Djamila Ribeiro. Especificamente, quando se fala da *transcendência*, ela alude a um conceito dissertado durante a maior parte da obra de *O Segundo Sexo*, porém, ressalto aqui, uma passagem que resume a dominância masculina sobre o corpo feminino ao mencionar uma prevalência de estratificações sobre a liberdade feminina. Beauvoir diz:

Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir-se em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida (Beauvoir, 2009, p.16).

Nessa passagem, há opiniões concordantes. Aliás, julgo dizer que, nesses textos, as autoras vão concordar amplamente do ponto de vista da não-transcendência feminina. É nesse momento que, por meio da alusão, a intertextualidade acontece. Traz, por meio da memória dos conceitos beauvorianos, uma reflexão sobre patriarcado.

Samoyault (2008), em seu livro sobre a intertextualidade, exprime a relação dialógica proposta por Bakhtin e define como o texto sendo “o lugar de uma troca entre pedaços enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir de

textos anteriores” (Samoyault, 1999, p.18). Ela ainda ressalta, os efeitos da leitura como algo, “Levando em conta aspectos ao mesmo tempo teóricos e críticos, ambos fazem dela uma dimensão importante da leitura do texto literário” (Samoyault, 1999, p.23).

O que acontece na referência à Beauvoir é um gesto de leitura de Djamila Ribeiro. Dessa forma, ela se apropria de uma teoria, no caso, o que a francesa disserta sobre a transcendência e relaciona com um evento cotidiano. Para além dessas relações, Ribeiro debate o contexto atual mediante sua concepção de uma leitura de outrora.

A conexão final, que casa com o pensamento de Beauvoir, é a finalização, com tom opinativo de Djamila, mas que ela sintetiza sua posição como leitora, mesmo indiretamente, “Quem se responsabiliza pelo desespero dessa mulher? Sim, ela abandonou a filha, mas já havia sido abandonada muito antes pelo pai da criança, pelo Estado e por uma sociedade cruel e hipócrita” (Ribeiro, 2018, p.87).

O quarto ensaio discutido, se denomina, Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites dos outros (Ribeiro, 2018, p.91). Nesse texto, Djamila evoca o que ela denomina um “show de horrores”. A prova Nacional do Ensino Médio (ENEM), no ano de 2015, trouxe a frase fundadora, supracitada aqui, “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2009, p.9), que é o fundamento das teorias da autora francesa. Isso é, trata-se de todo um sistema que controla corpos femininos, sem questionar a diversidade do termo “ser mulher”, ser é um tornar.

O fato de a frase ter sido colocada em um exame de alto alcance no país, é um gesto revolucionário, especialmente, porque, mesmo passados quase 80 anos (em 2029), as discussões propostas por Beauvoir ainda são problemas da estrutura social, além de que Djamila evoca tais questões.

A frase se relacionava com o tema da violência contra a mulher, “Ela trazia uma frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir, e o tema da redação, relacionado à persistência da violência contra a mulher” (Ribeiro, 2018, p.91), e pensemos brevemente sobre como é importante relacionar a ideia a um tema urgente na sociedade. A violência contra a mulher se dá pela sensação de que homens podem dominar mulheres, inclusive as agredindo. Por essa razão que se denota a importância de leis e debates que discutam a questão, além de que, entende-se que o “tornar-se mulher” está atrelado à submissão dessa categoria.

O problema surgiu fora da prova, quando pessoas que fazem parte de meios importantes, a política e a mídia, criticaram a inserção do debate na prova e isso nos gera um cenário curioso.

Djamila ressalta que o primeiro a se manifestar foi o deputado Marco Feliciano e aqui imediatamente temos algumas ligações importantes no debate, para além de só um machismo explícito. Ela diz:

Em sua página de Facebook, o deputado Marco Feliciano desaprovou a questão. Disse se tratar de tentativa de doutrinação e completou: A primeira pergunta apresentado na prova do Enem [sic] deste sábado versa sobre um assunto em que em todas as esferas legislativas de nosso país foi vencida e jogada no lixo, a teoria de gênero, algo que sutilmente tentaram nos inculcar de forma sorrateira e rechaçada pelos parlamentares eleitos democraticamente pela maioria da população e que todas as pesquisas apontam como maioria de fé cristã e conservadora. [...] Essa frase da filósofa Simone de Beauvoir é apenas opinião pessoal da autora, e me parece que a inserção desse texto, uma escolha adrede, ardilosa e discrepante do que se tem decidido sobre o que se deve ensinar aos nossos jovens (Ribeiro, 2018, p.91/92).

Inicialmente, percebemos a atenção da autora ao trazer o contexto de análise das redes sociais, aqui está o fator mencionado acima, neste trabalho, acerca dessa relação de Ribeiro com esses meios e a forma como exalta o debate em um livro tão diverso. Por se tratar de uma realidade comum às pessoas, a linguagem e a comunicação são acessíveis, uma vez que utilizam dessa cotidianidade. Sobre Feliciano, o fato de ser uma figura política e religiosa, dialoga com o debate de que a igreja é uma forte influência na dificuldade de transcendência das mulheres.

Frequentemente, líderes desses espaços, geralmente homens, são precursores de discursos que limitam a liberdade da mulher. Em suma, falar sobre gênero é algo que incomoda, porque será falado sobre mulheres e falar sobre elas ainda é um tabu, mas e os homens? Na opinião do deputado, isso está explícito em duas únicas palavras, “teoria de gênero”, atrelado à liberdade feminina, no entanto, privação em decorrência da masculinidade não é, sequer, um tópico mencionado. Quando é dito sobre uma teoria de gênero, é relacionada a um grande problema, uma corrupção social dos jovens, uma acusação que se utiliza do discurso da imoralidade. A frase da autora, no entanto, é pautada na moralidade e ética de como mulheres são tratadas, o que demonstra a desinformação do deputado em questão.

Djamila traz, ainda, outras opiniões de homens que ousaram opinar sobre a questão. Dentre eles, os mais conhecidos por expressarem opiniões misóginas, Danilo Gentili e Léo Lins. Sobre o último, vale ressaltar que o mesmo é condenado na justiça por inúmeros comentários atacando negros, mulheres, nordestinos, dentre outros. Suas piadas, que, na

verdade, são opiniões, não passam de falas carregadas de preconceitos. Apesar da condenação do criminoso vir somente 10 anos após esse texto de Djamila, ela já denunciava os absurdos proferidos por esse ser humano. O que deixo abaixo, é uma denúncia, porque seria hediondo trazer essa passagem sem quaisquer contextos dentro de uma dissertação. Há exatos 10 anos, humoristas desse nível, diziam:

Já escrevi sobre como o humor não está descolado dos valores da cultura, e o convidado de Gentili, Leo Lins, só comprovou isso ao dizer: “Eu já li que a cada doze segundos uma mulher sofre violência no Brasil, mas estou escrevendo a redação há trinta e não vi nenhuma apanhando”. E depois: “Também é preciso ver quem fez a pesquisa... como saber se o sangue é de violência ou ciclo menstrual? Afinal, o sangue que sai de um corpo é o mesmo, não importa o buraco”. E coisas do tipo. (Ribeiro, 2018, p.92)

Começamos essa dissertação debatendo a necessidade urgente de se falar sobre a violência contra a mulher. Beauvoir tocou temas como esse ao destrinchar acerca da condição de dominância que se tem sobre as mulheres, mas o que é mais chocante, é saber que comentários desse tipo ainda são feitos mascarados de piada.

Esses e outros comentários que, são, nada mais do que a prova do incômodo que se tem ao falar sobre a mulher, foram mencionados por Ribeiro no ensaio. Podemos dizer que, minimamente, há um avanço, quando, 10 anos depois, o humorista é condenado. No entanto, ainda existe um atraso social ao pensar no fato de que a obra de Simone de Beauvoir é amplamente criticada por estar ligada ao feminismo.

Nesse texto, diferentemente do anterior, temos a citação direta a Beauvoir, utilizando-se da frase e ainda, debatendo a importância e afinidade com a leitura de *O Segundo Sexo*:

As duas declarações faziam referência à célebre frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Para quem estuda Simone de Beauvoir, como eu, foi uma alegria ver uma questão sobre sua obra numa prova de alcance nacional. Beauvoir foi uma intelectual importante que, ao lançar *O segundo sexo*, em 1949, colocou a mulher no centro do debate e rompeu com uma tradição filosófica que a mantinha invisível ou vista a partir do olhar do outro. Na época, Beauvoir não se entendia como feminista ainda, e pensava a categoria de gênero por uma perspectiva existencialista. Como afirma Margaret Simons, uma das maiores especialistas na autora, posteriormente a obra adquiriu um caráter fundamentalmente político. Estudar Simone de Beauvoir é de suma importância por conta de suas grandes contribuições filosóficas. Colocar a famosa frase de Beauvoir como “opinião dela” mostra o total desconhecimento de Feliciano de como funciona um sistema filosófico. Maldita doxa, diriam os gregos. Fora isso, houve uma tentativa de querer destruí-la como ser humano em vez de

questionar científica e politicamente sua obra dentro das condições históricas a qual estava submetida. Tanto Feliciano como Marum podem discordar do pensamento dela, mas que tenham competência crítico-argumentativa para fazê-lo, em vez de destilar machismo e burrice. Beauvoir realizou um estudo sério. Se for para criticá-lo, ao menos que o façam de forma séria e embasada. Não se pode impedir nem rebaixar a reflexão crítica, claro. O que Beauvoir quis dizer com a frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” não é de difícil entendimento. A filósofa francesa distingue entre a construção do gênero e o “sexo dado”, mostrando que não seria possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados. Simples, não é? E faz todo o sentido, porque o ser mulher se impõe; há uma imposição social de como as mulheres devem se comportar (Ribeiro, 2018, p.91).

Djamila demonstra, nesse momento, a profunda afinidade com a leitura, mas da mesma forma ressalta um debate essencial: homens, utilizando frequentemente da má-fé, atacam a integridade da mulher atingindo sua essência e vivência, sem terem a capacidade de criar uma comunicação crítica. A discordância é tida como ataque, pois se sentem confortáveis em ocupar o lugar hegemônico da sociedade, especialmente quando falamos do homem branco, cis, hétero.

Nesse momento, a transtextualidade que constrói o argumento de Ribeiro acontece por meio do resgate alusivo à Margaret Simons, grande estudiosa de Beauvoir e a própria frase de *O Segundo Sexo*, como mencionamos acima. Além disso, traz pelo gesto alusivo suas leituras em relação às críticas à prova do ENEM. Na época, foram expressivas e polêmicas, como fica visível na opinião da autora. Existe ainda, o movimento de resposta, classificado como um movimento dialógico (Bakhtin, 1929) da escrita da autora brasileira. Diferentemente dos humoristas mencionados, a autora evoca a discussão crítica do assunto.

Por fim, há uma expressividade na opinião de Ribeiro ao trazer sua leitura de Beauvoir e colocá-la em destaque mediante tantos comentários ofensivos. Ao leitor que realiza a leitura rever o termo desse texto, é compreensível essa afinidade. Mais uma vez, por meio de uma simples linguagem, tem a capacidade de dialogar com muitos públicos (Exceto àqueles que se utilizam do ataque para debater).

No quinto ensaio a ser analisado, pode-se perceber o movimento notável de constante diálogo com Beauvoir. Denominada “Feminismo Negro para um novo marco civilizatório” (Ribeiro, 2018, p.122) publicada, a princípio, e diferente das outros ensaios trazidos nessa dissertação, na *Revista Internacional de Direitos Humanos* em novembro de 2016 e, posteriormente, escolhida para compor o livro *Quem tem medo do feminismo negro*. A revista SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos, reconhecida no meio científico,

busca publicar artigos e crônicas referentes aos diversos temas dos direitos humanos. Publicada em 2004, busca contribuir com a agenda global dos direitos humanos, sendo um espaço ideal para a discussão do feminismo negro.

Nesse texto, Djamila irá contrastar grandes nomes do feminismo negro, colocando-os em diálogo com Beauvoir. Ainda, como o próprio título sugere, nesse capítulo, Djamila trará a importância do debate acerca do Feminismo Negro.

No início, contamos com uma epígrafe de bell hooks que caminha no mesmo sentido do texto de Djamila. Para a Literatura, as epígrafes contêm, exatamente, esse sentido inicial de, a partir de uma referência direta, começar uma discussão acerca de determinado tema. Em suma, a autora discutirá a diversidade de discussões no movimento feminista negro e ressaltará debates principais nesse momento. Nas palavras de Djamila:

Essa citação de bell hooks sintetiza a importância do feminismo negro para o debate político. Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existência. Além disso, o arcabouço teórico e crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas sobre o modelo de sociedade que queremos (Ribeiro, 2018, p.122/123).

A partir dessa ideia, pode-se notar, em resumo, tudo que será ressaltado dentro deste capítulo. Além de retomar o debate da Interseccionalidade, mencionando o entrecruzar de opressões, ela novamente coloca em jogo a política da visão de gênero na sociedade, reforçando, posteriormente, trazendo o nome da principal pensadora acerca do tema, Kimberlé Crenshaw.

É nesse diálogo com outras autoras, Djamila propõe “um novo marco civilizatório”, não somente para as políticas públicas e para a sociedade, mas para todas as vertentes feministas de maneira geral. “Mulheres negras vêm historicamente pensando a categoria ‘mulher’ de forma não universal e crítica, apontando sempre para a necessidade de se perceber outras possibilidades de ser mulher” (Ribeiro, 2018, p.123).

No parágrafo seguinte, Djamila menciona Angela Davis e o saudoso livro, *Mulheres, Raça e Classe* (1981), à qual Ribeiro foi responsável por escrever o Prefácio à edição brasileira. Davis, pensadora negra e feminista, nos leva a refletir a importância de pensar todos os modos da mulheridade na sociedade, pensando nos formatos de gênero (mulheres), nas questões raciais (raça) e nos atravessamentos sociais de cada uma (classe), propondo, portanto, pensar de maneira interseccional acerca da realidade de mulheres negras.

Muito antes de se cunhar o termo, Davis pensou em todas essas demarcações do ser. Assim, a proposta, portanto, como a própria Djamila Ribeiro nos traz é que “ela enfatiza a importância de utilizar outros parâmetros para a feminilidade e denuncia o racismo existente no movimento feminista, além de fazer uma análise anticapitalista, antirracista e antissexista.” (Ribeiro, 2018, p.123)

Quando Djamila Ribeiro propõe que não se legitime a opressão em nenhuma circunstância, o debate é profundo. A Interseccionalidade é um dos pilares dessa discussão, por essa razão, se faz importante esse capítulo do livro, uma vez que o debate acerca do feminismo negro é cunhado nas bases das discussões sobre o tema.

Pensar interseccionalmente é romper com bases pré-definidas da estrutura social e política da sociedade. Desse modo, na proposta de um feminismo antirracista, anticlassista, deve-se pensar que não é possível discutir violências de maneira isolada. Basicamente, o que nos propõe a Interseccionalidade.

Nesse texto, ainda, Djamila explica, de maneira histórica, que a partir do *III Encontro Feminista Latino Americano*, ocorrido em Bertioga, surgem diversos movimentos e coletivos para o debate do feminismo negro no Brasil. É em 1980 que o movimento ganha força. Nesse sentido, surge o nome de Lélia Gonzalez, que propõe que a mulher negra seja centro do debate, uma vez que a valorização da hegemonia branca é a valorização que a sociedade sustenta.

Segundo as palavras da própria Djamila, a autora propõe tal debate, uma vez que essa construção hegemônica e racista desse modelo se dá pela ciência e por uma superioridade euro-cristã. O feminismo, portanto, acaba por seguir os mesmos “moldes brancos” por muito tempo. É nesse contexto que podemos pensar toda a história feminista, outrossim mencionada nesta dissertação, e porque, por muito tempo, mulheres negras não eram pautas dos debates feministas. Djamila resume nesse sentido:

Dentro da mesma lógica, a teoria feminista também acaba incorporando isso e estruturando o discurso das mulheres brancas como dominante. Assim, contradiscursos e contranarrativas não são importantes somente num sentido epistemológico, mas também no de reivindicação de existência. A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados (Ribeiro, 2018, p.124).

Essa ausência da inclusão da mulher negra no debate construiu, na história do feminismo geral, esse ideal racista, segundo o qual a mulher branca tem seus direitos

questionados e validados, mas a mulher negra não. Por essa razão, os problemas das mulheres negras não são sequer nomeados, mas graças às feministas negras, que reivindicaram esse direito, pode-se incluir essas mulheres na pauta e no debate. É reforçando a exclusão, o silenciamento e afastando-as do debate que se tem um feminismo pautado em ideais racistas.

Durante toda a história, a luta para que elas equitativamente fossem reconhecidas dentro dos parâmetros de “mulher” foi intensa e pautada em debates que fossem entre a escrita e vida. Bem como nos propõe a teoria da intertextualidade, segundo a qual a literatura mantém uma profunda relação com o meio social, a escrita, a história e a vivência. Essas mulheres não só interseccionaram suas vivências em suas escritas, como também fizeram desse movimento intelectual, um movimento intertextual.

Adiante na análise do ensaio, Djamila pautará a questão do silêncio da mulher negra - sempre reforçado - e debate que é importante que elas não se calem, pois é a partir desse silenciamento que esses grupos são cada vez mais marginalizados, por isso é importante dar voz aos oprimidos, superar os níveis do debate, da intelectualidade. Trata-se, da forma de opressão mais agressiva: tirar a voz de quem precisa se comunicar, negar a comunicação e a expressão de suas vivências.

Mais uma vez, o feminismo compactua com essa ideia, por ser construído, como reforçamos acima, perante ideais hegemônicos. A mulher branca, portanto, é o “não-homem, branca”, porém o homem negro, é o “não-mulher, negro”. Fica visível, nessa ideia, que existe uma rejeição do conceito de mulher, no entanto, o problema de raça é um fator importante nessa discussão.

Em seguida, em concordância com essa noção, Ribeiro traz Grada Kilomba e é nesse espaço que discutiremos sua teoria em resposta à citação, colocada pela autora, à teoria de Simone de Beauvoir. Ribeiro explicita:

A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática, que não negue identidades em detrimentos de outras.

A pesquisadora Grada Kilomba afirma: Por não serem nem brancas nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supracista branca. Representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não

são nem brancas nem homens, e exercem a função de “outro” do outro (Ribeiro, 2018, p.125).

Desse ponto de vista, podemos afirmar que a autora lisboeta discorda, como mencionado por Ribeiro e aludido posteriormente, da teoria de Beauvoir. No entanto, existe a sensibilidade de olhar para a questão de maneira interseccional, ao retratar problemas de gênero e raça.

Nesse aspecto, parece ter havido uma atualização da teoria de Beauvoir, visto que ela inaugura a ideia de que a mulher é sempre um ser de rejeição na visão do homem. Toda a teoria de *O Segundo Sexo* (1949) trará comprovações científicas, filosóficas e políticas de como a mulher é colocada nesse lugar de rebaixamento. No entanto, como problematizamos acima, a francesa traz a ideia da categoria universal de mulher, sem considerar os aspectos de raça.

Essa será a categoria questionada pelo feminismo negro posteriormente. Isso envolve um movimento intertextual, considerando que Beauvoir sensibilizará a questão a partir do seu ponto de vista de uma mulher branca, burguesa e francesa. Tais atravessamentos são importantes de serem pensados, pois Kilomba discorda de seu pensamento, no entanto, não nega essa rejeição do gênero, mas acrescenta os problemas relativos à raça.

Existe, além disso, a atualização do conceito de “outro”, trabalhado profundamente na teoria de Beauvoir. Kilomba traz a mulher negra como “o outro do outro”, resgatando esse olhar sensível, para a condição da negritude na sociedade. O racismo pode ser universal, portanto, pode-se dizer que ele acontece em todas as esferas e em diferentes lugares, mas de fato deve ser uma prática condenável. Kilomba, portanto, atualiza, em termos diferentes, que existe sim uma reciprocidade entre “mulher branca, homem branco e homem negro” (Ribeiro, 2018, p.126).

A respeito da citação de Beauvoir na obra de Ribeiro, finalmente, trata-se, justamente, dessa condição e definição do outro. A Alteridade presente entre os gêneros, é de fato uma condição dessa desigualdade, no entanto, esse tópico retratado por Beauvoir é acrescido por Kilomba na relação de raça, além da demonstração da condição de um gênero em relação ao outro, podemos verificar a relação colocada entre pessoas de cores diferentes também. O caráter trazido pela francesa é universal, diferente dos suscitados por Grada Kilomba:

existe um status oscilante que pode permitir que a mulher branca se coloque como sujeito. Mas Kilomba rejeita a fixidez desse status. Mulheres brancas podem ser vistas como sujeitos em dados momentos, assim como o homem negro. Já Beauvoir diz:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição de outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. (Beauvoir 2018 in Ribeiro, 2018, p.126).

Beauvoir traz, dentro dessa citação, a noção de liberdade feminina, que é frequentemente castrada por sujeitos homens. Nessa menção, pode-se resumir o que a autora destrincha em ensaios posteriores do livro, ao expor as políticas acerca do corpo feminino. Isto é, ela demonstra como são institucionalizadas de maneira científica e política tais questões.

Nesse aspecto, ainda, Beauvoir coloca a teoria da mulher como o Outro, que não é totalmente rejeitada por Kilomba. O passo da análise se dá pelo fato de que a segunda tratará da questão com a sensibilidade de olhar para as questões raciais, importantes para se pensar na não-universalidade da mulher. Além disso, Kilomba questionará as noções de gênero de maneira geral, uma vez que homens da mesma forma não se encaixam nessa universalidade, quando se trata das questões raciais que os atingem.

Deste modo, Djamila une dois conceitos importantes para as teorias feministas e visibiliza a condição das mulheres negras. Sendo assim, o feminismo negro se faz importante para novos marcos na sociedade, na política e na ciência. Ainda que atualmente, a sociedade carregue problemas entre a relação de gênero e raça, estabelecer esse novo marco, determina uma sociedade livre de desigualdades. Ela finaliza unindo ambas as questões e conjurando com a teoria de Kilomba:

Reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras. Para Kilomba, ser essa antítese de branquitude e masculinidade impossibilita que a mulher negra seja vista como sujeito. Nos termos de Beauvoir, seria a mulher negra, então, o outro absoluto. Tanto o olhar de homens brancos quanto de negros e de mulheres brancas confinaria a mulher negra a um local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado. Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório (Ribeiro, 2018, p.126/127).

Para a autora, ao aludir a ambas pensadoras, existe uma importância prática de se pensar o feminismo. O movimento de comparação aqui é feito de maneira respeitosa em ambas críticas. Apesar de Beauvoir não abarcar em suas reflexões essas realidades da mulher negra e do homem negro, em suas teorias, outras autoras posteriores, entraram em diálogo com a francesa e puderam repensar a questão, sem desconsiderar que o trabalho igualmente demonstrou importância na sociedade.

Como analisamos nos dois ensaios, há uma diferença ao trazer as ideias da francesa para o debate nacional do feminismo e do feminismo negro. Por vezes, podemos contar com a evocação de autoridade, em textos nos quais Djamila se apoia nas ideias de Beauvoir e, por outro lado, existe uma certa contestação, como vimos acima na relação entre Beauvoir e Grada Kilomba.

O que foi evocado de maneira diferente no primeiro texto. Djamila, na sequência, coloca ambas autoras em reflexão, atualizando as ideias Beauvoirianas no feminismo negro, assim, contestando as ideias. A existência comum das ideias feministas, está na alteridade de gêneros, no entanto, não nas questões relativas à raça.

Em 1949, quando a autora francesa publica *O Segundo Sexo*, existe uma reflexão que antes não era despertada. Justamente porque se faz como ideia fixa a noção de mulher, gênero e condição feminina. Portanto, existem aqui, semelhanças e diferenças, uma vez que muitas dessas reflexões, permaneceram na história. O importante aqui, se faz entender que o debate se atualiza para questões importantemente contemporâneas.

O trabalho de Djamila Ribeiro deve ser vivo, pois, como vimos acima, é rico em publicações e diálogos com a sociedade. Valorizar o trabalho de uma pensadora mulher, filósofa, acadêmica e, principalmente, negra, que suscita a comparação com sua história de vida, é apoiar o trabalho de mulheres — tão importante para o debate feminista e para a construção de um feminismo antirracista.

As análises apresentadas buscaram contribuir com a recepção literária de ambas autoras no Brasil e colocar em evidência a possibilidade da leitura literária desses trabalhos, uma vez que, estando em periódicos, sendo ensaios e tocando a sensibilidade do leitor e da leitora no que concerne a questões intimamente relacionadas a vida humana, se faz um alibi da literatura e da literatura comparada.

SEÇÃO V — CONCLUSÃO

A conclusão que faço deste trabalho chega carregada das histórias dessas mulheres que experimentam ousar contra a hegemonia, cada uma em sua época, e que usaram da literatura para aumentar a própria voz e dar visibilidade a voz de outras mulheres. Minha pesquisa se soma a delas para que pensemos cada vez mais acerca da importância da discussão feminista em todos os âmbitos. Essa dissertação ousou perfurar os muros da universidade, bem como Djamila Ribeiro ao inserir duas autoras mulheres no cânone da filosofia. Com isso, espero que a literatura possa cada vez mais ser esse lugar da contra-hegemonia, valorizando obras que são a fonte da expressão e da luta. Esse projeto mesclou o que a literatura tem de mais importante: formação, ativismo, arte, sentimentos, vivências e escritas, mesmo que não-ficcionais.

Finalmente, pudemos perceber que a literatura pode tocar o mais profundo do ser e ainda discutir sobre pautas importantes da sociedade. Além disso, alinhada a outras teorias, constrói-se um aparato essencial para essas discussões.

É importante que nunca deixemos de aprender e refletir sobre nossas ações na sociedade, principalmente no que diz respeito ao antirracismo e feminismo. O apagamento de mulheres negras no decorrer da história mundial é profundamente explícito e cientificamente apurado, uma vez que inúmeras figuras tiveram importância em momentos históricos onde homens sempre foram protagonistas. Por essa razão, reforçamos a necessidade de colocar em debate a questão racial. Como vimos nas análises comparativas realizadas, mesmo Djamila publicando denúncias graves em 2015, o racismo renasce em 2025. 10 anos não são nada, ao mesmo que muito, perto dessa história de apagamento; por isso, é importante que estejamos todos alinhados, para construirmos uma sociedade livre de dominâncias; um lugar de respeito. Que as pessoas brancas sejam as mais vigilantes nesse cenário.

Compreendo que as diversas *Narrativas Femininas* importam para a construção dos feminismos. As *Narrativas Negras* refletem união, aquilombamento, proteção e visibilização. Pudemos compreender, da mesma forma, que as narrativas de mulheres negras estão presentes na Literatura (Audre Lorde, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo), na Filosofia (Djamila Ribeiro), no Direito (Kimberlé Crenshaw), na História (Lélia Gonzalez), na educação (bell hooks).

Esperamos que o feminismo seja um lugar de valorização de corpos diversos e isso não acontecerá sem uma postura antirracista e anti-misógina. Esperamos, ansiosamente, que o debate feminista contemple a realidade de todos os corpos, mulheres negras, trans, lésbica, do sul global, imigrantes, pobres, trabalhadoras, exploradas, subalternas — dentre tantas outras realidades que, por muitas vezes, são interseccionadas e somadas. Quando se trata da escrita feminista, é uma subversão à hegemonia e pelo seu aspecto social-político, pode caminhar junto a luta.

Esse é o papel crítico da Literatura, refletir questões complexas e que no ato da leitura, envolvem o seu leitor ao ponto de não somente refletir sobre as questões levantadas, como ainda, rever seus atos, perante à sociedade. Utilizar-se dos recursos literários, possibilita uma ampla discussão, que pode ser tão efetiva ao ponto de que a voz social seja sobressalente a voz do estado.

Foi através da intertextualidade e de uma leitura comparada que pude perceber a importância do papel de Simone de Beauvoir nos ensaios de Djamila Ribeiro. Ela é a precursora da visibilidade de mulheres em uma época que sequer tinham opiniões. Simone nos demonstra que foi criado um imaginário feminino que afeta mulheres desde ações mais simples até as mais complexas, ocasionando, inclusive, violências de gênero. A autora nos ensina que a arrogância masculina criou nos homens a sensação de que tudo é possível no corpo da mulher. Mas estamos aqui para lembrá-los que não, isso não é possível, a autonomia das mulheres será cada vez mais reivindicada, uma vez que o feminismo permanecerá de pé.

Para Djamila Ribeiro, essas questões são atualizadas na vivência da mulher negra. Ela evoca Simone de Beauvoir para pautar debates semelhantes, mas atualizados, uma vez que essa lacuna foi deixada nas obras da francesa — mesmo que revolucionária. O papel de Beauvoir é, assim como nas leituras de Ribeiro em relação a ela, um alicerce dessas discussões sobre a transcendência e o debate complexo acerca do eterno feminino. Os conceitos pensados por Simone denotam as discussões futuras de Djamila.

Por fim, que mantenhamos a memória dessas duas intelectuais vivas e que o debate continue dialético, construindo novos diálogos feministas. A luta continua por espaço, igualdade, liberdade econômica, sexual, política e de opinião. Que as opiniões dessas mulheres diversas — corpos — trazidas neste trabalho, parem de matá-las.

Complexo dizer isso, mas importante ao mesmo tempo. Esse trabalho buscou, de maneira feminista, pensar as muitas condições das mulheres na sociedade. Finalmente, espero que ele possa contribuir com as muitas discussões que estão por vir.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Chimamanda aconselha jovens negras: 'Não peçam desculpas por serem vocês mesmas'. [Entrevista concedida a Djamila Ribeiro]. Chimamanda Ngozi Adichie, *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2025/11/16/em-entrevista-a-djamila-ribeiro-chimamanda-aconselha-jovens-negras-nao-pecam-desculpas-por-serem-voces-mesmas.ghtml>. Acesso em 12 fev. 2026.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. O ensaio como forma. **Notas de Literatura**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 57 p. : il.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2019. (Coleção Feminismos Plurais);

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Nos riscos da alusão. Tradução de Ana Vaz e Doris Arruda Carneiro da Cunha. **Revista Investigações**, Recife, v. 20, n. 2, jul. 2007;

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Prefácio de Roman Jakobson**. Apresentação de Marina Yaguello. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. Problemas da obra de Dostoiévski (Versão de 1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2022. 381 p.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2002;.

BARTHES, Roland. O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004c. 225p.

BASTOS, Alessandro Cerqueira. Djamila Ribeiro como intérprete do Brasil ou sobre as interpretações nacionais desde um ponto de vista feminista negro. *Revista Outras Fronteiras*, Cuiabá-mt, vol. 8, n.2, ago./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/issue/view/25>. Acesso em 12 fev. 2026.

BEAUVOIR, Simone de. A Força das coisas. 2ªed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Heloísa Buarque de Hollanda. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. Porque me considero uma feminista? Entrevistador: Jean Louis Servan Schreiber. Entrevista concedida no programa de televisão "Questionnaire" em 1975. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/2017/01/16/simone-de-beauvoir-fala-a-tv-em-1975-ser-mulher-nao-e-um-dado-natural/>. Publicado em 16.01.2017. Acesso em janeiro de 2025.

BERND, Zila. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Minas Gerais, n.23, 2013.

BORDIEU, P.; Passeron, J-C. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 1978. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 3ª ed.;

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. “Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade”. In. BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Orgs.). *Traduções da cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)* Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p. 661-684.

BRASIL, Senado Federal. Violência contra a mulher: DataSenado revela 3,7 milhões .Brasília, DF: Senado Federal, 2025. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2025/11/violencia-contra-a-mulher-datasenado-revela-3-7-milhoes-de-vitimas-em-2025>. Acesso em: 25 nov. 2025;

BRITO, Benilda Regina Paiva. Mulher, negra e pobre: a tripla discriminação. São Paulo: FPA — Fundação Perseu Abramo, 1997;

CANDIANI, Heci Regina. O que pode ser criticado nas críticas ao *Segundo Sexo*? **Cadernos Pagu**, vol. 56, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/ZGWJ3v9GNB3DNGSqPLQ8YHp/?format=pdf>. Acesso em 20/01/2025

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Ciência**. São Paulo, setembro de 1972, vol. 24 (9);

CARVALHAL, Tânia Franco. 1943- **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. — São Paulo: Ática, 2006;

CARVALHAL, Tânia Franco. De traduções, tradutores e processos de recepção literária. nº5, Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 2000;

CARVALHO, Fernanda. Djamila Ribeiro: Sou fruto de um trabalho histórico de mulheres negras. **Revista Cult**, 03 jul. 2019. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/djamila-ribeiro-sou-fruto-de-um-trabalho-historico-de-mulheres-negras> Acesso em: 22 out. 2024;

CAZARRE, Marieta. Movimentos sociais encontram na internet o caminho para mobilizar militantes. **Sul21**, 18 jan. 2016. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2016/01/movimentos-sociais-encontram-na-internet-o-caminho-para-mobilizar-militantes> Acesso em: 10 out. 2024;

CHOPIN, Kate. O despertar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

CLAUDINO, Laiz. Precisamos Falar Sobre Dandara dos Palmares. Medium. Paraná: 20 de novembro de 2018. Disponível em: <https://laizclaudino.medium.com/precisamos-falar-sobre-dandara-dos-palmares-849429bfcfb5#:~:text=Muito%20al%C3%A9m%20da%20esposa%20de,%3A%20Motumbo%2C%20Harm%C3%B3dio%20e%20Aristog%C3%ADton> Acesso em: 10 out. 2024;

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019;

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**; trad. de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COSTA, Guilherme Baggio. Simone de Beauvoir e o feminismo existencialista: contribuições para a filosofia do direito. Revista Avant, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 387–402, 2022. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/avant/article/view/6728>. Acesso em: 14 fev. 2026

COUTINHO, Eduardo. Do uno ao diverso: breve histórico crítico do comparatismo. Organon, Porto Alegre, v. 10, n. 24, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.28684. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28684> Acesso em: 25 set. 2022;

COUTINHO, Eduardo. Literatura comparada hoje. In: ABDALA JR., Benjamin. Estudos Comparados: Teoria, Crítica e Metodologia. São Paulo: Ateliê, 2014. p. 17-42

COUTINHO, Eduardo. **Literatura comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica**. v. 8, n. 8. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/113> Acesso em: 10 out. 2024.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. 1944. 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

DEGUY, Jacques & BEAUVOIR, Sylvie Le Bom de. **Simone de Beauvoir: écrire la liberté**. Paris: Éditions Gallimard, 2008;

DE ARAÚJO SILVA RESENDE, J.; MARINHO DOS SANTOS JÚNIOR, J. .; DE OLIVEIRA, M. H. . Da intergenericidade e os gêneros textuais: uma análise de imagens que circulam na internet. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 164–182, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10391>. Acesso em: 11 ago. 2023.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019; Espaço Feminismos Plurais. Espaço Feminismos Plurais. Disponível em: <https://espacofeminismosplurais.org.br/>. Acesso em: 10 out. 2024;

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: Darte, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020;

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. **Releitura**, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 1-17, nov. 2008. Disponível em: 169. Acesso em: 10 jun. 2024.

FIGUEREDO, Carlos Vinícius da Silva. Estudos Subalternos: Uma Introdução. **Raído**, Dourados, MS, v.4, n.7, p. 83-92, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/viewFile/619/522>. Acesso em 12 ago. 2023;

FONSECA, Ludmilla Carvalho. **Estilhaços de paixão e beleza: a tomada de consciência em A paixão segundo G.H. (1964), de Clarice Lispector, e Les belles images (1966), de Simone de Beauvoir**. 2020. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências e Letras. Assis;

GALSTER, I. (2013). Relire Beauvoir. "Le Deuxième Sexe" soixante après. **Sens public**. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/sp/2013-sp03457/1053998ar.pdf>. Acesso em 15 fev. 2026.

GARCIA, Manon. Não nascemos submissas, nos tornamos. [Tradução da Editora Subta]. [S.l.]: Editora Subta, 2020. (ou a editora atual, Monstro dos Mares).

GENETTE, Gérard. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

GOLAY, Annabelle Martin, **Beauvoir íntimo et politique: La fabrique des Mémoires**. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2013, p. 147;

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 319 p.

GUIMARÃES, Maira. O universo feminino à luz de Simone de Beauvoir: vida, ficção e teoria. Dissertação de Mestrado. Minas Gerais: UFMG, 2015;

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019;

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir, uma vida**. Tradução de Sandra Dolinski. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020;

LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001;

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, Fernando. **CULTURA EM REVISTA: OS ENQUADRAMENTOS DAS EDITORIAS DE CULTURA DAS REVISTAS VEJA E CARTACAPITAL**. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa: Paraná. 131 páginas. 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 240 p. (Série Saberes de Mulheres).

LOUREIRO, Juliano. O que é um ensaio: guia para escrever um texto opinativo. Bingo Conteúdos, 2024. Disponível em: <https://www.livrobingo.com.br/ensaio-guia-para-escrever-um-texto-opinativo#:~:text=O%20ensaio%20%C3%A9%20um%20estilo,cheGAR%20a%20uma%20conclus%C3%A3o%20definitiva>. Acesso em: 19 jan 2026.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. Introdução de Judith Butler; tradução, notas e posfácio de Rainer Patriota¹. Belo Horizonte: Autêntica, 2015;

MALCHER, Monique; RIAL, Carmen Silvia. “Quem tem medo do feminismo negro? A urgência do debate racial no Brasil.”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e60959, 201;

MARQUES, Brenda. A Importância do Feminismo Negro Para o Movimento Feminista Brasileiro. Geledés. Piauí: 07 de março de 2022. Disponível em: https://www.geledes.org.br/a-importancia-do-feminismo-negro-para-o-movimento-feminista-brasileiro/?gad_source=1&gclid=CjwKCAiAqrG9BhAVEiwAaPu5zroNzj4Zix1OzPl1Fn5qz15Z5b82mBWkWAgy2bzSQYCsXk1_lgbqhoCLp8QAvD_BwE . Acesso em: 10 jan. 2025

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 80;

MOISÉS, Massaud. **A criação literária** - Prosa. São Paulo. Cultrix, 2012;

MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo. Teresina: EdUESPI, 2021.

MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (org.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. Coleção Feminismos Plurais coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Jandaíra, 2021;

NORBERTO, Cristiane. Relatório aponta que mulheres ganham 20,9% a menos que homens no Brasil. **CNN Brasil**, São Paulo, 07 abr 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/relatorio-aponta-que-mulheres-ganham-209-a-menos-que-homens-no-brasil/>. Acesso em: 19 (jan) 2026;

ODARA, Norma. Djamila Ribeiro é nomeada secretária-adjunta de Direitos Humanos de São Paulo. **BRASIL de Fato**. São Paulo: Brasil de Fato, 2016. Disponível em: https://prefeitura.sp.gov.br/web/direitos_humanos/w/noticias/217544 Acesso em 25 jan. 2025; PIGLIA, Ricardo. “Teses sobre o conto”. In: **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004;

RIBEIRO, D. **Djamila Ribeiro: “Eu podia ter o conhecimento e não ter a coragem; quando você é mulher negra, é preciso ter os dois”**. [Entrevista a] Luciana Barreto. CNN Brasil, São Paulo, 26 out. 2023. Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/djamila-ribeiro-eu-podia-ter-o-conhecimento-e-nao-ter-a-coragem-quando-voce-e-mulher-negra-e-preciso-ter-os-dois/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

RIBEIRO, D. **Feminismo e Simone de Beauvoir**. Entrevista cedida a Angélica Kalil (2016). Porto Alegre: Revista Bá, 6 jun. 2023. Disponível em: <https://www.revistaba.com.br/feminismo-e-simone-de-beauvoir/>. Acesso em: 12 fev. 2026

RIBEIRO, D. Ser Oprimido Não é Desculpa Para Legitimar Opressão. **Blogueiras Negras**. Ibirapitanga - Rio de Janeiro - RJ. 3 de setembro de 2013.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras; 2018.

RIBEIRO, D. (2013). Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. *Sapere Aude*, 4(7), 506–509. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/5565>. Acesso em: 19 jan 2026.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **Simone de beauvoir e Judith butler: aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2015.

RIBEIRO, D. **Djamila Ribeiro: “Sou fruto de um trabalho histórico de mulheres negras”**. [Entrevista a] Fernanda Carvalho. Revista Cult, São Paulo, 3 jul. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/djamila-ribeiro-sou-fruto-de-um-trabalho-historico-de-mulheres-negras/>. Acesso em: 22 out. 2024.

SAMOYAU, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008;

SANTOS, Denise Gonzaga dos. **Alusão e Construção de sentidos no gênero Literário**. 3ªed. Bahia: III Seminário se Língua Portuguesa e Ensino e I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidades: 2008.

SILVA, Tatiele Novais; DE PAULA, Luciane de. **Refrações de Elena: a construção verbo-voco-visual dos sujeitos**. 30 de dezembro de 2015. Araraquara - São Paulo: gediscursivos. 2015. Disponível em: <https://gediscursivos.wordpress.com/tag/excedente-de-visao/> Acesso em: 25 jan 2025;

STAROBINSKI, Jean. **É possível definir o Ensaio?** Tradução de Bruna Torlay. **Remate de Males**, Campinas, v. 31, n. 1-2, p. 13-24, jan./dez. 2011. Originalmente publicado em: *Pour un temps*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1985. (Cahiers Pour un Temps). Discurso pronunciado por ocasião do recebimento do Prêmio Europeu do Ensaio.

TRUTH, Sojourner. Ain't I a Woman?. In: CONVENÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES, Akron, Ohio, 1851. (Comunicação Oral) — TRUTH, Sojourner. Speech at the Ohio Women's Rights Convention. The Anti-Slavery Bugle, Salem, Ohio, v. 6, n. 41, p. 160, 21 jun. 1851.

TORGA, V. L. M. (2017). “Aludir é melhor que nomear”: a leitura e a alusão no texto literário. **A Cor Das Letras**, 8(1), 193–204. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/cl.v8i1.1576>. Acesso em 18/04/2024.

TORGA, V. L. M. “O JOGO ALUSIVO NAS CRÔNICAS OITOCENTISTAS DE MACHADO DE ASSIS” in: I Seminário Machado de Assis. O jogo alusivo nas crônicas oitocentistas de machado de Assis. 2008. (Seminário).

VIANNA, C. C. Tatiana Nascimento em diálogo com Glória Anzaldúa: interseccionalidade e escrita como caminho para emancipação. Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 14, n. 2, p. 335–351, 2025. DOI: 10.30620/pdi.v14n2.p335. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/v14n2p335>. Acesso em: 17 fev. 2026.

ZAKARIA, Rafia. Contra o Feminismo Branco. Trad. de Solaine Chioro, Thaís Britto. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.
